



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ -UECE

CENTRO DE HUMANIDADES - CH

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA E CULTURAS - MAHIS

LUCIANA XIMENES BARROS

NAS TRILHAS DE UM GUERREIRO:

TRAJETÓRIA, VISÃO DE MUNDO E LUTA DE UM TRABALHADOR

FORTALEZA

2011

LUCIANA XIMENES BARROS

**NAS TRILHAS DE UM GUERREIRO:
TRAJETÓRIA, VISÃO DE MUNDO E PRÁTICA POLÍTICA DE UM
TRABALHADOR**

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em História e Culturas, da Universidade Estadual do Ceará. Como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História. Orientação: Prof. Dr. Antônio de Pádua Santiago de Freitas.

FORTALEZA

2011

BARROS, Luciana Ximenes. Nas trilhas de um Guerreiro: trajetória, visão de mundo e PRÁTICA POLÍTICA de um trabalhador - 2011

227f. : il.

Dissertação (mestrado)- Universidade Estadual do Ceará, Departamento de História, 2010.

Orientação: Prof. Dr. Antônio de Pádua Santiago de Freitas, Departamento de História.

1. Homem simples. 2. Trajetória. 3. Prática Política. 4. Cultura Urbana. Fortaleza-CE.

I. Título.

LUCIANA XIMENES BARROS

**NAS TRILHAS DE UM GUERREIRO:
TRAJETÓRIA, VISÃO DE MUNDO E PRÁTICA POLÍTICA DE UM
TRABALHADOR**

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em História e Culturas, da Universidade Estadual do Ceará. Como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História.

Aprovado em __ / __ / 2011

BANCA EXAMINADORA:

Orientador

Prof. Dr. Antônio de Pádua Santiago de Freitas
Universidade Estadual do Ceará -UECE

Prof. Dr. Altamar da Costa Muniz
Universidade Estadual do Ceará - UECE

Prof. Dr. Gerson Galo Ledezma Meneses
Universidade Federal Da Integração Latino-Americana - UNILA

AGRADECIMENTOS

À Deus por me permitir.

Ao meu professor e orientador Dr. Antônio Pádua Santiago de Freitas minha gratidão por aceitar o desafio desta pesquisa e admitir que Raimundo Guerreiro, um homem comum, ganhasse espaço em minhas discussões acadêmicas.

Aos colegas de sala do MAHIS: Cícero Joaquim, Iramar Barros, José Oliveira, o “bárbaro”, e Luana Carvalho, que esteve comigo quando menos esperei e mais precisei.

Aos meus professores do mestrado: Erick Assis, Carlos Jacinto, José Damasceno, Gisafran Jucá, Gerson Augusto e Marco Aurélio, que de alguma forma contribuíram com meus estudos e pesquisa.

Ao professor Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá, por sua preocupação e dedicação com os alunos do GP Oralidade, Cultura e Sociedade.

Ao amigo Prof. Dr. Agenor Jr, por ter iluminado meu caminho na pesquisa.

Seria longa a lista dos amigos pessoais que tanto compartilharam dos meus lamentos e alegrias durante o longo período da escrita. Mas, dentre eles existe uma que dedico com todo amor e admiração, minha amiga de infância, Leonília Maria de Araújo Ferreira (in memorium). Amiga para todos os momentos da vida, professora dedicada, pesquisadora incansável, tanto que morreu fazendo o que mais gostava: trabalhando em suas pesquisas do doutorado em Zootecnia. Filha do admirável prof. Benedito Genésio, meu amigo de longas conversas na topic de Coreaú-Ce. Só nós sabemos o quão é difícil superar a dor desse luto... Mas, fica da Léo o aprendizado: é preciso sonhar e realizar com amor tudo o que se faz.

Aos meus entrevistados que em seus relatos de memória deixaram ecoar suas vozes que para muitos ficaram silenciadas durante anos. Estes sujeitos me emocionaram, estimularam, inquietaram e fizeram desta pesquisa algo concreto e possível, são eles: Raimundo Guerreiro, Socorro Arruda, Zito, Raimundo Ximenes, Teixeira (in memorium), Mário Albuquerque, José Maria e Zezumira Barros, que sempre achou minha pesquisa uma loucura.

A todos da Associação de Anistia 64/68, por abrir gentilmente as portas para novos pesquisadores como eu. Fica o convite: não podemos deixar que algumas histórias caiam em esquecimento, como a História referente ao período da Ditadura Militar no Ceará..

A FUNCAP - Fundação Cearense de Apoio Desenvolvimento Científico e Tecnológico - por aceitar meu trabalho de pesquisa e apoiar-me financeiramente com o desenvolvimento da mesma.

Aos meus pais, parentes, amigos(as), professores(as), militantes e trabalhadores(as) do rural e do urbano que contribuíram de forma direta e indireta com esta pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa pretende analisar a construção das idéias e visão de mundo de Raimundo Guerreiro. Um trabalhador que viveu na cidade de Pacoti (zona serrana de Baturité do estado do Ceará) e que migrou com a família para Fortaleza. Pretendemos, a partir das vivências e experiências desse trabalhador, adentrar no “mundo do trabalho” ao mesmo tempo em que nos aproximaremos da vida cotidiana dos trabalhadores e suas lutas. O recorte temporal se estende do início da década de 1950 ao início da década de 1980. Período em que Raimundo Guerreiro se transforma de trabalhador rural em operário de fábrica e adere o comunismo como idéia motora de suas indagações e desejo de transformação do mundo. Nossa inspiração vem do diálogo entre os personagens estudados por Carlo Ginzburg (Menocchio), Natalie Zemon Davis (Martin Guerre) e Alain Corbin (Louis François Pinagot) e as narrativas orais dos entrevistados, a imprensa escrita (O Povo, Gazeta de Notícias, O Nordeste, O Democrata) a literatura de bairro, os dados do IBGE e no Roteiro Rodoviário do Ceará de 1953, e documentos administrativos do município e do Estado do Ceará. Compreendemos que desta forma contribuiremos para o conhecimento da transição de práticas e sensibilidades rurais em práticas e sensibilidades urbanas no processo de inserção na cultura urbana em Fortaleza.

Palavras-chave: Cultura, Trabalho, Cotidiano

ABSTRACT

This research aims to analyze the construction of ideas and world view of a subject that henceforth conceptualize, referring Ronaldo Vainfas reflections on the anonymous protagonists of the story. This is real name Raimundo Guerreiro. An employee who lived in the town of Pacoti (Baturité mountainous region of the state of Ceara) and in the early 1950s with his family migrated to the capital, Fortaleza. We intend, as of experiences about the course of that individual, enter the "world of work" while we approach the everyday life of the worker in the capital of Ceara. We scrutinize the elements of change that affect your life and your peers as they seek entry in Fortaleza. The time frame stretches from the early 1950s to the early 1980s. Period marked by great changes in Brazilian public life and the life of Raimundo Guerreiro. Our inspiration comes from the dialogue between the characters studied by Carlo Ginzburg (Menocchio), Natalie Zemon Davis (Martin Guerre) and Alain Corbin (Louis François Pinagot) and the oral narratives of the interviewees, the press (The People, News Gazette, The Northeast, The Democratic) district of literature, data from the IBGE and the Roadmap Road Ceará, 1953, and administrative documents of the municipality and the state of Ceara. We understand that this way will contribute to the understanding of transition practices and sensitivities in rural practice and urban sensibilities in the process of integration into the urban culture in Fortaleza.

Keywords:

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

BNDES- Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

CDI – Conselho de Desenvolvimento Industrial.

DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra as Secas

SESI – Serviço Social da Indústria

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem da Indústria

SESC– Serviço Social do Comércio

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:.....	1
1º CAPÍTULO: Encantamentos: do rural ao urbano	
1.1 - Andanças e memórias: descrição sobre Pacoti e a “Zona de Baturité”	
1.2 - Memórias de um Guerreiro sobre o tempo em que vivia em Pacoti (1940-1950)...	
1.3 - “Para não se criar burro” - O dilema: a escola ou o trabalho.....	
1.4 - Fortaleza sob o olhar de um Guerreiro	
2º CAPÍTULO: Tecendo sonhos na fábrica e fora dela	
2.1- “Era um negócio animado, eu gostava.” – Experiência de trabalho no Cotonifício Leite Barbosa (Fábrica de Fiação e Tecelagem Santa Cecília)	
2.2 - Havia tempo para ler?	
2.3- A vida do trabalhador dentro e fora do espaço da fábrica.....	
2.4 - “Foi exatamente aí onde eu vim desenvolver o que hoje eu chamo de consciência de classe, né.”	
3º CAPÍTULO: 1964 - “Mudou foi tudo mesmo!”	
3.1- “A gente só consegue as coisas é na luta mesmo!”	
3.2 -“ Ser comunista era sempre um perigo”	
3.3 - Visão de mundo de um Guerreiro.....	
4. CONCLUSÃO.....	
5. FONTES.....	
6. BIBLIOGRAFIA.....	
7. ANEXO.....	

Introdução

“Um passado frequenta este presente.”¹

Estando Raimundo Guerreiro na minha trajetória de pesquisa desde os tempos da graduação do curso de História, compreendi que algo ainda estava inacabado no trabalho monográfico intitulado: **Guerreiro Vermelho: Memórias do Movimento Operário Comunista em Fortaleza na década de 1970.**² Sendo a pesquisa, assim como as lembranças, algo infundável revisitamos o passado deste sujeito. Pensando numa nova releitura sobre o universo do trabalho e trabalhadores fabris, Raimundo Guerreiro permanece na pesquisa de mestrado apontando-nos possíveis questionamentos ainda incompreendidos, sobretudo por mim, sobre a vida daqueles que estão dentro e fora da fábrica.

Numa releitura sobre o passado percebemos que os relatos de alguns sujeitos não eram iguais. As narrativas eram reelaboradas a partir da leitura do presente. Mesmo que os assuntos se repetissem em outros momentos ao longo da pesquisa, percebíamos que a narrativa seguinte sempre era acrescida de novos acontecimentos ou até mesmo de silêncios. Partindo da idéia de que as interpretações dos entrevistados sobre o passado podem ser mutáveis e resignificadas, foi que nos propusemos a (re)visitar as lembranças de uma possível “memória coletiva”, pois acreditamos que

As entrevistas, realizadas ao longo dos anos foram estimulantes e fundamentais para analisarmos a experiência de Guerreiro, homem comum, no rural e no urbano. Desta forma, o que inicialmente eram conversas informais, sem gravador, posteriormente tornaram-se relevantes à medida que percebemos que os relatos sobre a vida pessoal, trabalho e militância política estavam conectados a outros acontecimentos históricos do universo o qual está(va) inserido.

Numa leitura subjetiva deste personagem, buscamos compreender como ele participa e elabora sua visão de mundo. Sobre as trilhas da História desenvolvemos a pesquisa: ***Nas trilhas de um Guerreiro: trajetória, visão de mundo e prática política de um trabalhador.*** Na experiência do vivido observamos como sujeitos comuns, a exemplo de Guerreiro, participam do mundo, apontando-nos novas descobertas sobre a história local. Sobre a relação entre a história local e a micro-história, sendo esta a

¹BURKE, Peter. A Escrita da História, p.36

² BARROS, Luciana Ximenes. Guerreiro Vermelho: Memórias do Movimento Operário Comunista em Fortaleza na década de 1970. Sobral, 2005. O trabalho está disponível do arquivo do Centro de Ciências Humanas- CCH, da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. Sobral-CE.

perspectiva que buscamos para pesquisa, a historiadora Sandra Pesavento alerta-nos que:

A micro-história [...] busca ver no local uma porta de entrada ou janela para resgatar o universal e se propõe, como linha de frente a atacar, exatamente o resgate desta articulação entre o todo e a parte. Entende, basicamente, que é no nível micro que se surpreendem melhor os fenômenos mais gerais³

Como apresenta-nos a autora é partindo da micro-história que tentaremos perceber acontecimentos mais gerais. Desta forma, investigando as trilhas desse andarilho saímos de uma experiência individual, compartilhada com o coletivo, para perceber a história local. A migração de Guerreiro do campo para a cidade, Pacoti/Fortaleza, possibilita-nos que outros personagens entrem em cena para relatar sobre as experiências do universo o qual pertencem. Nessas costuras entre o indivíduo, o grupo e a história local, seja ela de ordem política ou econômica, conseguimos alcançar fragmentos do mundo do trabalhador durante as décadas de 1950 a 1980. Desta forma, inquieta-nos investigar uma história ainda não contada, e desconhecida por muitos que só tem valorizado os “grandes” acontecimentos públicos dos “grandes” atores sociais.

E como compreender toda essa tessitura a partir de Raimundo Guerreiro? Alain Corbin apontou-nos uma direção: “em vez de procurar pelas causas, buscar colocar-se na pele dos atores, e reconstruir a lógica de cada um deles, ou de cada um dos grupos envolvidos, para melhor entender, em seguida, o enfrentamento e os resultados”.⁴ Ao se colocar na pele do outro estamos valorizando: “o movimento de se colocar no lugar do outro para compreendê-lo e em acreditar que as coisas (o passado, os sonhos, os textos, por exemplo) têm um sentido latente, ou profundo, a que se chega pela interpretação”.⁵ Para alcançar a formação da visão de mundo deste homem, compreendemos que além de uma sensibilidade para entender a subjetividade dos relatos de memória, outras áreas de conhecimento acadêmico são fundamentais, tais como a antropologia.

Ao adentrar na vida de um sujeito compreendemos que há uma “‘antropologização’ da história no mínimo pela preocupação comum com o registro

³PESAVENTO, S.J. 2000. Esta história que chamam micro. In: C.A.B. GUAZZELLI; S.R.F. PETERSEN; B.B. SCHMIDT e R.C.L. XAVIER (org.), *Questões de teoria e metodologia da história*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, p.232

⁴CORBIN, Alain. O prazer do historiador. In_. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.25, n.º49, p.16, 2005.

⁵Verena Alberti, p.18

etnográfico e a busca das alteridades no tempo”.⁶ Sendo esta uma proposta da micro-história. E se a macro-história não alcança, por vezes, as pessoas comuns, então, contrapomos com a análise da pesquisa direcionada para a micro-histórica que se “debruçou preferencialmente sobre temas deixados à margem, quer pela história convencional ou historicista – apegada aos grandes personagens ou eventos –, quer pela história social dedicada às estruturas sócio-econômicas das grandes totalidades – países, épocas, regiões”.⁷ Dentre tantas histórias negligenciadas pela macro-história, alguns protagonistas, representantes das camadas populares, acabam não tendo suas histórias registradas. Silenciados ou sem registros materiais, ao longo do tempo caem no esquecimento. Correndo o risco de não existirem para as gerações posteriores. Correndo o risco de serem eliminados da História.

Os excluídos, através de suas experiências registradas, sobretudo, pela oralidade, nos dão subsídios para analisar suas estratégias de participação no mundo, possibilitando-nos analisar as leituras que são elaboradas sobre eles. Trabalhar nessa perspectiva que as camadas populares vivem é adentrar no modo deles (re)formularem suas práticas políticas, saberes, sociabilidades, cultura, religião, economia, sonhos e desejos alcançados ou frustrados.

Os fragmentos do passado de gente comum ganha visibilidade social à luz da micro-história, onde “[...] os recortes privilegiados foram sempre minúsculos: a história de indivíduos, comunidades, pequenos enredos construídos a partir de tramas aparentemente banais, envolvendo gente comum”.⁸ Sendo Raimundo Guerreiro, um homem comum, porém com uma trajetória diferente dos demais de seu grupo, isso o faz relevante para a pesquisa e para a História local, como foi dito.

Sobre o tema

A escolha do tema, relacionado com a temática do trabalho, assim como para outros pesquisadores, está diretamente ligada a minha própria memória e vida. Eis que a pesquisa surge a partir da minha experiência de pertencer a uma família de trabalhadores rurais e fabris, homens e mulheres das camadas populares. Foi no meio familiar e nas rodas de conversa, na sala ou cozinha, que surgiu o interesse em saber

⁶ Vainfas, P.105

⁷ Idem, p.105

⁸ P.106

mais sobre a vida dos meus. Os burburinhos passaram a ser relevantes à medida que percebi que os assuntos estavam além do âmbito familiar, havia uma relação da vida privada com a vida pública. O que me despertou interesse dentre as falas foi a luta de alguns dos meus pelo bem comum, tendo como ideologia tornar o mundo melhor, justo e igualitário. Eles acreditavam que na militância do Partido Comunista ou no Movimento Operário conseguiriam mudar a situação na qual viviam.

Como um estalo, a idéia sobre a pesquisa surgiu ao lembrar do que ouvia naquelas rodas de conversas. Tendo a experiência empírica iniciada antes da pesquisa teórica. Os relatos informais a partir de uma metodologia específica voltada para o estudo da história oral passaram a ser estudados como fontes de pesquisa. Sendo os documentos escritos quase que inexistentes sobre os personagens da pesquisa. No entanto, alguns documentos pessoais e jornais da época foram fundamentais para compor o tempo o qual analisamos.

Traçamos inicialmente o percurso da pesquisa ouvindo as narrativas fabulosas de minha avó-paterna, Zezumira. Nas entrevistas registramos as direções para entender a vida da família operária em Fortaleza. Zezumira foi o fio condutor. Numa tarde ao realizamos nossa primeira entrevista, suas primeiras palavras foram: “será que posso falar sobre isso? Será que posso falar de pobreza? ”⁹ Percebi nessas duas frases interrogativas como os pobres e principalmente as mulheres têm que silenciar suas vivências cotidianas. Havia uma timidez sobre o assunto e ao mesmo tempo um desejo de relatar algo secreto sobre a vida familiar. Inquieta, à medida que contava suas histórias, procurava pela casa objetos de memória, funcionando como um escudo para legitimar sua fala. Com o dedo indicador apontava objetos antigos espalhados na sala, como relógio de parede, livros e fotografias, e sobre eles narrava alguma lembrança. Na minha ausência ela rastreava outros objetos para depois apresentar-me.

Nessa relação entrevistador/entrevistado geralmente ocorre uma aproximação e confiança. E nessa relação de confiança que foi construída, certa tarde no momento da entrevista Zezumira leva-me ao seu quarto e retira de uma cômoda antiga uma capanga de couro e dela retirou uma arma de cano longo, que foi utilizada por Rodrigues Barros como proteção no período da Ditadura Militar, devido ao seu envolvimento com o Partido Comunista e o Movimento Operário em Fortaleza.

⁹ A entrevista ocorreu por volta do ano de 2003, em Fortaleza, na casa da Senhora Zezumira. A entrevista foi realizada com o gravador. Objeto que inicialmente causava-lhe estranhamento.

Em seguida, a viúva retirou da gaveta um relógio de bolso Rolex, mesmo que falsificado, representava um certo status para época. Isso mostra-nos um tipo de comportamento dos trabalhadores fabris da época, onde almejavam um certo *glamour* de si mesmo, ao desejar as vestimentas e acessórios das classes abastadas. A viúva tentava cristalizar o tempo passado através dos objetos pessoais de Rodrigues e filhos. O que para Ecléa Bosi é uma tentativa que tudo “permaneça imóvel, ao menos na velhice: o conjunto de objetos que nos rodeiam.(...) eles nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade; e os que estiveram sempre conosco falam à nossa alma(...)”.¹⁰ Zezumira fazia da casa um museu vivo da memória.

Zezumira, entre gargalhadas dizia: “você não tem outra coisa para fazer além de conversar comigo e catar papel velho? Para que serve tanta coisa velha? Acho que está ficando maluca Adriana!” Além de trocar meu nome, havia uma troca muito forte de informações que me fazia sobretudo conhecer a história dos meus. Curiosa deixava-a falar. Desde o ano de 2009, o gravador não me acompanha as visitas à Zezumira, por respeito à idade, cujo corpo pequeno e frágil se apoia numa bengala. Prefere falar sobre a morte e o assunto vem acompanhado de lágrimas. Adora repetir: “A vida é um teatro e cada um tem seu papel!” Curiosamente, como uma analfabeta pode falar de assuntos que mais lembram Michel de Certeau? De alguma forma, esses sujeitos letrados trazem consigo um saber letrado que certamente foi transmitido oralmente.¹¹

Com Zezumira descobri a vida fora das fábricas, sua luta pela sobrevivência, diferente da luta dos militantes de esquerda, mas em nenhum momento inferior. A cada conversa mergulhava na vida dos operários e dos que com eles compartilharam o cotidiano. Tendo papel marcante na decisão de qual caminho eu deveria seguir; isso ocorreu nas falas sempre repletas de angústias pela experiência de pobreza e do medo de perder o marido, Rodrigues Barros, e o irmão, Raimundo Guerreiro, ambos operários e envolvidos com o comunismo em Fortaleza durante a Ditadura Militar. A partir deles fui seduzida pelo assunto.

Em minhas memórias de infância lembro do tio Coti, ou melhor, o Raimundo Guerreiro. Homem de voz mansa, olhos verdes, baixa estatura, educado no trato e de sorriso largo. Fazia serviços como pedreiro em minha casa, uma atividade que realizara ainda na infância em Pacoti. Tinha boas lembranças das conversas com meu tio-avô. Portanto não desejei retratar sobre ele o árduo trabalho rural ou fabril, mas perceber que

¹⁰ BOSI, Ecléa. O tempo da memória. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p.16

¹¹ Procurar a passagem na obra do De Certeau.

existe no trabalhador o homem que participa de outras atividades no mundo e que por isso também pensa e muda o mundo.

Recordo de forma marcante uma visita de Guerreiro em minha casa, em Fortaleza, no ano de 2002, onde pudemos conversar sobre sua militância política. Presente em todo o percurso de pesquisa acadêmica, voltei meu olhar para ele, durante o ano de 2007, quando iniciei a pesquisa do mestrado. Este trabalhador me parece uma fonte inesgotável de conhecimentos, sempre que me afastava para buscar em outras fontes e informações, acabava voltando ao Guerreiro para esclarecer outras. Por isso, não devemos deixar que sua história caia em esquecimento.

Sobre o Objeto

Sendo Guerreiro o sujeito e objeto da pesquisa, nossa intenção com este trabalho é de acompanhar suas andanças que nos mostram os espaços, os sujeitos, as culturas e as histórias, onde os cenários de uma época são (re)construídos. Como afirma-nos Verena Alberti: “é da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu (...)”.¹²” Como num filme em que o ator social, Raimundo Guerreiro, se apresenta em vários cenários e contracenando com outros personagens, dando sentimento ao que é dito.

Mesmo partindo de uma trajetória individual não nos prendemos em compreender somente o indivíduo em relação ao coletivo, mesmo dentro de uma classe que aparentemente era homogênea, como é o caso dos trabalhadores fabris, que se voltou este estudo. Desta forma, levantamos a hipótese que seja numa mesa de bar do bairro, ou, engajado na luta de um Movimento Social, os sujeitos embora agrupados por interesses comuns, divergem em diversos aspectos. Isso ocorre, pois cada sujeito tem experiências de vida e formação de idéias diferentes, embora compartilhadas. A maneira que Raimundo Guerreiro participa do mundo e sua autonomia de pensamento nos insere justamente numa outra maneira de pensar a classe, e sua relação com as Instituições. O que nos faz pensar que a classe dos trabalhadores não era homogênea, durante as décadas de 1950 a 1980. Partimos do pressuposto que isso dificultava as ações e união.

¹² Verena, p.14

Tempo da pesquisa e problemáticas

O recorte temporal da pesquisa compreende das décadas de 1950 a 1980. Período que Raimundo Guerreiro migrou com a mãe, Maria dos Anjos, e o irmão Romeu de Pacoti para capital cearense, Fortaleza, em 1953. Nessa trajetória, que está além do deslocamento espacial geográfico, encontramos caminhos permeados de sonhos. Transitamos pelo mundo do trabalho e do trabalhador a partir de sua sociabilidade, visão de mundo, leituras e experiências com algumas Instituições, tais como com a escola, a fábrica, o Movimento Operário, o Trotskismo e o Partido Comunista em Fortaleza. Sempre na esfera entre o público e o privado, o eu e o coletivo, o rural e o urbano, o trabalho e o lazer, o afetivo e as lutas, o riso e a fadiga, assim o trabalhador se mostra além das relações de trabalho.

Tendo como ponto de partida a experiência do “Guerreiro”, seu sobrenome de família. No entanto, o sobrenome se confunde com o próprio esforço que teve para vencer os obstáculos de uma trajetória que começa no rural e se estende ao urbano. Este sobrenome que traz a idéia de guerrilha passou a ser nome próprio, sendo em determinados momentos apelido para seus “companheiros”, levando-se em conta seu modo de vida.

Participando dessa complexidade do mundo dos trabalhadores observamos que há uma cultura que emana desta classe e é muito peculiar a maneira que os pobres participam do mundo. “Logo, a cultura que brota espontaneamente da sensibilidade popular, irrupção da parte inferior do universo social, sem mediadores nem mediação, muitas vezes é um mito em ação no discurso do historiador hoje.”¹³ Não podemos compreender tais manifestações como algo inferior, ou, cristalizar o discurso de diminuir as ações populares como menos importantes que os demais grupos sociais. Estaríamos impossibilitando que esses sujeitos se elevem a superfície e tenham suas histórias (re)visitadas.

Apesar da disciplina das Instituições, Guerreiro não foge nessa marca inerente da elaboração constante de idéias da classe subalterna. Produziu seus próprios pensamentos ao longo de sua vida, permitindo-lhe uma autonomia de idéias que resultou numa maneira muito particular de viver e perceber o mundo dos trabalhadores.

¹³ DOSSE, François. A História em migalhas: dos Annales à Nova História. Bauru, SP: EDUSC, 2003. p.263

Para explicar suas escolhas individuais. Não procuramos investigar somente a Fábrica Santa Cecília, ou, o Movimento Operário, ou, o Sindicato dos Trabalhadores, ou, o Partido Comunista. Mas, buscamos perceber a relação de tudo isso a vida deste operário e como ele elaborou o seu olhar sobre as mesmas. Na esfera pública, sendo representada pelas Instituições e do privado, a vida pessoal, onde se manifesta seus sonhos, alegrias, desejos de uma vida melhor, a busca por igualdade social, estando interligado ao público e ao privado, partindo dessa experiência é que este sujeito formula como uma colcha de retalhos todo o painel de sua trajetória de vida.

Na historiografia local pouco se têm sobre a visão de um trabalhador para se penetrar no mundo do trabalho, inspirado na micro-história. Com o intuito de preencher esta lacuna sobre os trabalhadores têxteis de Fortaleza, é que esta pesquisa buscou uma reflexão sobre os pensamentos do operário a partir de Raimundo Guerreiro. Não há nenhuma pesquisa desenvolvida sobre este sujeito e para não deixar mais uma história dessas classes subalternas entregue ao esquecimento é que deixamos registrado um pouco do que foi construído historicamente por ele e outros sujeitos. Compreendemos que a partir dele outros elementos foram apresentados na pesquisa, já este participa: da cidade, do bairro, da fábrica, da vida familiar, da economia e da sociedade. No quadro local e nacional, o país passou por grandes processos de transição e conflitos no quadro da política, da economia e do social. Tendo Guerreiro vivenciado este processo. Cabe percebemos como os grandes problemas nacionais atingiram ou influenciaram a vida dele e de outros trabalhadores durante o período que delimitamos.

Pensei em mudar de tema, mas sempre que voltava às fontes que arqueei ou fazia uma nova leitura havia em alguns casos uma relação com o mundo do trabalho, na minha compressão tudo estava ligado. Por que buscar outro tema? O universo do trabalho é inesgotável e interminável do ponto de vista que podemos levantar diversas abordagens para buscar perceber: lazer, religião, trabalho, a vida dentro e fora da fábrica, gênero, política, cultura, sociedade, educação e economia. A partir do dialogo com algumas fontes eis que reconstruímos a história dos trabalhadores.

O que inicialmente parecia simples falar sobre um trabalhador era na verdade complicado de ser realizado e principalmente aceito, academicamente falando. Logo vieram mais indagações: será possível retratar todo o período de um período da história do operariado de Fortaleza a partir da visão de mundo de um personagem? Será que estudar a trajetória de um operário seria relevante para o conhecimento histórico? Será

que recuperando a história de um personagem eu não estaria incorrendo no erro positivista de construção dos “grandes personagens” às avessas?

Sabemos do “interesse de Ranke pelos personagens situados no cimo da montanha da história, os grandes nomes.”¹⁴ Porém, como não cair no erro positivista de privilegiar apenas um personagem? Não nos preocupamos com uma história quantitativa, muito menos queremos compreender todo o operariado a partir de um operário. Compreendemos que na história vista de baixo, que tem como protagonista Raimundo Guerreiro emergiu da busca de se deslocar para os mais humildes a análise das idéias de pensadores menores, no sentido de não ser uma literatura clássica. Apontando-nos as idéias construídas a partir de sua visão de mundo e participação nele. Porém, influenciado por um universo de idéias que cruzam seu caminho, vindas dos mais diferentes “letrados”, que nos faz pensar em “circularidade”. Sobre circularidade

É possível assumir o termo circularidade : entre a cultura das classes dominantes e das classes subalternas existiu, na Europa pré-industrial, um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo(exatamente o oposto, portanto, ‘do conceito de absoluta autonomia e continuidade da cultura camponesa’ que me foi atribuído pro certo crítico.’¹⁵

E essa visão de circularidade de Carlos Ginzburg que diz que é uma comunicação e elemento de cultura popular e elemento de cultura dominante é como vemos a construção das idéias de Raimundo Guerreiro. A história das idéias vista de baixo é uma possibilidade de adentrar numa discussão sobre como essas classes (re)formulam suas idéias. Não podemos desmerecer as idéias das camadas populares, como algo menor ou mesmo rico de conhecimento em relação a outras classes. Sendo essas idéias vindas de baixo tecidas pela circularidade que são reforçadas com a relação com o mundo, com a vida familiar e com seus pares.

Metodologia e fontes

Raimundo Guerreiro ao rememorar acontecimentos passados e reinterpretá-los de acordo com sua visão do presente percebe-se que suas idéias não são formuladas

¹⁴ BURKE, Peter. História e teoria social. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p.29

¹⁵ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes* : o cotidiano e idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.p.10

como algo separado do mundo exterior, mas da relação desse sujeito com outros sujeitos, espaços e tudo que é possível experimentar, seja no campo real ou abstrato.

Para pesquisa entrevistamos: Zezumira, Raimundo Nonato, Socorro Arruda, Raimundo Guerreiro, Mário Albuquerque, Sr. Teixeira, Zito e José Maria.. Desta forma, utilizamos os relatos orais como principal fonte. Embora, as fontes escritas, tais como o Unitário, Gazeta de Notícias, Tribuna do Ceará, Diário do Estado e O Povo, reforçam as reflexões elaboradas ao longo da argumentação. Provocando assim um diálogo sobre este sujeito e os espaços. Buscamos situar os personagens no momento histórico o qual vivenciaram. As fontes escritas e orais são de suma importância para pesquisa. As experiências e vivências dos trabalhadores estão, relativamente, impressas no papel e na memória que organizam uma cultura. Nesse sentido, nosso interesse é adentrar no universo cultural dos trabalhadores a partir da visão de mundo de Raimundo Guerreiro, sujeito que pertence a uma classe subalterna mergulhada na cultura capitalista local.

Como norte para compreensão de um trabalho na perspectiva micro-histórica selecionamos a obra *O queijo e os vermes de Carlo Ginzburg*. Cujo enredo conta a história de Menocchio, um moleiro que vivia numa pequena aldeia nas colinas de Friuli, no século XVI, “onde aos olhos dos conterrâneos Menocchio era um homem comum, ao menos em parte, diferente dos outros.”¹⁶ Essa diferença advém da maneira como ele formulou e divulgou seus pensamentos aos outros da aldeia. Ginzburg nos leva a pensar no caso específico do trabalhador cearense, Raimundo Guerreiro. Sua obra faz-se de suma importância e inspiração.

Carlo Ginzburg em sua obra nos convida a pensar História numa outra perspectiva, dando visibilidade aos personagens anônimos: “Qualificar o tipo de personagem da micro-história como ‘anônimo’ constitui equívoco sério, quase uma ‘heresia’ à luz da micro-história, que de certo modo assume como um de seus pontos de partida metodológicos a busca de nomes, (...) onde viveram esses personagens”¹⁷. Apesar de concordar com Ginzburg, por falta de um termo mais preciso, utilizaremos o “anônimo” para definir aqueles que não tiveram a chance da voz. Portanto, a história é feita, também, por aqueles que estão a margem de uma estrutura estabelecida por uma

¹⁶ Idem.

¹⁷ Vainfas, 2002, p. 138

classe tida como dominante. É imprescindível destacar que “os personagens são, quase sempre, homens comuns, mas não anônimos”.¹⁸

Ignorar a contribuição e participação de homens comuns, do povo, na construção histórica é permanecer no erro de contá-la apenas através dos grandes acontecimentos e heróis. Cristalizando e perpassando gerações um único discurso sobre os fatos. Acreditamos, como Carlos Ginzburg, que no passado até “podiam-se acusar os historiadores de querer conhecer somente as ‘gestas dos reis’. Hoje, é, claro, não é mais assim. Cada vez mais se interessam pelo que seus predecessores haviam ocultado, deixado de lado ou simplesmente ignorado”.¹⁹ Mostrar a história dos que ficam a margem possibilita-nos um debruçamento sobre outras visões de mundo e outras possibilidades de adentrar e perceber o universo daqueles que pertencem às camadas populares. No caso específico da pesquisa, os trabalhadores.

Compreendemos que alguns autores são de suma importância para historiografia a qual nos propomos investigar na História Cultural. Vários autores contribuíram para nossas formulações de pensamentos. Mas, alguns conceitos são indispensáveis para nossa pesquisa. Adentramos na história cultural da classe dos trabalhadores, porém, sempre atentos as práticas cotidianas desses sujeitos que têm uma maneira peculiar de estar no mundo. Daí nosso interesse em investigar a visão de mundo construída a partir dessas “maneiras de viver” de Raimundo Guerreiro.

Denys Cuche com os conceitos de: classe dominante e dominada, cultura popular e cultura de massa, apresenta essas hierarquias de classe, que são fundamentais para compreendê-las. Pois, “as culturas nascem de relações sociais que são sempre relações desiguais”.²⁰ As classes são heterogêneas, mas não significa dizer que são vítimas das classes dominantes. A partir da necessidade de participação no mundo elas se manifestam.

O conceito de circularidade utilizado por Carlo Ginzburg,²¹ em *O queijo e os vermes*, porém, é algo já proposto por Mikhail Bakhtin. Ajuda em nossa análise e entendimento de como as camadas populares de apropriam de uma cultura letrada e dela

¹⁸ ELMIR, Cláudio Pereira. O que a micro-história tem a nos dizer sobre o regional e o local? IN: História UNISINOS. Vol.8,N10,jul/dez.p 194.

¹⁹ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.p.15

²⁰ CUCHE, Denys. Hierarquias Sociais e Hierarquias Culturais in_. *A Noção de Cultura em Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 1999. p.156

²¹ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

constroem e reproduzem seus próprios pensares formulados a partir de algo que foi filtrado por eles.

Tentamos entender se há autonomia de pensamento dos operários, embora tendo vivido o bombardeamento das idéias doutrinárias de um partido, ou outras instituições, tais como Igreja ou Sindicato. As classes não são homogêneas. Ao falarmos de grupos, classes e associações temos um entendimento que por terem ideologias comuns estes sujeitos compactuam e compartilham de pensares e ações de forma iguais.

Guerreiro em diversos momentos explana seus desejos, pensares e necessidades individuais que divergem de outros sujeitos do Movimento Operário, do Sindicato, do Partido Comunista, ou, no espaço de trabalho. Isso deve-se as experiências e vivências que cada indivíduo tem ao longo da vida e que nos possibilita por em questão a autonomia de pensar o bordão do Movimento Operário: “Trabalhadores de todo o mundo, uni-vos”. O desejo de uniformização do pensamento não consegue privar os trabalhadores de pensar por si próprios. O pensamento marxista é desconstruído nas pequenas prática cotidianas em Fortaleza, onde as ideologias no Manifesto Comunista de Karl Marx foram disseminadas aos trabalhadores através dos comunistas nas reuniões que haviam do Partido. Apesar da disciplina do Partido, ela não foi suficientemente capaz de evitar outras formas de pensar o mundo e mudança no quadro social. Mesmo em Fortaleza, onde as ideologias de Karl Marx foram disseminadas aos trabalhadores através do movimento operário se organizando, num primeiro momento em torno das associações, sindicatos e, depois, em torno do Partido Comunista, do Partido Comunista do Brasil etc., desde o século XIX.

Pudemos perceber que além da diferença de espaço, temporalidade e sujeitos. O Movimento Operário de cunho marxista não imperou devido às pequenas divergências existentes nas práticas cotidianas dos sujeitos. Uniformizar, controlar e disciplinar os trabalhadores mesmo porque já existiam contundentes divergências no eixo da vanguarda partidária. Porém, estas divergências não contribuem para existência da diversidade de pensamento dos trabalhadores. Cada maneira de pensar não é o conjunto coerente, são interseções de “pedaços de idéias” que se articula a outros pedaços e que se configuram na forma de pensar de cada indivíduo. Remeter-me a Menocchio é um exemplo da construção de uma visão de mundo incoerente porque é feita de fragmentos de idéias eruditas e de idéias que permeiam as camadas populares.

Muitos dos trabalhadores da Fábrica Santa Cecília, local onde Guerreiro trabalhava, acabavam fragmentando e fragilizando o grupo por terem opiniões

divergentes. Alguns eram ateus, outros católicos, protestantes ou de religião afro; outros eram filiados a partidos, outros apertidários; e eram essas dentre outras diferenças que dificultavam a união dos trabalhadores para lutar por causas em comum do grupo. “As categorias de percepção do mundo social são, no essencial, produto da incorporação das estruturas objetivas do espaço social”.²² Perceber que Guerreiro argumentava isso, mas isso já é um pensar dele. Por que o pensamento já emerge de uma vontade de uniformização.

Sobre os capítulos

No primeiro capítulo: **Encantamento: do rural ao urbano**. Tentaremos apresentar a trajetória de Raimundo Guerreiro. Cujas construção dos pensamentos desse personagem foram sendo (re)laboradas a partir de suas falas sobre sua memória do passado. Abordamos as lembranças de Guerreiro sobre Pacoti, a família e a escola. As memórias da infância são compreendidas no presente. “Poderíamos dizer que o passado se faz no presente.”²³ Quando criança não seria capaz de ter uma visão política tão aprimorada. A construção de pensamentos dele sobre a memória do passado oscila entre os pensamentos de quando era criança e do que foi formulado a partir das suas experiências posteriormente.

Acreditamos que as leituras e os modos de leitura de Guerreiro são responsáveis por sua divergência de pensamento assim se destaca dos demais do grupo. nos propomos perceber como a cultura letrada é representada por um jovem trabalhador rural. Seu deslocamento de Pacoti a Fortaleza, sendo a primeira viagem uma possibilidade de mudar de vida. Chegando em Fortaleza no início da década de 1950. As expectativas e desejos são traçadas nas andanças de Guerreiro pela “cidade das praias”, assim ele a nomeia. Investigamos suas percepções sobre Fortaleza e como participava dela.

Trabalhamos com o uso predominante da oralidade, porém fazemos um diálogo dessas entrevistas com jornais da época. Ao longo do capítulo usamos as entrevistas realizadas com: Raimundo Guerreiro, Socorro Arruda (esposa), Raimundo Nonato (morador do bairro Montese, onde ficava localizada a fábrica), Zezumira Gomes (irmã

²² Ibidem. p.141

²³ SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. Companhia das Letras: Belo Horizonte, UFMG, 2007. P.10

de Guerreiro), Sr. Teixeira (militante do Partido Comunista), Sr. Antonio (ex-operário da fábrica).

No segundo capítulo: **Uma vida em transição: novos espaços e sociabilidades.** Compreendemos que a partir de suas experiências e vivências as matrizes de pensamento de Guerreiro e suas sociabilidades em Fortaleza. Seleccionamos os anos compreendidos entre 1954 a 1964. Período que Guerreiro iniciou seu trabalho como aprendiz de tecelão na Fábrica Santa Cecília. Sendo 1964, por ser um período de mudança em todo o país, devido ao Golpe. Assim buscamos perceber se Guerreiro participou de tais mudanças e quais foram estas.

Ao iniciar no trabalho fabril, logo foi despertado o deslumbramento do primeiro emprego. O encantamento pela fábrica modificara não apenas a vida pessoal, mas todo o modo de compreender a vida dentro e fora da fábrica. O jovem operário casou-se, teve filhos, formou uma família. Além de construir uma casa e novos sonhos. E são nessas construções materiais e abstratas é que adentramos no universo do trabalhador fabril de Fortaleza. Sua emigração possibilita-nos perceber que tipo de mão-de-obra estava sendo utilizada nas fábricas. Os longos anos de trabalho na Fábrica Santa Cecília fizeram com que esse operário pudesse adquirir experiências. Cada sujeito experimenta e vivencia o meio de forma diferente, mesmo estando inseridos num mesmo espaço, tempo, grupo ou classe, no caso específico a classe dos trabalhadores fabris. Apoiada no conceito de Certau, sobre cotidiano, investigamos as práticas cotidianas desses trabalhadores.

Apontamos os porquês dos desencantos de Raimundo Guerreiro, tanto no espaço da fábrica o qual é submetido a longas de trabalho e exploração, como sua vida fora da fábrica. Falar dessas classes subalternas é falar de necessidade, fome e conflitos. Trabalhamos com o conceito de classe subalterna proposto por Cuche, portanto a contribuição do autor possibilita diferenciar a classe dos trabalhadores fabris das demais. Perceberemos o universo do trabalhador, cujo espaço não se limita ao espaço da fábrica, já que a vida dos trabalhadores está dentro e fora da fábrica. Buscamos uma análise sobre suas práticas nesses espaços. Desde suas necessidades, desejos, lazer e lutas (mesmo sem orientação de partido ou sindicato). Acreditamos que assim teremos mais elementos para compreensão do mundo dos trabalhadores.

A partir dos depoimentos de Guerreiro e outros sujeitos que tiveram alguma sociabilidade com ele. Metodologicamente acreditamos na importância da oralidade para pesquisa. Onde a fala desses depoentes é o em muitos casos o único mecanismo que temos para analisar a memória deles sobre o passado. Tendo em vista que em

muitos casos não temos nada produzidos por eles ou sobre eles. Porém, partindo de reflexão sobre o dialogo entre as fontes, não descartamos o uso de documentos escritos. Tais como: jornais, revistas, cartilhas, etc. Embora em toda a pesquisa privilegiamos o uso da oralidade, pelo motivo já explanado.

No terceiro capítulo: **Visão de mundo de um trabalhador**. Pretendemos problematizar as matrizes do pensamento de Guerreiro. A formulação de suas idéias ele começou a construí-las já na sua infância, quando começou a aprender a ler e escrever. Evidentemente, sua visão de mundo passou por um processo de mudança: um choque entre uma cultura interiorana e uma cultura urbana. Na cidade, as raízes de seus pensamentos divergentes são percebidas como interpretações do que é experimentado e compartilhado, através das vivências e do contato com uma cultura letrada. Isto nos possibilita compreender uma heterogeneidade entre os indivíduos de um mesmo grupo ou classe. Nosso interesse é por em questão a idéia de que haja homogeneidade de pensamentos e ações no seio de sujeitos que compartilham de um mesmo espaço social.

Apresentamos como o pensamento dele foi modificado a partir de suas leituras, interpretações e (re)ações; teremos todo o processo de desenvolvimento dos pensamentos de Guerreiro. Tendo em vista a importância dele na fábrica Santa Cecília e fora dela, pois a construção de pensamentos só é possível por ele saber “ler e escrever”. Tais saberes fizeram com que Guerreiro se destacasse em relação aos demais trabalhadores. Daí a importância de investigar o que ele lia, como ele lia, de onde vinha o que ele lia, como adquiria o material lido e quem produzia o material.

Sobre sua visão de mundo numa cidade em transição; abordaremos como a percepção de Guerreiro modificou a partir do contato com uma cultura letrada. Não podemos esquecer que não somente ele sofreu, mas, a cidade passou por um processo de transição durante o Governo dos Militares. O período do Golpe, 1964, e posterior a ele, os comunistas tiveram papel importante ao que se diz respeito a rede de comunicação que havia entre eles, cujo objetivo era divulgar os pensamentos marxistas aos trabalhadores, estudantes e outras camadas da sociedade. E assim fomentar idéias que possibilitassem a união de sujeitos que se identificavam com as lutas e contribuíssem para realização delas. Portanto, muitos desses comunistas estavam nas portas de fábricas. Desta forma, Guerreiro obteve uma relação esses militantes de esquerda. Muito do que Guerreiro leu foi produzido pelos trabalhadores do ABC paulista, pois já tinham um Movimento Operário mais organizado; pelo Sindicato dos Trabalhadores e pelo Partido Comunista. Dentre a diversidade de material lido por estas instituições e a

maneira que as informações circulavam pelo grupo. É importante perceber como Guerreiro interpretava todas essas informações.

O interesse em investigar a vida de Raimundo Guerreiro e conhecer suas práticas, vivências, experiências e interpretações que fazia, não somente dos livros, mas sua própria compreensão do meio no qual vivia (vive) e compartilha(va) com outros sujeitos. Uma visão de mundo elaborada a partir de suas práticas cotidianas.

Faremos uma reflexão sobre aos pensamentos de um sujeito de uma classe subalterna, onde teremos a possibilidade de perceber como a cultura popular se apropria de uma cultura letrada e como se dá esse relacionamento circular. Informações que circulavam tanto na cidade, quanto no interior do Ceará. Informações que vinham de outros estados brasileiros e até mesmo fora. Ou melhor, as informações vinham de fora e eram adaptadas no Brasil, como exemplo as idéias do intelectual alemão Karl Marx. Tais informações chegavam em Fortaleza através dos jornais, livros, revistas, cartilhas, cartas ou panfletos.

A história de sujeitos comuns como Raimundo Guerreiro possibilitam perceber acontecimentos que não estão no campo da macro-história. Não seria uma história de menos valor, pelo contrário, estaremos contribuindo para que as classes subalternas, dos iletrados e dos silenciados, tenham visibilidade no campo histórico. Esperamos com esse trabalho contribuir para perceber como a classe dos trabalhadores constrói seus pensamentos. Com interesse de investigar a vida desse trabalhador das camadas populares é que se faz relevante esta pesquisa.

1º Capítulo

Encantamentos: do rural ao urbano

Raimundo Guerreiro era um dos filhos mais jovens de Francisco Lopes Guerreiro e Maria dos Anjos. Sobre a proteção e bênção de São Raimundo veio ao mundo no dia 23 de maio de 1937, Raimundo Guerreiro, assim nomeado por sua mãe em função da graça alcançada no parto, pelo filho ter chegado ao mundo com vida e saudável. Viveu numa família que era constituída de quatro filhas; Zezumira, Albertina, Iracema e Teonóide, estas tiveram seus nomes retirados dos livros lidos pelo pai, um homem que apreciava a leitura e gostava de poesia. Os filhos “era a mãe quem escolhia os nomes. O santo protetor das mulheres parideiras, o São Raimundo, então ela achou de botar os três tudo com nome de Raimundo.”²⁴ E para não confundi-los recebiam apelidos, como Mundinho, Mundola e outros.

Maria dos Anjos “deu à luz” aos filhos com bastante dificuldade. Todos os partos foram realizados em casa, sendo auxiliada por uma parteira e em alguns casos ela realizava seu próprio parto. Temendo a morte das crianças recorria à fé divina, em especial a São Raimundo para pedir auxílio na maternidade. Por isso, o nome próprio era carregado de signos, ter o nome do santo referia-se à promessa feita ao mesmo ou uma homenagem por ter nascido na mesma data consagrada a ele, dia 31 de agosto. Ser nomeado de Raimundo no Ceará designa uma relação que este sujeito tivera com o santo antes de “vir ao mundo”. Entre Deus e a terra acreditavam os devotos que o santo mediava seus pedidos e nessas relações compreendermos a origem dos “Raimundos Guerreiros” e de tantos outros Raimundos no Estado do Ceará.

À gosto dos pais, Maria e Francisco, os filhos tinham seus nomes de origens poéticas e religiosas. Embora, Maria dos Anjos fosse devota ao São Raimundo, ela e o

²⁴ Entrevista realizada com Raimundo Guerreiro, fev/2007.

marido não freqüentavam nenhuma instituição religiosa, pois acreditavam que os espíritos eram livres. Portanto, nenhum filho fora batizado, pois viam os padres da igreja católica como pecadores e mesmo sendo considerados representantes de Deus na Terra, isso não justificava, segundo o casal, o suposto poder atribuído aos mesmos de abençoar outros sujeitos, uma vez que estes eram homens como quaisquer outros.

Ambos tinham pensamentos incomuns aos demais do grupo onde moravam, mas algumas atividades rurais os faziam partilhar de uma sociabilidade e cultura²⁵ com os outros. Tal participação ocorria principalmente no trabalho rural, quando mulheres, homens e crianças reuniam-se ao nascer do sol para cuidar do plantio, da colheita e da criação de animais em Pacoti e localidades vizinhas.

Trabalhadores rurais adultos e seus filhos misturavam seus saberes no espaço de trabalho; as habilidades e os costumes eram passados de pai para filhos, de geração a geração, com um desejo de continuidade das tradições, como se fosse possível uma permanência dos gestos, valores e modos de saber fazer que eram reproduzidos no ritual familiar ou de trabalho. Desde muito cedo as crianças tinham contato direto com a natureza e com os mais velhos aprendiam que dela retirariam seu sustento, por isso o trabalho braçal, neste contexto, não era percebido como exploração, pois, não estava separado do que lhes era atribuído no cotidiano rural.

Não podemos compreender este ritual de trabalho e aprendizagem dos mais velhos como algo livre de mudanças e conflitos. Assim, como as práticas culturais de um grupo não estavam inertes e sofriam adaptações ao longo de gerações; os conflitos, mesmo no âmbito familiar podiam provocar mudanças de comportamento que refletiam no coletivo, da mesma forma, a situação inversa poderia intervir. Como observamos no caso de Maria e Francisco, onde as divergências de pensamento e comportamento foi motivo de brigas entre eles. Sendo Francisco quanto “pai de família” constantemente questionado pela sua negação ao trabalho braçal, para dedicar-se aos livros.

1.1 - Andanças pelas memórias sobre Pacoti e “Zona de Baturité”

²⁵ Thompson alerta-nos que “ não podemos esquecer que ‘cultura’ é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feitas, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração e o desenvolvimento do costume sob formas historicamente específicas das relações sociais e de trabalho. ”

Ver: THOMPSON, E.P. Costumes em comum, São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 22

Antes de adentrarmos nesse universo rural de Pacoti, lugar onde morava o personagem Raimundo Guerreiro, e com ele fazer uma viagem ao passado através dos relatos de memória, indagamo-nos: por onde começar nossa investigação? Pelo espaço antes do personagem? Sim, pelo espaço onde viveu nosso personagem. Depois do espaço, o sujeito entra em cena. Mas qual é nossa idéia de espaço? É a de Michel de Certeau, a de “um lugar praticado”.²⁶ Não de um lugar, onde “imperava a lei do “próprio”, “indicação de estabilidade”. Não o espaço em si mesmo, mas uma prática específica do espaço: o “relato de viagem”. Mergulhados na bela poesia teórica da “Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer”, encontramos a inspiração para pensar as aventuras narradas do nosso personagem e o que diz delas Certeau, pensando com Merleau-Ponty, quando afirma que o “espaço é existencial” e a “existência é espacial”:

Essa experiência é relação com o mundo; no sonho e na percepção, e por assim dizer anterior à sua diferenciação, ela exprime “a mesma estrutura essencial do nosso ser como ser situado em relação com um meio – um ser situado por um desejo, indissociável de uma “direção da existência” e plantado no espaço de uma paisagem. Deste ponto de vista, “existem tantos espaços quantas experiências espaciais distintas”. A perspectiva é determinada por uma “fenomenologia” do existir no mundo”.²⁷

Nessa perspectiva a existência de nosso personagem tem a ver com os acontecimentos ligados a Pacoti, localizado na “Zona de Baturité”, atual Maciço de Baturité, região serrana do Ceará. O lugar tem a ver com o rio que nasce no sul da serra de Baturité e que banha o município do mesmo nome. Uns defendem, ao estudar as origens indígenas do seu significado, que se deve traduzir o termo por “Lagoa das Cotias”, outros “rio das Pacovas” ou “rio das bananeiras”. Existem ainda aqueles que acreditam que o significado possível é “voltado para o mar”. A cronologia da cidade tem como marco importante a visita da “comissão científica”, em 1859, enviada pelo Imperador D. Pedro II, com o objetivo de avaliar as riquezas das serras do Ceará. Como guisa de curiosidade e orgulho da população, nessa comitiva estavam presentes o poeta Gonçalves Alves e o pintor Reis Carvalho.

Em Pacoti Raimundo Guerreiro, um “sujeito comum”, teve a experiência de viver com a família e ainda na infância migrou para a capital cearense, Fortaleza. No

²⁶ CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.p.202

²⁷ Idem.

percurso, esse personagem nos guiou através dos relatos de memória sua trajetória, permitindo-nos perceber a construção de suas sociabilidades ocorridas ao longo dessas mudanças, seja do espaço de moradia ou intelectual. O contato com culturas divergentes se misturaram, e suas experiências individuais e coletivas nos deram condições de pensar em “outras histórias” sobre os espaços por ele visitados.

Ao relatar suas andanças, Raimundo Guerreiro nos instigou a pensar o “migrante”²⁸ em outra perspectiva, revelando lembranças que não estavam associadas somente a exploração do trabalhador rural e a pobreza, mas, também, a boas lembranças de uma infância feliz com a família no rural. A vida desses sujeitos não estava fadada a martírios, lamentações e angústias. Havia uma expectativa de melhorar de vida. Alimentando uma esperança que poderiam mudar as contradições da sociedade e tirá-los da situação de “inferioridade”. Mesmo em se tratando da década de 1950, período de grande seca no Ceará, o que nos deu margem a pensar que nem todos os sujeitos do meio rural, ao partirem para a Capital, estavam fugindo dela apenas. Ela era a gota d’água que motivaria a saída. Por mais que a literatura sobre aquela seca tenha construído em nós um imaginário catastrófico. O poeta Patativa do Assaré no seu poema “Dois Quadros”²⁹ acompanha, numa certa medida aquilo que Durval Muniz chama de “estética da fome”³⁰:

Na seca inclemente do nosso Nordeste,
O sol é mais quente e o céu mais azul
E o povo se achando sem pão e sem veste,
Viaja à procura das terra do sul.

²⁸ Raimundo Guerreiro viajou com a família em 1953, para Fortaleza. O início da década de 1950 é marcado por ter sido um período que ocorreu uma intensa migração interna de sujeitos dos municípios cearenses para a capital. Embora, o motivo da viagem da família Guerreiro não tenha sido a seca, como veremos ao longo deste capítulo, não podemos deslocá-los do espaço e tempo que estavam inseridos. Por isso, que os “viajantes” da pesquisa analisados a partir do contexto histórico o qual estavam inseridos foram tidos como “migrantes”. Ao observar a massa que se deslocava do rural ao urbano não seríamos capazes de perceber que os pobres que compartilham de uma mesma experiência têm sonhos e comportamentos divergentes. Foi preciso uma aproximação, um olhar minucioso para perceber que um indivíduo merece uma atenção especial para compreendermos peculiaridades de um tempo e espaço, desta forma apropriamo-nos das narrativas orais de Raimundo Guerreiro.

²⁹ A poesia foi publicada em: ASSARÉ, Patativa. Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino. 9ª edição, Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1999, p. 55.

³⁰ Estética onde o Nordeste seria apresentado no “cinema novo” como “uma realidade marcada pela ausência de musicalidade, de sons, de linguagem; seria um espaço de desolamento, da tristeza, do lamento expresso no ranger monócórdio de uma roda de carro de boi, como no filme *Vidas Secas*. Um mundo em preto e branco, de luz crua causticante, quase amorfo; um antiespetáculo do patrimônio cultural da miséria, do aboio triste e repetitivo, entorpecido ao som de uma incelência, ou, pelo contrário, o Nordeste verborrágico, barroco, grandeloquente, de Glauber Rocha”. (...). Ver: ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. A invenção do Nordeste e outras artes. Recife, PE: FJN, Editora Massangana; São Paulo: Cortez, 1999, p. 271-280.

De nuvem no espaço, não há farrapo,
Se acaba a esperança da gente roceira,
Na mesma lagoa da festa do sapo,
Agita-se o vento levantando a poeira.

A grama no campo não nasce, não cresce:
Outrora este campo tão verde e tão rico,
Agora é tão quente que até nos parece
Um forno queimando madeira de angico.

(...)

O dia desponta mostrando-se ingrato,
Um manto de cinza por cima da serra
E o sol no Nordeste nos mostra o retrato
De um bolo de sangue nascente

(...)

Esse é o olhar que marca nossa imaginação de maneira geral. Não que a imaginação esteja deslocada da realidade. No entanto, é possível pensar a seca por outro ângulo e, assim, pensar a Capital, ou a cidade também. A seca que induz a mudança, ao deslocamento, e a cidade como algo que fascina, como última esperança de realização individual.

A experiência de Raimundo Guerreiro em viajar com a família para capital cearense, ajudou-nos a perceber esse percurso – cidade do interior para a Capital – noutra perspectiva. Cujo foco de análise era o universo de um jovem trabalhador rural que nas suas viagens imaginárias e reais desejou ancorar seus sonhos na “cidade das praias”, assim ele intitulava a cidade litorânea de Fortaleza.

E ao pensar em percurso de viagem pressupõe-se que todo viajante sabe dos seus interesses com tal deslocamento, mesmo sem uma noção técnica de espaço, ou, não dispondo da utilização de mapa ou roteiro, certamente chegará ao lugar desejado, podendo contar com a sorte de conhecer pessoas no caminho que possam ajudar-lhe a reduzir o tempo de viagem por meio de atalhos. O transeunte de terras alheias é antes de tudo um aventureiro, que na expectativa do “novo” e do porvir deixa pulsar sentimentos que levam seu corpo a vagar e observar o mundo em que vive. Com ou sem destino, o viajante carrega consigo além de malas, desejos e sonhos.

Assim, Guerreiro torna-se um *flâneur*:

Se, desse modo, o *flâneur* chega a ser um detetive contra a sua própria vontade, trata-se de algo que socialmente lhe cai muito bem. Legítima sua vagabundagem. A sua indolência é apenas aparente. Atrás dela se esconde a vigilância de um observador que não perde o malfeitor de vista. Assim, o detetive vê se abrirem vastos campos à sua sensibilidade. Ele constitui formas de reação adequadas ao ritmo da cidade grande. Colhe as coisas em pleno vôo; com isso, ele pode se imaginar bem próximo ao artista. Todo mundo louva o rápido lápis do desenhista. Balzac em geral quer ligar a maestria artística à rapidez de percepção.³¹

E para que essa percepção possa ser mais acurada, nos nortearmos pelo percurso de viagem, do rural ao urbano, realizado por Raimundo Guerreiro e sua família em 1953. Nesse caso, utilizaremos como ilustração, o *Roteiro Rodoviário do Ceará* do D.A.E.R.³² - Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem - que foi organizado na 5ª. Secção da Divisão Técnica do D.A.E.R, pelo engenheiro José Bastos Macambira, na gestão do engenheiro e diretor geral, Roberto Vieira Nepomuceno, durante a administração do Governador do Estado do Ceará, Raul Barbosa³³, eleito pelo PSD nas eleições de 1950.

Impresso em formato de livro, mapas anexados e fotografias dos municípios e capital cearense, o Roteiro foi divulgado em setembro de 1953. Em sua capa a fotografia de uma estrada cortando uma mata com palmeiras, nos faz questionar quais interesses em elaborar um material de cunho turístico, pois estamos tratando de um período de grandes secas no Ceará. Acredita-se que parte das verbas do Estado naquele momento deveria ser direcionada em medidas emergenciais que pudessem amenizar ou solucionar a situação calamitante do semi-árido cearense e a vida de homens, mulheres e crianças que sofreram pelos males advindos pela seca.

Pressupõe-se que o Roteiro sendo elaborado nesse contexto histórico teve algum tipo de retorno ao D.A.E.R.. Segundo os engenheiros do Departamento e responsáveis pelo Roteiro, o objetivo era “prestar proveitosa e eficiente colaboração aos usuários das

³¹ KHOTE, Flávio R. e FERNANDES, Florestan. Walter Benjamin. 2ª edição, São Paulo: Editora Ática, 1991, p. 70.

³² Sua denominação anterior (27 de dezembro de 1945 – Lei Joppert), era Departamento de Estradas de Rodagem do Ceará - D.E.R. Depois, 2002, passou a se chamar DNIT (Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes).

³³ Segundo Parente: “Raul Barbosa, o governador eleito, era um tecnocrata e professor da Faculdade de Direito do Ceará e não uma pessoa ligada ao meio rural como sugere a literatura sobre o coronelismo no Nordeste. Ele inclusive, nasceu em Fortaleza, a capital do Estado. ”

VER: PARENTE, Francisco Josênio C. In Uma nova História do Ceará. Org. SOUZA, Simone. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p.390.

rodovias do Ceará ”³⁴. Informando-os sobre as vias de acesso e quilometragens, o número de habitantes, as atividades econômicas e os serviços públicos e privados, trazendo em seu seio dados técnicos sobre o campo e a cidade. Implicitamente os engenheiros ao descrever cada município formulavam e defendiam um discurso para legitimar a criação e reforma de estradas, sendo o órgão responsável para a realização das obras públicas o próprio D.A.E.R.; justificando-se, talvez, a elaboração do Roteiro.

Pelas coordenadas do Roteiro partimos de Pacoti, na “Zona de Baturité”, onde segundo os dados populacionais do censo do IBGE de 1950, correspondia a: “Zona de Baturité – 183.000; Aracoiaba- 24.258; Baturité- 37.927; Maranguape- 41.585; Pacatuba- 19.990; Pacoti-30.373 e Redenção com - 28.867”³⁵ habitantes. Os dados quantitativos fornecidos pelo IBGE ganham uma paisagem com as informações do Roteiro Rodoviário do Ceará de 1953, que nos permitiu ver o trajeto – Pacoti/Fortaleza – por meio de mapas, descrições da capital e desses municípios cearenses. O mesmo referiu-se a Pacoti como sendo uma:

cidade localizada na serra de Baturité, à margem do Rio Pacoti, a uma altitude de 700 metros é a sede no município do mesmo nome. Seu aspecto é tipicamente serrano, de topografia irregular e clima bastante ameno. Suas ruas e praças são calçadas parcialmente e iluminadas à luz elétrica. Prédios residências embelezam as suas artérias principais. Estão situados no município inúmeros sítios produtores do afamado Café Baturité, que constitue a principal base de sua economia. Além do café, produz ainda muita cana de açúcar – matéria prima para o fabrico de rapaduras e aguardente. E também um grande centro produtor de frutas cujo consumo é feito pela Capital. A população do Município é de 30.689 habitantes.³⁶

Pacoti em relação a outros municípios possuía luz elétrica, ruas e praças calçadas; dando uma idéia de urbanização e ordenamento do espaço geográfico. A economia local era basicamente da produção de cana de açúcar, café e frutas, que eram responsáveis pela renda da maioria dos trabalhadores rurais. Mesmo Pacoti sendo

³⁴ Roteiro Rodoviário do Ceará de 1953, D.A.E.R.,Ceará, setembro de 1953.

Ver: Capa - consta uma fotografia com uma estrada cortando uma mata com grandes palmeiras. Fazendo alusão ao “progresso” que chegava no campo por meio desta obra. Contra capa – apresentação dos realizadores do Roteiro Rodoviário.

³⁵ IBGE – Conselho Nacional de Estatística. Serviço Nacional de Recenseamento. Série Regional. Dados sobre a população presente da Zona de Baturité. Censo realizado em 1 de julho. Estado do Ceará:1950, v. XIV, t.1, p.65

³⁶Roteiro Rodoviário do Ceará, 1953, D.A.E.R.,Ceará, setembro de 1953, p. 78.

Segue em anexo o mapa do Ceará onde percebemos o percurso feito por Raimundo Guerreiro e a família, de Pacoti a Fortaleza, por volta do mês de outubro de 1953.

descrita desta forma, a cidade de maior destaque na “Zona de Baturité” era Baturité, por ser uma área de produção agrícola e possuir um centro comercial que atraía municípios vizinhos. Sendo a cidade descrita pelo Roteiro como:

Cidade séde do município do mesmo nome, localizada ao sopé da serra de Baturité, está banhada pelos rios Aracoiaba e Putiú. É um grande centro comercial, iluminado à luz elétrica e abastecida se serviço d’água cuja captação é feito do rio Aracoiaba. Suas ruas são quase totalmente calçadas e arborizadas. É também um grande centro de ensino religioso que é administrado principalmente pela Escola Apostólica dos Jesuítas. Além deste estabelecimento de ensino de cunho religioso, existem em pleno desenvolvimento o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e Colégio Salesiano, ambos oficializados. A cidade possui, para operações bancárias a Agência do Banco do Brasil, Banco Comercial e Agrícola de Baturité e Banco Rural de Baturité. O município é um dos mais ricos do Estado, suas terras estão situadas parte no sertão e parte na serra de Baturité. As suas principais culturas são cana de açúcar e café, produzindo também em grande escala, frutas de variedades diversas que são exportadas na sua totalidade para a Capital. A cidade está ligada à capital por estrada de rodagem e pela R.V.C. A população do Município é de 38.848 habitantes.³⁷

Devido às atividades agrícolas produzidas em grande escala, movimentava na região uma economia específica e oriunda principalmente da produção de cana-de-açúcar e café, o que justifica a presença de três bancos que atendiam aos demais municípios da região. Maior parte da produção era destinada à capital, cujos alimentos chegavam por meio de pau- de - araras ou trem, pela Estrada de Ferro de Baturité - EFB, que ligava Baturité a Fortaleza, passando pelo ramal de Maranguape. A EFB foi construída a partir do “contrato assinado a 25 de julho de 1870, entre Governo da Província e a Companhia Cearense de Vila Férra de Baturité ”³⁸; cujo interesse era ligar e facilitar o comércio entre a capital do Estado e a cidade de Baturité.

Além das atividades econômicas, havia em Baturité uma forte presença de escolas católicas e de mosteiros, resquícios de uma ocupação portuguesa e jesuítica na região. Os dados do IBGE de 1950, apresentavam um quadro bastante relevante sobre a predominância de católicos romanos, em relação aos protestantes e espíritas. No total de: “89.522 homens e 91.065 mulheres católicos romanos; 739 homens e 749 mulheres

³⁷ Roteiro Rodoviário do Ceará.Op. cit.,p. 23

³⁸ FERREIRA, Benedito Genésio. A Estrada de ferro de Baturité: 1870-1930; Projeto História do ceará, política, indústria e trabalho 1930-1964. Fortaleza, Edições Universidade Federal d Ceará/ Stylus Comunicações, 1989. p.32

protestantes; 134 homens e 112 mulheres espíritas”³⁹ na “Zona de Baturité”. Os dados deixaram lacunas sobre outras possibilidades de religião ou incredulidade da população.

A Igreja Católica na região, assim como em outros municípios cearenses e estados brasileiros teve participação não apenas na vida religiosa com seu papel evangelizador e ideológico cristão, mas na política. A sua força de participação era decorrente da representação que tinha entre fiéis e poder público.

No Ceará a Igreja Católica participava da vida política e partidária, mesmo que tal prática não tenha sido aprovada por alguns membros eclesiásticos, que não desejavam misturar assuntos que não fossem de cunho religioso. Como podemos observar ainda na década de 1930, instalava-se a Junta Estadual Cearense da LEC - Liga Eleitoral Católica - “no dia 16 de dezembro de 1932”⁴⁰, com isso almejavam uma participação da ideologia católica na vida pública. No Ceará a LEC tinha uma atuação anti-comunista, mostrando assim seu caráter político e ideológico.

Na “Zona de Baturité” a Igreja atuou nos movimentos, associações e sindicatos rurais. Ao que se refere ao combate contra os comunistas na região justificavam como uma medida de controle a ideologia de esquerda que poderia ser divulgada entre os trabalhadores que por influência poderiam se rebelar contra os donos de terra. Seja no semi-árido, ou na região serrana do Ceará encontramos em temporalidades diferentes problemas relacionados ao trabalhador do campo, aos donos de terras, a política e a Igreja. Os três últimos formavam um tripé de forte domínio no Estado.

O Ceará da década de 1950, como nos referimos acima, foi marcado pelas constantes secas que ocorreram tornando-se alarmante a situação do Estado para o resto do país. Cabendo ao poder público solucionar os problemas, e como medida emergencial iniciaram a construção de algumas obras públicas, como barragens, açudes e estradas. Propondo-se trazer “benefício” ao trabalhador rural à medida que ofereciam trabalho aqueles que tentavam refugiar-se em Fortaleza. Com o início das obras acreditava-se que era possível manter muitos homens ocupados nas construções evitando com isso a migração de famílias para capital ou outros estados.

Este processo migratório deveu-se primordialmente às constantes secas que atingiram até a região serrana de Baturité, como mostra-nos o jornal Gazeta de Notícias

³⁹ IBGE – Conselho Nacional de Estatística. Serviço Nacional de Recenseamento. Série Regional. População presente, por sexo e religião, segundo as zonas fisiográficas e os municípios. Senso realizado em 1 de julho de 1950. Ceará. v. XIV, t.1,p.76-78

⁴⁰ MONTENEGRO, Abelardo F. Os Partidos Políticos do Ceará. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará, 1980. p.120.

em 17 de outubro de 1953, com a matéria intitulada: A Saarização do Nordeste. Em carta enviada a redação do jornal, o agrônomo Esmerino Parente, diretor da Escola de Iniciação Agrícola de Pacatuba no Ceará descreveu a situação emergencial do Nordeste:

a atual conjuntura das zonas semiáridas e subúmidas do Nordeste Oriental, principalmente da velha província cearense.(...)Nos três anos de estiada, as chuvas não foram suficientes para encher os açudes e restaurar as reservas do subsolo. Na faixa litorânea, em regra muito abundante de água freática, as águas se aprofundaram sensivelmente, secando talvez centenas de poços profundos. Muitos sítios dos municípios de Fortaleza, Caucaia, Cascavel, Pacajús, Acarape, Aracoiaba, Baturité e outros, todos da zona subúmida, estão em dificuldades de água (...) ⁴¹

Na carta o agrônomo, Esmerino Parente, alertou que muitos sítios da região de Baturité sofreram pela falta de água. O que intensifica, segundo ele, a situação alarmante do Ceará neste período, sendo até a região serrana do Estado atingida.

Como vimos, até então o Nordeste do ponto de vista da Ciência foi retratado com base em dados técnicos sobre os espaços geográficos, onde engenheiros e agrônomos apresentaram possíveis mudanças que trariam melhorias para o social. Podendo isso intervir nas medidas tomadas pelo governo vigente. A partir dessa idealização do saber científico de “lugar ideal”, seja no rural ou no urbano, a construção de grandes obras públicas, como açudes e estradas, marcaram esse tempo e de outros tempos à medida que estas perpassaram gerações. Mesmo que tenha havido uma possível melhoria social a partir dessas obras, as informações do jornal não foram capazes e suficientes para explicar a permanência ou a migração de muitos sujeitos do meio rural para Fortaleza, outras cidades e regiões.

Raimundo Guerreiro emergiu nesse contexto sobre a seca não para relatar suas lembranças sobre o assunto, mas para narrar suas vivências em Pacoti. A decisão de ir com a família para Fortaleza em 1953, não teve nenhuma relação direta com a seca, pelo contrário, ao falar sobre a serra de Baturité afirma que o clima e vegetação eram favoráveis aos moradores: “tanto que atraiu muita gente que vinha fugida da seca.”

Não estamos com isso negando que as contínuas secas na década de cinquenta foram catastróficas, muito menos eliminamos a existência dos grupos de flagelados da que migraram fugindo da seca. Se assim fizéssemos estaríamos cometendo um erro irreparável para a História e vida daqueles que sofreram ou morreram de fome e sede

⁴¹ GAZETA DE NOTÍCIAS. ANO XXVII, N 8339, 17 de outubro de 1953, Fortaleza-CE, p.7

neste período. Em contrapartida as memórias sobre esse período foram divergentes e a escolha da família Guerreiro nos fizeram perceber que quando os sujeitos são observados individualmente e não somente pelo ponto de vista das massas, ganhamos com a riqueza de detalhes das narrativas, que alguns jornais ou dados de Instituições não foram capazes de revelar. Os dados quantitativos não foram capazes de dar voz aos flagelados que clamavam por água e comida, porém em cada corpo esquelético havia uma alma que carregava uma identidade e um modo de estar no mundo.

Quando voltamos nossas atenções para o indivíduo percebemos que as trajetórias de vida foram (im)pulsionadas por desejos e escolhas diferentes de outros do grupo o qual estava inserido. Fazendo-nos refletir sobre a autonomia de pensamento e comportamento do indivíduo com relação aos demais. Eclodindo, nesse contexto histórico do Ceará, relações sociais e visões de mundo divergentes entre aqueles que participavam da vida rural de Pacoti e outras localidades da região de Baturité. Para compreendermos esta relação, Michel de Certeau afirma-nos que os lugares são:

Histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo.⁴²

O lugar tem uma áurea que está para além da matéria, do seu espaço geográfico e monumentos, existem histórias que caíram em esquecimento, outras foram silenciadas, outras permanecem como um suspiro ou engasgo, porque nem sempre as relações sociais do presente permitem que muitos sujeitos evoquem histórias passadas, principalmente ao que se refere à vida privada e política.

Acreditamos que um sujeito que tem um forte elo de relação com o lugar faz emergir relatos sobre o passado, até mesmo os mais longínquos a partir de estímulos, como uma fotografia, música, cheiro ou objeto de memória, pois cada um guarda em si e para si memórias, que podem ser expressadas minuciosamente em narrativas repletas de sentimentos, sejam elas boas ou ruins. Fazendo-nos perceber como os sujeitos viveram seu tempo passado e como os compreendem no presente.

No caso de Raimundo Guerreirourgia em suas falas durante as entrevistas uma vontade de mostrar que mesmo na vida humilde em Pacoti havia felicidade no que era compartilhado com os demais. As descrições fragmentadas sobre o universo rural nos

⁴² CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.P.189

colocaram frente às experiências de vida, ao cotidiano, aos valores da família, a educação, a religião, as estratégias de sobrevivência, aos saberes e a cultura de um grupo, especificamente neste primeiro momento da pesquisa, a cultura popular. Não temos a pré-tensão em desvendar a cultura popular somente a partir de um único sujeito, mas Raimundo é exemplo de um “homem comum” egresso de uma cultura popular. Ele teve uma participação e visão de mundo diferente dos demais com quem teve uma sociabilidade durante a vida em Pacoti e posteriormente em Fortaleza.

E. P. Thompson, historiador tido como da História Social, contribui de forma formidável ao retificar que a “‘cultura popular’ é situada no lugar material que lhe corresponde”⁴³, desta forma, as descrições e análises ficaram restritas ao meio rural, especificamente Pacoti, durante as décadas de 1940 e 1950. Tivemos o cuidado de não por Raimundo Guerreiro em uma outra temporalidade sem antes mostrar a raiz de sua visão de mundo. Não quisemos mostrar um homem urbano e jogá-lo de pára-quedas numa fábrica, ou falar de sua militância no Movimento Operário e Partido Comunista sem antes perceber o quão suas origens de luta no campo foram fundamentais para sua formação. Se a sua visão de mundo é objeto de estudo nesta pesquisa, então acompanhar mesmo de forma fragmentada essa transição – campo/cidade - faz parte do processo de compreensão da formação de idéias dele. Possivelmente sem as experiências que tivera ele não seria o mesmo sujeito o qual nos propomos investigar.

1.2- Memórias de um Guerreiro sobre o tempo da vida rural em Pacoti, 1940-1950

Sobre este tempo e espaço revisitamos a memória do “velho Guerreiro”, assim chamado carinhosamente pelos colegas e amigos do tempo de militância de esquerda em Fortaleza. Um homem de olhos verdes herdados da mãe, Maria dos Anjos, cabelos lisos e pouco grisalhos, que com certo ar de vaidade são penteados para o lado, aparentemente fixados a cabeça com brilhantina, um produto químico muito utilizado nos cabelos da juventude de sua época. A pele de cor parda é retrato de sua miscigenação, pois o pai, Francisco Guerreiro, segundo ele era “filho de portuga, de pai e mãe portugueses”. Com baixa estatura e corpo magro aos olhares mais desatentos ou sendo observado à distância lembra-nos um garoto, mas o estilo da vestimenta, blusa de botão, calça social e chinelos de couro que de tão gastos mostram como o seu caminhar

⁴³ THOMPSON, E.P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.p17

tornou-se lento ao longo dos anos de vida. O corpo cansado de anos de luta do “velho Guerreiro” ainda tem idéias que freneticamente alimentavam sua vida na juventude.

Todas as entrevistas que foram realizadas em seu lar seguiram o mesmo ritual: ao chegar à sua casa para entrevistas ele caminhava até a porta de entrada, recebia-me com um aperto de mão e em seguida puxava as cadeiras para falar de coisas triviais do cotidiano. No momento de ligar o gravador acendia um cigarro e puxava para perto uma lata de leite em pó vazia que utilizava como cinzeiro, em seguida sentava-se na rede que ficava constantemente armada na sala, onde logo atrás, no canto da parede uma escrivanhã com livros espalhados nos remete a pensar que ali é seu espaço de deleite para as leituras e descanso. Depois do espaço organizado ele dizia: “pois bem!” Neste momento sabia que ele estava preparado para responder meus questionamentos.

Em uma de nossas entrevistas ele contou suas memórias sobre a infância e juventude em Pacoti, sua idade era superior a setenta anos, mas voltando-se para dentro de si, ele se fez criança no meio rural. Em seu semblante de contentamento escaparam as primeiras palavras: “tive uma infância feliz, numa serra muito farta, era feliz participando daquele ambiente. Foi uma infância muito boa!”⁴⁴ Pacoti aparece como seu lugar da memória⁴⁵ devido as relações de afeto por ter nascido e vivido durante anos no lugar, permitiu-o (re)criar seu cenário do passado.

O lugar de sua infância tinha uma bela paisagem verde, onde ele caminhava com pés no chão sobre a terra úmida, respirando ar puro, onde avistava uma grande diversidade de plantas nativas e plantações agrícolas. Subia em árvores frondosas para retirar com os outros “meninotes” os frutos mais altos. Pulava e banhava-se em pequenos córregos de águas limpas e claras que vinham do alto da serra de Baturité. A mãe preocupava-se com as travessuras de Guerreiro e dos irmãos, mas tudo não passava de brincadeiras de crianças. O meio rural foi recordado por Guerreiro de forma lúdica e com características paradisíacas, pois ali os horizontes pareciam maiores permitindo-o sonhar sem limites de espaço, fazendo-o experimentar e compartilhar o mundo ao redor

⁴⁴ Entrevista realizada com Raimundo Guerreiro em sua residência na rua Livino de Carvalho no bairro Montese, Fortaleza-Ce, no dia 09/11/07.

⁴⁵De acordo com Michael Pollak: “Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independente da data real em que a vivência se deu.” Observamos esta mesma relação nas memórias de Raimundo Guerreiro ao falar da infância em Pacoti.

Sobre o assunto ver: POLLAK, Michael. Memória e identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992,p.201.

com mais sabor, brincando de criar e recriar mundos imaginários, mágicos e vivê-los como se fossem reais, por mais ilusórios que parecessem aos adultos.

Michel de Certeau a partir de um pensamento inaugurado por Freud analisa esta relação de uma pessoa consigo mesma, comparado-a ao ato de pisar o solo da terra-mãe. Numa caminhada subjetiva e metafórica para dentro de si, observando que “a infância que determina as práticas do espaço desenvolve a seguir os seus efeitos, prolifera, inunda os espaços privados e públicos, desfaz as suas superfícies legíveis e cria na cidade planejada uma cidade ‘metafórica’ ou em deslocamento [...]”⁴⁶ Caminhando para dentro de si, a infância foi retomada como lugar seguro e imaculado, permitindo-o a uma releitura do tempo e do espaço. Remetendo-se mesmo que por instantes a uma temporalidade sem conflitos.

Ao contar sobre o passado sabemos que emergem outros episódios sacudindo assim outras lembranças sobre a vida familiar e suas relações sociais. Relações essas que foram narradas a partir das lembranças dos sujeitos, sobre a vida privada e pública. Tais lembranças se entrecruzam. Por isso, sobre o tempo de Raimundo Guerreiro em Pacoti, sua esposa, a senhora Socorro Arruda, se recorda de fatos que ela não viveu. Isso ocorre, porque as lembranças, também, foram construídas coletivamente ao serem contadas em rodas de conversa no lar.

Socorro Arruda ao falar do casal de sogros, Maria dos Anjos e Francisco Guerreiro, afirma-nos que a sogra era uma mulher muito “batalhadora, rebelde, não agüentava nada calada! Já o velho era pacato, meio malandro, não queria trabalhar, era só negócio de ficar escrevendo. Era um intelectual, queria ser escritor! Saía e ficava três dias fora de casa, por isso foi logo embora.”⁴⁷ E o que parecia ser apenas uma separação conjugal retratou a escolha de um homem pela militância frente às Ligas Camponesas em Pacoti e região de Baturité. Tal comportamento revela o quão a ideologia era importante para estes sujeitos que se propunham a lutar por justiça no campo. Não sabemos qual era precisamente qual corrente de pensamento ele seguia. Também, não sabemos qual a data precisa da militância de Francisco, mas pressupomos pelos dados fornecidos nas entrevistas que tenha ocorrido entre as décadas de 1930 e 1950.

Sabemos que no ano de 1957, foi fundada a FALTAC – Federação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Ceará- tendo esta entidade congregado os

⁴⁶CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p.191

⁴⁷ Entrevista realizada com a senhora Socorro Arruda, esposa de Raimundo Guerreiro. Local: Fortaleza-CE. Data: 09/11/2007

camponeses até 1963. A FALTAC reuniu aproximadamente trinta Associações, dentre elas “a oitava, Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Pacoti sob a liderança de João Sampaio de Andrade e Heitor Bastos.”⁴⁸ A região de Baturité foi palco de lutas dos trabalhadores rurais mesmo antes da existência de quaisquer Associação ou Sindicato Rural, cujas orientações neste período eram intermediadas pelo PCB.

Não sabemos quando e como Francisco Guerreiro conheceu o Partido Comunista, mas, seus pensamentos e comportamentos nos levam a crer numa participação ativa em defesa dos trabalhadores rurais, onde o desejo de bem-estar comum, de melhoria no meio rural o fez optar por viver como um andarilho nos sítios, fazendas e povoados advertindo os trabalhadores da exploração a qual eram submetidos pelos donos de terras na região de Baturité. Zezumira, uma das filhas mais velha de Francisco Guerreiro, recorda que ele

era de uma família de um povo muito inteligente, era cantador de viola, era poeta, eles são de Redenção, os meus tios. Eu fui pra Pacoti com sete anos. Eu achava tudo bonito do meu pai, mas onde ele foi morar dava era pena. A casa parecia de cachorro, de cabra, porque ele era muito perseguido, aí era uma casa lá dentro dos matos, porque se a polícia soubesse dele ia lá buscar. Papai sofreu muito, mas era muito peitudo!⁴⁹

Saudosa, Zezumira admirava a coragem do pai que foi perseguido por “cabras armados” a mando “dos homens”, donos de terras na região. O “Velho Chico Guerreiro”, como ela se refere ao pai, escondia-se na mata e nesse labirinto verde morou durante anos numa choupana, chegando a passar fome e adoecer, mas ele acreditava que ali era um lugar seguro e não seria descoberto. “Como o velho sofreu!” Exclamou Zezumira ao falar do pai que “trabalhou em Pacoti aí ele foi pra Redenção, onde foi

⁴⁸ No Brasil as décadas de 1950 a 1970 são marcadas pelas lutas de movimentos sociais e sindicais. No Ceará os sindicatos rurais irão surgir na década de 1960, embora a luta do homem do campo já existisse. Temos conhecimento que durante a década de 1940, o PCB trabalhava no intuito de formar e organizar no interior do estado camponeses conscientes e politizados a partir de uma ideologia do próprio partido. A luta consistia inicialmente na criação das Ligas Camponesas e posteriormente Associações, para consolidar e unir a força dos homens e mulheres do campo. Todo esse processo antecede a criação do sindicato rural. A primeira equipe da qual temos conhecimento foi formada para discutir a situação no meio rural no Ceará foi “constituída por José Leandro Bezerra da Costa, Fernando Ferreira e Pompílio Rocha, sediados em Fortaleza, serra de Baturité e Uruoca, respectivamente cabendo a ela a responsabilidade pelo trabalho desenvolvido entre os anos 1945 a 1950.”

VER: OCHOA, Maria Glória Wormald. As origens do movimento sindical de trabalhadores rurais no Ceará 1954-1964. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará / Stylus Comunicações, 1989.p.80

⁴⁹ Entrevista realizada com Zezumira Barros, em seu sítio, cujo irmão Raimundo Guerreiro estava morando e cuidando das terras no período da entrevista. O sítio fica na localidade de Siupé, São Gonçalo-CE. Data da entrevista: 04/01/2004.

libertado os escravos aí ele foi se socar no meio dos matos para não ser pego.”⁵⁰ Ela faz uma relação do pai com Redenção, o que corresponde a idéia de liberdade que sujeito e espaço representam para Zezumira.

Devido à escolha de Francisco pelas Ligas Camponesas e ao Partido Comunista havia poucos momentos de conversa entre pai e filha. Numa narrativa rica de detalhes Zezumira conta-nos como o pai explicava o que era Comunismo, de certa forma, também, justificava para filha, ainda criança naquele período, a sua ausência no lar.

Se por exemplo o comunismo ganhasse o papai dizia assim: se você tiver 500 cabeças de gado, você só tem direito a metade, a outra metade o governo tinha por obrigação de comprar e dar a população. Se você tem duzentos equitares de terra era obrigação do governo comprar e dar a quem não tinha. Quem quer esse negócio? Se você tem 20, 30, 40 casa e eu não tenho nenhuma, a outra metade o governo comprava e dava pra população.⁵¹

Na simplicidade do pai explicar para a filha a ideologia do pensamento comunista, ele se apropria da realidade do cotidiano rural para expor seu pensamento e justificar o porquê do seu engajamento na luta pelo homem do campo. Utilizando-se dos exemplos de bens materiais que eram inalcançáveis aos pobres, como a grande propriedade de terras, a criação de animais de grande porte e casas no meio rural. As explicações de Francisco interpretadas por Zezumira expõem o que ele compreendia sobre comunismo, suas crenças ideológicas, pois acreditava que a melhoria no meio rural seria alcançada somente com a implantação de um governo Comunista, onde uma das práticas seria o compartilhamento dos bens “de quem tinha muito” com os mais necessitados.

Inquieta durante a entrevista ela questiona-se sobre o possível vigoramento do sistema comunista no país: “eles querem isso? Ninguém aceita! O olho de quem tem nunca fica pequeno, cada vez cresce mais.” “O outro” a quem ela se refere e critica eram os ricos, os quais não acreditava que estes seriam capazes de aceitar algum tipo de compartilhamento de seus bens com os pobres. O Governo e os grandes proprietários de terra na região de Baturité, naquele momento, segundo Zezumira, não estavam preocupados em ajudar os pobres, e sim em adquirir e acumular riquezas.

Francisco Guerreiro que estava justamente defendendo os interesses do povo, mais uma vez foi lembrado pelo ideal de liberdade, que para Zezumira tinha como

⁵⁰ Idem.

⁵¹ Idem.

estandarte a libertação dos escravos em Redenção, repetindo: “ele trabalhou em Pacoti, aí ele foi pra Redenção. Você sabe onde fica Redenção? É aonde foi libertado os escravos, né.”⁵² Seja na memória de Zezumira ou para a História do Ceará, Redenção foi um lugar de representação e referência no processo abolicionista. Onde podemos observar até mesmo no Roteiro Rodoviário do Ceará de 1953, onde Redenção foi lembrada como: “cidade que tem a glória de ter sido o primeiro centro do Ceará a decretar a abolição dos seus escravos, está situada ao sopé da serra do Acarape e à margem do rio deste nome a uma altitude de 90 metros.”⁵³ E foi na cidade onde foi promulgada a lei de libertação dos escravos que Francisco Guerreiro

foi se socar no meio dos matos para não ser pego, depois ele adoeceu e morreu. Ele era professor de cabeça de greve, valha me Deus! Não tem nem a conta, ele fazia era a greve. Tanto é que ele deixou uma carta. Era filiado de cama e mesa no partido Comunista.⁵⁴

Repetindo algumas falas Zezumira, possivelmente, cruzou algumas lembranças sobre o pai, Francisco Guerreiro, militante das Ligas Camponesas e Comunista, cuja atuação era na região de Baturité, com as lembranças do irmão Raimundo Guerreiro e do marido Rodrigues Barros, ambos operários de uma fábrica de tecidos em Fortaleza e que tiveram envolvimento com as lutas trabalhistas e, também, foram militantes de esquerda na cidade. A confusão sobre as lembranças desses três homens fica clara quando ao se reportar a luta do pai fala em greve. O termo “greve” se refere a um outro período de sua vida e espaço, ou seja, Fortaleza nas décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980, onde houve a participação do marido e irmão nas lutas urbanas em Fortaleza. O desejo de justiça destes três homens confundi suas lembranças sobre o campo e a cidade. Compreendemos que o tempo da memória não é linear⁵⁵, portanto, Zezumira não seguiu uma ordem cronológica na narrativa.

Os entrevistados podem cometer o erro se serem anacrônicos, pois suas memórias sobre o passado mais longínquo podem ser entrecruzadas com outras

⁵² Entrevistada: Zezumira Gomes, no dia 04/01/2004, no sítio da senhora Zezumira na localidade de Siupé no Ceará.

⁵³ Roteiro Rodoviário do Ceará, 1953. Op. cit., p. 87

⁵⁴ Entrevista realizada com Zezumira Barros, em Fortaleza-CE. Data: 21/04/05

⁵⁵ Pollak a partir da análise das longas entrevistas percebe a memória de forma não linear. “Todos os que já realizaram entrevistas de história de vida percebem que no decorrer de uma entrevista muito longa, em que a ordem cronológica não está sendo necessariamente obedecida, em que os entrevistados voltam varias vezes aos mesmos acontecimentos, há nessas voltas a determinados da vida, ou a certos fatos, algo de invariante.”

Ver: POLLAK, Michel. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 201.

memórias, o que não invalida ou desmerece a fala do entrevistado como uma fonte menos segura. Quem não pode cometer o erro de ser anacrônico é o pesquisador que se propõem analisar a fala dos personagens.

Zezumira em um longo suspiro desabafa: “é o sofrimento minha filha que faz a gente esquecer”. Mesmo com as memórias cruzadas por tantas lembranças das lutas dos seus no campo e na cidade; ela na ausência dos documentos escritos pelo pai, como as cartas e textos escritos em cadernos, não fez muito esforço para recordar o conteúdo deixado por Francisco Guerreiro na carta:

Meu pai era fino comunista! Ele deixou tudo escrito, Francisco Lopez Guerreiro serei comunista, vivo e depois de morto não negarei que sou comunista. Aí a polícia foi bater lá em casa. Eu disse: meu senhor eu não tenho culpa disso aí! Faz muito tempo que ele saiu de casa. Não senhora tá aqui o documento! Mostrou a carta, aí eu fiquei por mentirosa perante os homens. Tá aqui a carta que ele deixou: Francisco Lopez Guerreiro comunista até a alma, morrendo não negarei serei o mesmo comunista.⁵⁶

Emocionada Zezumira recorda que este foi um dos momentos mais marcantes sobre a vida e militância do pai, que deixou este testamento ideológico para ressaltar o quão forte era para ele a importância do partido Comunista. A carta, além de ter sido uma forma de registro, foi uma prova de sua luta e resistência ao assumir a militância. O conteúdo da carta, também, aponta-nos possibilidades de relação com a política no Ceará, pois mesmo não recordando o ano em que os policiais estiveram à procura de Francisco Guerreiro, acreditamos que possivelmente tenha ocorrido durante a década de 1950. De acordo com Francisco Ribeiro temos o interior do Ceará como

grande palco da luta ideológica entre Igreja e Comunismo foi, sem dúvida, o interior do Estado onde a primeira mantinha seu domínio secular sobre as populações rurais encontrando aí terreno propício para sua pregação anticomunista.(...) Os municípios que mais se destacaram pela combatividade de seus párocos ao comunismo foram Sobral, Crateús, Juazeiro, Barbalha, Baturité e Iguatu onde, à medida que se aproximava as eleições estaduais de 1947, o clima dominante era de batalha campal.⁵⁷

De acordo com o autor, Ribeiro, foi efervescente a atuação da esquerda na região de Baturité. Intensificou-se ao longo do anos, como mostra-nos o historiador Márcio

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ RIBEIRO, Francisco Moreira. O PCB no Ceará: ascensão e declínio- 19922-1947. Fortaleza, edições Universidade Federal do Ceará. Stylus Comunicações, 1989. p.95

Porto ao afirmar que na década de 1960, houve uma iniciativa dos militares em abolir os sindicatos rurais, principalmente aqueles vinculados

à FALTAC e à Delegacia Regional do Trabalho. Conforme relatório da 10ª Região Militar, de 26 de maio de 1964, foi formada uma Comissão Volante para investigar as ações subversivas no interior do Ceará, nas cidades de Pacoti, Guaramiranga, Palmácia, Canindé, Caridade, Itapebussú, São Luis do Curú, Tururú, Uruburetama, Itapajé, Itapipoca, Irauçuba, Araras e Umirim.⁵⁸

Não sabemos quem esteve à procura de Francisco Guerreiro e infelizmente deixamos algumas lacunas sobre sua militância no meio rural na região de Baturité e conseqüentemente perdemos fragmentos dessa história. Os textos escritos por ele foram perdidos ou eliminados ao longo dos anos pelos familiares, para evitar acúmulo de papéis velhos ou por não acharem relevante guardá-los. Percebemos com isso que as pessoas comuns não se identificavam como sujeitos históricos⁵⁹. Mesmo que muitos materiais escritos tenham sido destruídos, dispomos do uso da oralidade que nos possibilita revisitar fragmentos do passado através das narrativas dos entrevistados.

Não podemos ignorar a importância das fontes orais como suporte de construção da História, pois no universo desses iletrados para existir e expor os pensamentos era necessário contar em rodas de conversa sobre os mais antigos, assim não ficavam entregues ao esquecimento. Seja nas vestimentas, nos objetos pessoais, ou, no “ouvi dizer sobre fulano”, estes nos apresentam uma maneira muito peculiar como os sujeitos das camadas populares se (re)afirmam historicamente no grupo e para o mundo, manifestando seus pensamentos e cultura.

Embora as narrações de Raimundo Guerreiro sobre os pais não tenham sido fidedignas ao passado, mas a maneira como foram (re)construídas no presente nos mostram que estas têm alguma representatividade no momento do relato. Percebendo assim o tipo de memória que se quer (re)construir de um personagem que está ausente.

⁵⁸ PORTO, Marcio de Souza. Dom Delgado na Igreja de seu tempo (1963-1969). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará/Departamento de História/Programa de Pós-Graduação em História, 2007, p.67-68

⁵⁹ Déa Fenelon nos permite um pensar aprofundado sobre esta prática, onde: “o exercício da investigação histórica por meio do diálogo com pessoas, observamos, de maneira especial, modos como lidam com o passado e como este continua a interpretar o presente enquanto valores e referências. Trabalhar nessa direção nos coloca diante da problemática do sujeito e da consciência social na história, levando-nos a retornar e ampliar leituras e a aprofundar as pesquisas e reflexões, sempre dentro da perspectiva de construir um conhecimento histórico que incorpore toda a experiência humana e no qual todos possam se reconhecer como sujeitos sociais.”

Ver: FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e História Social: Historiografia e pesquisa. IN: Projeto História: n.10, São Paulo: PUC, 1993. pp73-90

Quando Francisco saiu de casa, Raimundo Guerreiro era muito jovem não sendo possível recordar-se da imagem do pai, o que sabe sobre ele foi passado através da mãe e dos irmãos mais velhos que contavam sobre o tempo de convivência com ele. O tempo não vivido foi experimentado através das narrativas orais dos mais velhos que ajudaram a (re)elaborar um passado. Afinal, não há sujeito sem experiência, nem há experiência sem a narração dos sujeitos, porque a “ narração da experiência esta unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado.”⁶⁰

Maria dos Anjos mesmo não aceitando a escolha de Francisco Guerreiro, assumiu o preconceito de ficar sem marido e mostrou-se determinada para continuar a vida ao lado dos filhos. Tida como ríspida e agressiva, logo os vizinhos passaram a chamá-la de Guerreira. O apelido que durou até o fim de sua vida, fazia alusão a sua personalidade e ao sobrenome do ex-marido.

No dia-a-dia as necessidades no lar e a dificuldade na formação dos filhos faziam com que Maria dos Anjos, a Guerreira, recordasse dos bons tempos da juventude. Sobre esse tempo, Raimundo Guerreiro conta que sua mãe comentava que:

o pai dela era fazendeiro, então ela teve uma infância boa, uma vida boa. Era farta a coisa nessa época, que pra escorar a porta, escorava com aquele queijo velho. A produção era tanta que ficava de um ano pra outro e ficava duro feito uma pedra. Teve uma juventude boa, tanto que ela só veio sofrer depois. Acho que por isso foi o motivo de não dar certo o casamento dela. Por que ela teve uma vida farta e quando casou foi passar alguma privação.⁶¹

Relatando apenas as lembranças que ficaram cristalizadas sobre esse tempo não vivido, o tempo de sua mãe. Como se não houvesse necessidade de falar de uma data do calendário, sendo para ele importante relatar o que considerou relevante sobre o passado. Algumas palavras ditas por ele nos deram suporte para compreender o tempo que quis (re)construir: “naquele tempo”, “no tempo da infância”, “quando ela casou”, “no tempo da fartura”; assim como lembrar-se da “produção de queijos do Coronel” nos ofereceu condições de pensar na boa situação econômica que sua mãe viveu.

A História para essa gente comum não era vista através de grandes acontecimentos, numa proporção macro, tais como as revoluções ou grandes guerras, porque geralmente os acontecimentos relacionados à história dessas pessoas acaba

⁶⁰ SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras. Belo Horizonte: UFMG, 2007.p.25-26

⁶¹Entrevistado: Raimundo Guerreiro.Fortaleza-Ce. Data: 15/03/2003

sendo construído e associado à vida pessoal, familiar, de pequenos acontecimentos cotidianos e conflitos, ou, até mesmo, monumentos construídos no lugar onde moram. Observamos isso quando os entrevistados ao falar sobre a memória⁶² pessoal e do grupo relatam-nos os modos de vida e sua participação nos acontecimentos relacionados à sua rede de sociabilidade. Na construção histórica desses sujeitos a vida privada se manifesta de forma marcante na memória. Sendo a narrativa oral fundamental para manifestação dessas histórias que não estavam condicionados ao escrito. Principalmente para os iletrados, a oralidade apresenta-se como um mecanismo que exerce poder, pois as palavras faladas têm elementos de identidade e memória de um grupo.

A insistência de Maria dos Anjos em repetir suas falas aos filhos, não pode ser descartada, pois era uma forma dela (re)elaborar seus sonhos e identidade. Não podendo ser visto o discurso do vivido e as repetições como frustração, mas um desejo de se (re)afirmar. Para Verena Alberti, as narrativas construídas sobre o que foi vivido trazem uma idéia de relação e recuperação do passado, onde “repetições e detalhes que funcionam como infinitesimais em uma entrevista podem ser parte do esforço obstinado e ao mesmo tempo impotente de refazer o percurso do vivido.”⁶³

Mesmo que as falas de Raimundo Guerreiro tenham sido filtradas por pensamentos de outros, compreendemos que as repetições de sua mãe estavam para além do relato do vivido. Contar a própria vida servia para que sua história não caísse em esquecimento. Quando, por exemplo, Maria falava sobre o abandono do marido, nem sempre tal atitude se apresentava como uma memória ressentida, mas era uma forma de mostrar como reelaborou seu cotidiano para sobreviver sem ele.

Diante das dificuldades no lar da família Guerreiro foi fundamental a ajuda do filho mais velho, Raimundo, o Mundola, que trabalhava como padeiro. Levava “pão de Pacoti para um município de nome Santana. Fica dois quilômetros da serra, é um sítio, pequeno povoado. Quando vinha já trazia a garrafinha de leite para mim e pros outros. Ele tinha preocupação de saber como a gente tava lá na escola.”⁶⁴ Satisfeito, Raimundo Guerreiro, recorda a preocupação de Mundola com o alimento e os estudos dos irmãos.

⁶² Como observa Michel Pollak ao entrevistar donas de casa da Normandia que: “passaram pela guerra, pela Ocupação, pela Libertação etc., as datas precisas que pudemos identificar em seus relatos eram da vida familiar: nascimento dos filhos, até mesmo datas muito precisas de nascimentos de todos os primos (...). Mas havia uma nítida imprecisão em relação às datas públicas, ligadas a vida política.” Mesmo nos reportando a outro período e espaço, queremos exemplificar como o autor observa nas entrevistas a relação entre a memória relacionada a grandes e pequenos acontecimentos históricos.

Ver: Op.Cit. p.203

⁶³ ALBERTI, Verena. Ouvir Contar: textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p.17

⁶⁴ Entrevista com Raimundo Guerreiro. Fortaleza- CE. Data:

No rural o conhecimento das letras era um diferencial, sendo que a maioria dos jovens vivia unicamente do trabalho braçal.

Conhecimento era uma forma de poder e Maria dos Anjos sabia da importância dos estudos para os filhos, devido a sua própria experiência na juventude. Filha de Florência Maria de Jesus e Francisco Pereira Marques, o Chichico, intitulado coronel pela posse das terras que possuía em Redenção. Quando moça, Maria dos Anjos não tinha muitas ocupações, então o coronel Chichico decidiu que ela e a irmã seriam alfabetizadas. Privilégio de poucas moças do lugarejo onde viviam. Nem todos os pais tinham condições de pagar um professor(a) para alfabetizar os filhos(as) em casa ou levá-los para estudar em Baturité ou Fortaleza.

Em suas terras, o coronel, tomou conhecimento que havia um professor na região e logo tratou de convidá-lo à sua casa. Era um jovem de nome Francisco Guerreiro, que ganhava algum dinheiro com aulas domiciliares de alfabetização e realizava alguns serviços que exigiam seu conhecimento letrado. Após a conversa o professor foi contratado para alfabetizar duas sobrinhas e as filhas, Maria, a mais velha, que tinha por volta dos vinte e três anos, e Doninha que era um pouco mais jovem.

Diariamente o professor as ensinava, “acho que possivelmente fosse português, conhecimentos gerais, alfabetização, tabuada, por que na época era muito atrasado o ensino, principalmente nesses interiores. Agora os homens não, os homens eram pra trabalhar.”⁶⁵ Os filhos, o coronel mantinha-os na lida com a terra, assegurando com isso uma continuidade das suas posses. O trabalho braçal marca do esforço nordestino aparece nesse contexto de formação do homem como algo que lhe era atribuído. As filhas foram privilegiadas com o conhecimento das letras, possivelmente por ser a casa o espaço privado das mulheres. Com uma visão de futuro para Maria e Doninha⁶⁶, os pais, acreditavam que estas sendo prendadas, com saberes domésticos e alfabetizadas teriam melhores condições de conseguir bom casamento e educar melhor os filhos. Mesmo sabendo o interesse do coronel, faz-se intrigante observar a relação entre os gêneros, nesse caso específico.

Os olhares atentos do coronel não impediram que a partir do convívio entre professor e aluna fosse despertada uma paixão. O namoro não seria aceito, talvez, pela

⁶⁵ Entrevista realizada com Raimundo Guerreiro, em Fortaleza. Data: fev/2007

⁶⁶ Partindo de uma reflexão sobre os grupos sociais podemos observar que: “os indivíduos capazes de produzir, reconhecer, apreciar e consumir bens culturais tidos como superiores teriam maior facilidade para alcançar ou se manter nas posições mais altas da estrutura social”.

Ver: NOGUEIRA, Maria Alice e NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. Bourdieu & a educação. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006 .(p.42.)

posição social, ou, pela diferença de idade do professor que era dez anos mais velho que Maria dos Anjos. Embora, na época fosse comum as moças casarem-se antes mesmo da menarca e com homens bem mais velhos.

Os enamorados sabendo que não poderiam viver o romance, durante a aula conseguiram desviar a atenção de todos e fugiram para a casinha onde morava Francisco. Ao tomar conhecimento o coronel, que não gostou do ocorrido, mandou que uma “cabrueira” fosse buscar o professor, por sorte este não foi encontrado, caso contrário, tinha entrado no “mói de peia medonho”. Não conseguindo resgatar Maria, como forma de punição o coronel Chichico deserdou-a.

Maria dos Anjos não chegou a ser alfabetizada, pois o desejo de aventurar-se na fuga com o professor foi maior que o aprendizado das letras. Constituíram uma família, porém não casaram no civil e religioso, o espírito livre de Francisco Guerreiro não o permitia compartilhar de alguns comportamentos que eram comuns aos demais na região, para ele a relação conjugal não precisava passar pela aprovação de instituições.

Não sabemos ao certo a origem de Francisco Guerreiro. Sabe-se que era um andarilho, um aventureiro, ou um estrangeiro nas terras da região, possivelmente fosse de Redenção. Não era “um cabra trabalhador”, era um homem “metido a intelectual, um cara muito estudioso,” apreciador dos livros, pousava de ares de intelectualidade e com “boa oratória” percorria a região de Baturité propagando a não exploração ao homem do campo. Ao descrever o pai, Raimundo Guerreiro conta que: “ele foi um dos idealizadores do movimento camponês lá na região dele. Naquela época ele já queria mudar a situação. Queria fazer uma revolução!”⁶⁷

A construção de pensamentos de Raimundo Guerreiro sobre a memória do passado mesmo oscilando entre os pensamentos da infância e o que foi formulado a partir das suas experiências posteriores na juventude e vida adulta⁶⁸, revelou-nos que a população rural de Pacoti ou de localidades vizinhas foram afetadas pelas relações com os donos de terra, a seca e a pobreza. Sendo motivo para migração para outras localidades ou regiões. A família Guerreiro permaneceu em Pacoti até o início da

⁶⁷ Raimundo Guerreiro. Data da entrevista: 01/01/09. Local: Fortaleza- CE

⁶⁸ Para Portelli isso ocorre pois: “um informante pode relatar em poucas palavras experiências que duraram longo tempo ou discorrer minuciosamente sobre breves episódios. Estas oscilações são significativas, embora não possam estabelecer uma norma geral de interpretação: apoiar-se em um episódio pode ser um caminho para salientar sua importância, mas também pode ser uma estratégia para desviar a atenção de outros pontos mais delicados.”

Ver: PORTELLI, Alessandro. “O que faz a história oral diferente”. IN: **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós- Graduação em História: São Paulo-SP, 1981

década de 1950, pois havia um esforço e desejo de Guerreira em manter os filhos trabalhando e estudando no lugar onde nasceram.

1.3 - “Para não se criar burro” - O dilema: a escola ou o trabalho

Nas rodas de conversa Guerreira passava informações necessárias para educação dos filhos procurando formá-los “para a vida”. A educação recebida em casa, em muitos casos era a única que dispuseram muitos jovens em Pacoti, pois a formação, educação e disciplinamento do indivíduo não ocorria apenas na instituição escolar, mas no lar ou em outros lugares onde se agrupavam. Segundo os dados do IBGE o nível de instrução na “Zona de Baturité”⁶⁹ em 1940, era: sabem ler e escrever – 353.479 (31,02%); não sabem ler e escrever – 78.4714(68,87%) e sem declaração de instrução – 1.263(0,11%). O quadro deixa claro a quantidade de pessoas que não sabiam ler e escrever na região.

O trabalho rural não permitia que muitas crianças e jovens estudassem, muitos adultos compartilhavam da mesma situação. Sabendo que a maioria dos trabalhadores participavam unicamente de uma tradição oral, Guerreira que teve a experiência de iniciar seus estudos na juventude, logo pensou na possibilidade de matricular os filhos numa escola. A educação escolar não eliminava a familiar, ambas tinham o interesse de formar e informar os filhos. Mas, Guerreira previa as dificuldades de manter os filhos na escola, pois o tempo deles teria que ser dividido com as atividades domésticas e os trabalhos provisórios, que eram prestados aos latifundiários ou comerciantes, o que lhes garantiam algum dinheiro. De acordo com aquela realidade vivida no rural, Raimundo Guerreiro considerava Pacoti uma:

cidadizinha muito atrasada e a gente vivia naquele atividade de prestar algum serviço para aqueles proprietários de sítios. Pelo menos lá em Baturité, aquela região toda era um grande produtor de café. A gente apanhava aquele café de riba que era com aquele balaio que as mulheres amarravam na cintura e os meninos, que era meu caso ficavam ajudando. Aquele carço que caia a gente ia apanhando.”⁷⁰

Como havia muitas plantações de cana de açúcar e muitos engenhos na serra, o jovem tinha, também, como “atividade comboiar a cana na época de muagem.

⁶⁹ IBGE. Op.Cit. Instrução. p.1

⁷⁰ Entrevista coletiva realizada com Raimundo Guerreiro no Projeto narrativas em volta do fogo, no Centro Cultural Dragão do Mar, Fortaleza-CE. Data: 29/07/2009.

Comboiar é o seguinte: você vai com aquele comboio de jumento e arruma a cana no cambito pra trazer no inverno. Muitos meninos faziam isso, inclusive eu fiz”.⁷¹ Ele e os irmãos trabalhavam para ajudar nos gastos do lar, mas a mãe desejava garantir-lhes ao menos a aprendizagem das primeiras letras, bastava “ler e escrever, para não se criar burro!”⁷² Subtende-se que com esta frase ela utiliza a metáfora do animal para mostrar sua insatisfação e desejo que os filhos não fossem criados apenas servindo aos donos de terra da região. Fazendo uma apropriação das palavras de Geneviève Bollème:

não há o gosto ou o desejo de sofrer, mas o desejo de se manter nesse limite em que o ser humano se arrisca a não mais poder exercer o seu pensamento. Experiência que é, como ela repete sem cessar, a do maior risco, da maior tentação para o homem: soçobrar, ser um animal de carga.⁷³

Bollème mesmo remetendo-se a experiência de trabalho fabril na França acreditamos que o desejo dos trabalhadores, seja no rural ou no urbano, era de não se submeterem a exploração de seus patrões. Em Pacoti, onde o trabalho era predominantemente braçal não havia o desejo de ser apenas mão-de-obra, ler e principalmente ter a capacidade de escrever era uma forma de existir, à medida que seus pensamentos ficavam registrados. Mesmo que os filhos de Guerreira não chegassem a concluir o ensino secundário ou cursar nível superior, como faziam os filhos dos latifundiários, era necessário dar-lhes uma compreensão mais ampla do mundo para garantir uma sobrevivência no meio social em que viviam.

Na década de 1940, segundo Guerreiro, o ensino escolar não era obrigatório na região de Baturité. Mesmo assim, a mãe o matriculou na Escola Municipal Menezes Pimentel, cujo nome foi uma homenagem a Francisco de Menezes Pimentel, que nasceu em Pacoti e enveredou-se na carreira política. Chegou a ocupar o cargo de Governador do Estado do Ceará e quando Getúlio Vargas proclamou o Estado Novo, ele assumiu “em 26 de novembro de 1937, o cargo de Interventor Federal.”⁷⁴ 1A Ditadura de Getúlio no Ceará tinha como seu maior representante Menezes, cuja oposição no Estado era Fernandes Távora. Era uma disputa entre: catolicismo conservador x liberalismo.

⁷¹ Entrevistado: Raimundo Guerreiro. Fortaleza-Ce, 09/11/07

⁷² Idem.

⁷³ BOLLÈME, Geneviève. O Povo por escrito. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p.116

⁷⁴ MONTENEGRO, F. Abelardo. Os Partidos políticos do Ceará. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Cear, 1980. p.130

Cabe lembrar que após a Revolução de 30, na figura do Governador Provisório de Getúlio Vargas, foi que surgiu a figura do Interventor. No Ceará do pós-30, Fernandes Távora foi o primeiro Interventor do Estado. Segundo Simone Souza, neste período começa-se a criar mecanismos de centralização político-administrativos que tem como interesse garantir o

(...)fortalecimento do Governo Federal contra os Estados e Municípios. A partir daí é, que se acentuará com a implantação do Estado Novo (1937), a condução da vida política dos Estados e Municípios levará a marca das decisões tomadas na esfera federal. O Decreto nº19.398, de 11 de novembro de 1930, no Art. 1º diz que o Governo Provisório: 'Exercerá discricionariamente em toda a sua plenitude as funções e atribuições, não só do Poder Executivo, como também do Poder Legislativo, até que, eleita a Assembléia Constituinte, estabeleça esta a reorganização Constitucional.' No mesmo decreto é criada a figura do INTERVENTOR que, a nível estadual, irá executar a política Federal e que, dentro dos limites do Estado, exercerá o Poder Executivo e Legislativo, pois também é confirmada a dissolução das Casas legislativas, federais, Estaduais e Municipais.⁷⁵

Na capital cearense Pimentel teve maior papel de atuação. Dentre suas medidas administrativas temos em 1940, seu decreto-lei de isenção das taxas de esgoto e água do prédio dos merceiros, onde funcionavam as Escolas Reunidas Gonçalves Lêdo que eram mantidas pelo Estado. O prédio ficava localizado na rua General Clarindo de Queiroz, 569, Centro de Fortaleza. O decreto-lei ao ser aprovado foi divulgado pelo Diário Oficial do Ceará, em 3 de fevereiro:

ATOS DO PODER EXECUTIVO ESTADUAL

DECRETO-LEI N. 675, DE 1 DE FEVEREIRO DE 1940

Isenta a Associação dos Merceiros das taxas d'água e esgoto incidentes sobre o prédio se sua propriedade, em que funcionam as escolas Reunidas Gonçalves Lêdo.

O Doutor Francisco de Menezes Pimentel, Interventor Federal no Estado do Ceará, usando de suas atribuições legais, e

Considerando que, submetido á apreciação do Departamento Administrativo, na conformidade do disposto no art. 5º do decreto-lei federal n. 1202, de 8 de abril de 1939, foi o presente decreto-lei aprovado pela resolução n. 554, de janeiro p findo. (...)

Palácio da Interventoria Federal no Estado do Ceará, em 1 de fevereiro de 1940.

Dr. F. de Menezes Pimentel

⁷⁵ Souza, Simone. As Interventorias no Ceará (1930-1935). In: SOUZA, Simone. História do Ceará. Universidade Federal do Ceará. Fundação Demócrito Rocha. Stylus Comunicações, 1989. p309

J. Martins Rodrigues⁷⁶

Na figura do Interventor temos uma centralização de planos políticos e econômicos, claro, sobre controle e orientação do Governo Federal. Nessa organização social aos moldes governamentais percebemos que tanto no rural, quanto no urbano, as dificuldades administrativas, como por exemplo a manutenção da escola e ensino público. Já que a vida escolar exigia um modo de participação dos alunos, onde a situação econômica dificultava e até diferenciava a posição social deles em sala de aula.

Para Raimundo Guerreiro uma das primeiras dificuldades encontradas foi o uso da farda: “na época que estudava, a gente muito pobre e o colégio lá tinha que ter farda. A farda de aqui, com aquele sapato que chamava fanabô, é tipo um jeans, um tênis. Era um sapato coberto de pano e a gente não podia comprar.”⁷⁷ Guerreira que não podia comprar as vestimentas dos filhos articulou uma possibilidade de mantê-los na escola.

Ela era muito comunicativa falou lá com a diretora Dona Olga Monte Barroso, que era diretora do colégio e professora, né. Falou com ela e ela deixou a gente entrar com a roupa humilde da gente. Não só eu, não! Tinha muito alunos que não podiam comprar farda e ela aceitava que estudasse lá desse jeito.⁷⁸

“Era uma peleja medonha pra gente estudar!” Resmunga Raimundo ao falar das dificuldades dos pobres participarem desse universo letrado apontam-nos outras relações mais complexas que era a de participação em uma Instituição, no caso uma instituição de ensino. A dificuldade de comprar a farda ou uniforme, que tinha justamente como objetivo uniformizar as vestes dos estudantes, não podia ser adquirida pelos mais pobres. A diretora Olga, conhecida como “advogada dos pobres”, permitiu que eles freqüentassem a escola com vestes mais simples. Esse acontecimento nos apresenta uma forma de relação entre grupo social e Instituição, alunos e escola.

Para Bourdieu: “falar de um espaço social, é dizer que se não pode juntar uma pessoa qualquer com outra pessoa qualquer, descurando as diferenças fundamentais, sobretudo econômicas e culturais.”⁷⁹ Num espaço de sociabilidade, como a escola, percebemos estratégias de participação do grupo de alunos mais pobres para continuar estudando. Em contra partida a diretora possivelmente burlou regras da Instituição para

⁷⁶ Jornal: Diário Oficial Estado do Ceará. Fortaleza, 3 de fevereiro de 1940. ANO VII, N. 1862, p.1

⁷⁷ Raimundo Guerreiro, Fortaleza- CE, 09/11/2007

⁷⁸ Idem.

⁷⁹ Bourdieu, p. 138

permitir que os mesmos fossem sem o uniforme completo para a escola. A organização social da Escola Menezes Pimentel pode ser percebida pelas formas distintas de participação. O interesse comum era a aprendizagem dos jovens de um lugarejo onde a maioria só trabalhava e participar da vida escolar era uma possibilidade de transitar, também, por outro campo do conhecimento, o letrado.

Raimundo Guerreiro não pôde conciliar por muitos anos trabalho e escola, logo que a mãe percebeu que ele sabia ler e escrever:

tirou da escola pra trabalhar! Quando ela tirou a gente pra ir trabalhar eu tinha feito o primeiro, segundo, terceiro, quarto ano assim. Naquela época a gente chamava primário, no colégio municipal Menezes Pimentel em Pacoti. Antes dela me tirar pra trabalhar eu fiz até o terceiro ou quarto ano por ai assim. Se eu não me engano foi quarto ano primário nesse colégio. Ai depois ela tirou e disse assim: aprendeu a ler e escrever tá bom! Agora vão trabalhar e se quiser estudar mais eu arrango pra estudar lá com a professora Virginia. Era aquela professorinha que eu me lembro, a mãe pagava uma ninharia. A gente pegava o lapizim, o caderno e ia pra casa da professora. Aquilo era só pra ser alfabetizado.⁸⁰

O garoto tinha interesse em continuar os estudos então “estudava à noite, porque de dia tinha que trabalhar”. Trabalhava para um comerciante de nome Jacinto Medina, onde diariamente “ia pegar leite lá na fazenda pra trazer pro cidadão que era o coletor da cidade. Era uma das atividades que eu tinha. É tipo um trabalho essa atividade de todo dia pegar essa vasilha com leite lá no sítio pra trazer pra esse cidadão.”⁸¹ Recebia por semana “mil réis”, o que corresponde a “seis cruzeiros”. A maior parte do dinheiro ficava com a mãe, para ser gasto em casa, o restante ela devolvia-o. O ato de entregar leite foi percebido por Guerreiro como atividade, talvez, por não ter um salário fixo e todas as benesses que deveria ter um trabalhador. Porém, ele era um trabalhador infantil.

Quando tinha por volta de doze anos, a mãe certa tarde o levou para apresentá-lo ao mestre de obra Manoel Pinto que estava realizando uma construção em “ Pacoti-Guaramiranga pra essa burguesia daqui. E nessa época esse construtor tava fazendo uma casa exatamente pra esse cidadão que foi Governador daqui, Raul Barbosa, lá no sítio por nome Brejo.”⁸² Os “palacetes da burguesia” cearense passaram a contrastar com a paisagem das casinhas humildes dos agricultores. Guerreira tendo dimensão da

⁸⁰ Raimundo Guerreiro. Entrevista realizada no dia 04/01/04, Fortaleza-Ce

⁸¹ Entrevista com Raimundo Guerreiro. Data : 09/11/07. Fortaleza-Ce

⁸² Idem

edificação da casa do governador convenceu o mestre de obra a aceitar o filho como ajudante de pedreiro. Ela temia que os filhos ficassem “vagabundos como o pai”, para realizar trabalhos braçais.

Na mesma semana o jovem começou o trabalho de auxiliar de pedreiro, carregando areia, tijolos e auxiliando outros pedreiros. Comovido com a situação de ver o garoto pequeno e magro exposto ao sol e ao trabalho pesado, o mestre de obra conseguiu outro trabalho para ele, com um amigo, o médico Zé Firmino, que estava “precisando de um rapazinho pra cuidar dos passarinhos que ele criava, encher a caixa d’água, né, aquela bomba manual, aquela bomba de repuxo. Falou com o mestre lá da obra e o mestre me apontou e eu fui trabalhar com ele.”⁸³

O novo trabalho era menos cansativo, exigia menos esforço físico; ele puxava água da bomba para a caixa e cuidava dos pássaros que ficavam na varanda, também, era de sua responsabilidade receber o material impresso que chegava a casa do patrão e guardá-lo “lá na dispensa, que era cheio de revista. Então tinha essa curiosidade de menino, inclusive jornal na época: Correio do Ceará, Unitário, O Povo, Gazeta.”⁸⁴ Curioso, o garoto folheava jornais e revistas admirando a diversidade de informações que estava naqueles matérias.

José Firmino que trabalhava e morava na serra gostava de manter-se informado lendo “na época aquela revista Cruzeiro, era uma revista de grande circulação nacional. Lia, também, uma revista por nome Cigarra e ele também era assinante daquela revista Seleções”. Era dos poucos que dispunha desses materiais impressos; a partir do contato de Guerreiro tais materiais foi despertado o interesse pela leitura. Ainda na infância Raimundo pôde ler jornais, revistas e livros do patrão, o que nos remete a pensar no personagem Menocchio de Carlos Ginzburg. Da mesma forma que o autor, não queremos “desvendar a cultura popular por meio de um único exemplo”⁸⁵. Pois,

o objeto teórico do livro que o moleiro Menocchio personifica é não a cultura popular em si, mas o complexo processo de circularidade cultural presente em um indivíduo que, embora egresso das classes subalternas, sabia ler, e com certeza lera certos textos produzidos no âmbito das classes dominantes, filtrando-os através de valores da cultura camponesa.⁸⁶

⁸³ Idem

⁸⁴ Idem.

⁸⁵ VAINFAS, Ronaldo. Os protagonistas anônimos da história: micro-história. Rio de Janeiro: Campus, 2002. p. 61

⁸⁶ Ibidem.

O Guerreiro não representa a cultura popular de sua época, o personagem foi tomado como exemplo para perceber como um homem comum oriundo de uma cultura popular formulou seus pensamentos a partir do contato com a cultura livresca. Se o garoto era dos poucos trabalhadores rurais que sabia ler, torna-se no mínimo intrigante perceber suas idéias, sendo elas resultado da tradição oral com a cultura livresca.

Como “eu tinha curiosidade de ler, eu puxando água lá na bomba e escorava assim e ficava lendo. Porque quando ele lia aqui, ele dizia: Poti! Ele me chamava Poti! Poti bota essa revista pra lá menino!”⁸⁷ Pegava a revista ou jornal lidos pelo médico e no trabalho exercitava a leitura adaptando o corpo na bomba de água que servia de escora. Às vezes levava os livros, jornais e revistas que foram lidos pelo patrão para casa e no quintal havia uma pedra grande e plana que ficava debaixo da copa de uma árvore, o lugar à sombra era ideal para seu deleite com a leitura.

O gosto em comum pela leitura fez com que médico e empregado se aproximassem. Zé Firmino chegou a apelidar Guerreiro de Poti⁸⁸, talvez, fazendo alusão ao índio guerreiro pitiguari, que conheceu uma outra cultura, a do colonizador branco, Martin. Poti era um dos personagens do romance *Iracema* do autor cearense José de Alencar. O apelido foi bem aceito por todos, porém no meio familiar foi modificado para Coti, possivelmente relacionaram com “Lagoa das Cotias”, o apelido permanece até os dias atuais.

Quando chegavam jornais e revistas à casa do médico, o garoto apressava-se para recebê-los. Folheava as páginas a procura de mais informações para acompanhar o que acontecia no Brasil e no mundo, porém tinha um interesse especial pelas colunas de

curiosidades e parte policial. Às vezes eu lia sobre política, mas não me interessava muita coisa. Gostava de ver aquela parte de curiosidade e acontecimentos que era mais importante. A vida de determinadas figuras, artistas, cantores, compositores. As músicas da época sempre no jornal vinha.⁸⁹

Nas informações triviais das revistas e jornais sobre a vida dos artistas, músicas e moda, o garoto conheceu sujeitos e transitou por cidades e culturas diferentes. Transportava-se ao conteúdo lido, o que o permitia sonhar com outra vida: “tinha

⁸⁷ Entrevistado: Raimundo Guerreiro. Fortaleza-Ce. Data:

⁸⁸ Zé Firmino o patrão o apelidou de Poty, ainda na infância, e até hoje todos o chamam de Coti. No Partido Comunistas os militantes o chamam de Guerreiro.

⁸⁹ Entrevistado: Raimundo Guerreiro. Fortaleza-CE. Data: 09/11/2007

vontade de ter uma profissão. Imaginei que eu podia ser um motorista. Queria ser assim um mecânico. O que eu queria na verdade era ter um ofício como a gente chamava na época, aquela profissão. Tinha aquele desejo de aprender alguma coisa.” A leitura lhe proporcionou desejos de aprendizagem diferente daquela exercida no campo, como a vontade de ter uma profissão.

Novos pensamentos surgiam e o jovem Guerreiro sentiu necessidade de dialogar com alguém. Mas, com quem? ⁹⁰ Logo, tratou de procurar um dos seus. No sítio havia uma menina que era mais velha que ele

mas, ainda era jovem. Tinha nem marido, era solteira. Mas, ela não se interessava muito não. Eu até ficava pensando: eu acho que a Rosita não sabe é ler! Eu ficava ali pensando. Falava pra ela, porque tinha vontade de expandir conhecimento. Puxar assim um diálogo com uma pessoa, né. Mas, em parece que ela não sabia, porque nunca vi ela pegar uma revista pra ler. Acho que a danada era analfabeta mesmo!⁹¹

A tentativa de diálogo entre Guerreiro, que estava descobrindo o universo letrado, com Rosita, que só participava de uma tradição oral nos permite perceber uma situação de dois sujeitos que compartilham o mesmo espaço social, mas o vivenciam de forma diferente. Guerreiro gostava de expor seus pensamentos para Rosita, pois acreditava que era “uma coisa boa assim, porque desenvolve mais o pensamento, a formação do pensamento discutindo, trocando idéias com outra pessoa, então vai desenvolvendo conhecimento.”⁹² Esta troca pode ser interpretada como um “relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo.”⁹³

Carlo Ginzburg, apropriando-se de um pensamento formulado e proposto por Mikhail Bakhtin, conceitua como circularidade.⁹⁴ Não chega a ser um estudo da cultura

⁹⁰ Este caso nos remete a pensar no Domenico Melchiori: “costuma discutir com todo mundo, mas, quando quis discutir comigo, eu lhe disse: ‘Eu sou sapateiro sou sapateiro, você, moleiro, e você não é culto. Sobre que é que vamos discutir?’ ”. O que Guerreiro poderia discutir com Rosita? O que os diferenciava não era a classe social, mas a capacidade de saber ler.

Ver:GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras,2006. p. 32

⁹¹ Idem.

⁹² Idem.

⁹³ GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.p.10

⁹⁴ Sobre o conceito de circularidade Carlos Ginzburg retifica que: “Entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas existiu, na Europa pré-industrial, um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo (exatamente o

em si, mas o conhecimento filtrado pelo processo produzido pela relação de trocas da cultura popular com a cultura livresca. As classes, ou , os grupos não estavam separados um dos outros, tinham estratégias de participação e trocas mútuas, seja no coletivo ou individualmente. Sendo frutífera “a hipótese formulada por Bakhtin de uma influência recíproca entre a cultura das classes subalternas e a cultura dominante.”⁹⁵

Além da formação de idéias elaborada a partir do diálogo com outras pessoas, Guerreiro lembra que raramente exercitava a escrita. Sabia que a sua mãe correspondia-se com os “irmãos na localidade de Serragem, hoje município de Cascavel no Ceará”, e com a filha Zezumira que morava em Fortaleza com o esposo. Como Guerreira não sabia ler e escrever pedia a Guerreiro que o fizesse.

O interesse da mãe era que eu soubesse ler uma carta e saber escrever outra, não precisava mais que isso. Ela mandava eu ler alguma coisa. Não me lembro que tivesse escrito carta pra alguém não. Ela não queria que a gente fosse tão burro, analfabeto. Tinha muita gente naqueles sítios que não estudavam, muita gente morava no sítio, pouco os que estudavam. Tinha sítio e tem ainda, que ficava distante três ou quatro quilômetros da sede, né, de Pacoti . E só tinha na época colégio em Pacoti e Guaramiranga, tinha em Pernambuquinho, mas era município assim distante.⁹⁶

Ler as cartas⁹⁷ ou respondê-las manifestava além do afeto das palavras escritas aos familiares distantes, o desejo que o filho praticasse a leitura e a escrita. Nas construções das narrativas orais ou nas cartas haviam histórias de vida, tanto de pessoas do âmbito familiar, quanto de acontecimentos relacionados à vida pública. Desta forma, as informações chegavam de um lugar a outro.

Raimundo Guerreiro que nunca havia saído de Pacoti, conhecia os lugares somente através das imagens fotográficas de revistas e jornais, ou pela fala de outros. Certo dia ele foi surpreendido por um convite da mãe, que devido a maternidade de uma

oposto, portanto, do ‘conceito de absoluta autonomia e continuidade da cultura camponesa que me foi atribuído por certo crítico).’

Ver: Op. cit, p. 10

⁹⁵ Idem., p.18

⁹⁶ Entrevistado: Raimundo Guerreiro. Fortaleza-CE. Data: 09/11/07

⁹⁷ Sobre a experiência de Simone Weil na fábrica, Bollème comenta que: “A carta é sem dúvida o gênero popular por excelência, porque é o equivalente da conversação, discurso ou relato, capaz de fazer amar o que é dito. É uma maneira de falar a alguém com quem nos preocupamos, para quem inventamos e, porque de alguma forma o amamos, aquilo que lhe dizemos, escrevemos ou ensinamos deve ligar-se à vida, à sua vida.”

Ver: BOLLÈME.p.5

das filhas, Zezumira, necessitou viajar para Fortaleza, pois sempre que possível auxiliava-a no pós-parto, “chamavam o mês do resguardo”.

Entusiasmado para conhecer novos espaços o garoto não hesitou em aceitar o convite e durante dias ficou suspirando de alegria e ansiedade, “para a criança, a viagem começa na véspera.”⁹⁸ O desejo de sair pela primeira vez do meio rural e conhecer o que ele tinha como expectativa de “novo” causou no garoto euforia e “dor de barriga”.

Nas falas de viajantes ele ouvia falar de Fortaleza e pela cidade despertou uma curiosidade especial. Imaginava que a capital era algo singular e se alimentava com as observações entusiastas das pessoas: “deve ser muito bonita! Falavam do mar, que eu não conhecia, de uma praia, eu nunca vi isso! Tava acostumado a ver açude, barragem, mas o mar mesmo não, isso me dava curiosidade de conhecer a cidade das praias.”⁹⁹ A sua imaginação o transportava para a cidade litorânea que ele criava. Afinal, “a essência da viagem é o longe.”¹⁰⁰ E para lá ele desejava caminhar.

Havia na região poucos transportes de Pacoti a Fortaleza, dentre eles pau-de-arara, que era mais utilizado por agricultores; ônibus de empresa particular, cujo valor era alto; e o trem que saía de Baturité, passando por Pacatuba através de um ramal até Maranguape. A Estrada de Ferro de Baturité estendeu-se até Fortaleza, cuja Estação Central de Fortaleza era o ponto de convergência entre as linhas tronco norte e sul. A Linha Tronco Sul ligava o centro de Fortaleza a estações Vila das Flores, no município de Pacatuba, passando pelas estações de: Otávio Bonfim, Couto Fernandes, Parangaba, Vila Pery, Vila Manoel Sátiro, Mondubim, Conjunto Esperança, Aracapé, Alto Alegre, Pajuçara, Novo Maracanaú e Maracanaú.

O trem era considerado na época um transporte seguro, onde raramente acontecia acidente. Segundo o Sr. Afonso, que trabalhou na Estrada de Ferro no início dos anos cinquenta em uma carta relata como era a antiga Estação João Felipe no bairro de Otávio Bonfim:

Eu, Afonso Pereira Lima, iniciei na Estrada de Ferro, como telegrafista, no início dos anos 50 e posteriormente passei a chefiar as Estações. Hoje aposentado aos 40 anos de serviço na ex-Estação de Otávio Bonfim, de saudosa memória. Ela foi inaugurada: 31-12-1922 e em 1979 foi demolida para construção desta, que também será

⁹⁸ BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da História em Walter Benjamin*. 2ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p.323

⁹⁹ Entrevista com Raimundo Guerreiro realizada em sua residência no bairro Montese, em Fortaleza-Ce, no dia 09 de novembro de 2007.

¹⁰⁰ Bolle, p323.

desativado. A Estação antiga era muito bonita, toda de tijolo, 2 alpendres e muita ventilada, era uma estrutura muito bonita. O movimento dos trens de passageiros, era muito, inclusive de cargueiros, exportado e importando mercadorias, ou seja, arroz, feijão, milho, açúcar sal, algodão e aves de pena e também trem completo de gado, procedente do interior do Estado para à Estação de Couto- Fernandes, onde eram descarregados e transportados para abate no Matadouro Modelo, situado no bairro Montese. Os trens de passageiros deram muito progresso no interior do Estado. Os moradores que residiu próximos à cada Estação, vendiam alimentação para os passageiros, e daí eles sustentaram suas famílias. Isso era muito bom. Os trens eram tracionadas pelas locomotivas à vapor, porem no início dos anos 50, foram substituídos por diesel-elétrica.(...)¹⁰¹

O trem para o Sr. Afonso tem um significado especial em sua vida, o pai era funcionário da ferrovia e a esposa conheceu quando estava trabalhando na Estação de Acopiara-Ce. Na estação de Otávio Bonfim havia vendedores ambulantes, curiosos, pessoas a espera de parentes, e até mesmo algumas moças que vestiam o melhor “traje” para ir a Estação ouvir e ver a passagem do trem. Era animador ver

[...] As locomotivas que tracionavam especialmente os trens de passageiros, tinha um apito saudoso, que emocionavam as pessoas. Causas que não se repetirão jamais. Os chefes das Estações onde trabalhavam eram bastante conceituados por toda aquela parte, o que aconteceu também comigo em várias estações onde trabalhei, especialmente na Estação de Otávio Bonfim onde cheguei a referiada Estação, por mais de 20anos. Hoje só resta saudades. A Estrada de Ferro era um empresa bonita e boa.

Fortaleza, 03 de outubro de 2009
Afonso Pereira Lima

As descrições saudosas da carta do Sr. Afonso Lima nos mostram o quão a Estrada de Ferro foi importante para o Estado do Ceará, não apenas para o comércio e transporte de mercadorias, mas para os usuários que tinham na Estação um espaço de sociabilidades. Ele embora não descreva a participação dos ferroviários juntamente com os outros trabalhadores na luta pela categoria, ou informe dados sobre a empresa. Ele

¹⁰¹ Afonso Pereira Lima. Data: 03 de outubro de 2009. Durante uma exibição de filmes do grupo Coletivo Urbano o sr. Afonso apresentou-se em poucos minutos de conversa manifestou sua visão sobre as mudanças que vem ocorrendo no bairro, como a demolição da Estação João Felipe. Os cineclubistas interessados em questionar as mudanças que vem ocorrendo no bairro dialogaram como os moradores sobre o alargamento da Avenida José Bastos, as obras para a construção do METROFOR, e o evento da copa de 2014. O Sr. Afonso manifestou sua experiência com a Estação escrevendo uma carta que foi deixada no bar do Sr. Raimundo ex-funcionário da Estação.

quis deixar registrado na carta o cenário da Estação, as sociabilidades e as descrições sobre o trem que cortava a cidade de Fortaleza com seu apito e fumaça.

Chegado o dia da viagem da família Guerreiro, de Pacoti a Fortaleza, cuja data já se aproximava dos últimos meses do ano de 1953. Guerreiro, a mãe e o irmão mais jovem, Romeu, seguiram rumo à capital levando na bagagem poucos pertences e pouco dinheiro. Viajaram num transporte simples e mais barato, que era

tipo num pau-de-arara. A viagem foi bastante complicada. O caminhão naquela época era aquela cabine de madeira ainda e tinha na parte de trás da carroceria onde eles arrumavam as frutas: banana, laranja, chuchu, as frutas que traziam da serra, né. Por cima disso aí a gente vinha. Nessa vez que vim com ela, agente veio em cima duma carrada dessas.(...)Não me lembro quanto a gente pagava, ela que negociava com o dono do carro, quem pagava era ela.¹⁰²

A precariedade do transporte que levava frutas e verduras à capital, não suprimiu o desejo do garoto de conhecer a “cidade das praias”. Fariam o percurso: Pacoti, Palmácia, Umarizeira, Ladeira Grande, Tabatinga, Urucará, Maranguape, Canindezinho, Siqueira, Parangaba, até chegar em Fortaleza. Segundo o Roteiro Rodoviário do Ceará de 1953, havia duas possibilidades para se chegar à capital:

A viagem de Fortaleza à Pacoti é feita de Ladeira Grande pela CE. 2 (Fortaleza-Campos Sales). De Ladeira Grande até Pacoti pela CE.10, ambas administradas pelo D.A.E.R. Neste itinerário, percorre-se o trecho concretado entre Fortaleza e Parangaba. Desta última cidade até Maranguape percorre-se o trecho á paralelepípedo construído e administrado pelo D.A.E.R. Esta viagem também pode ser feita via baturité numa distância, de 96kms. De Baturité segue-se para Pacoti pela CE. 54, passando-se em Guaramiranga. Esta viagem ainda pode ser feita por via ferroviária até Baturité numa distância de 102,970km, prosseguindo-se a viagem pela CE 54.¹⁰³

O outro percurso seria por Baturité, que naquele momento apresentava vários problemas, mas, o D.A.E.R., órgão competente, parecia buscar uma solução. Era o que garantia os projetos do diretor e engenheiro, Roberto Vieira Nepomuceno, de melhoria da estrada Fortaleza – Baturité. Como mostra o jornal Gazeta de Notícias de 29 de novembro de 1953, com a matéria intitulada: “O D.A.E.R. TEM FEITO MUITO PARA RESOLVER O PROBLEMA RODOVIÁRIO DO CEARÁ”

¹⁰² Entrevista com Raimundo Guerreiro. Fortaleza-Ce. Data:

¹⁰³ Roteiro Rodoviário do Ceará de 1953. p.

Vultuoso número de obras em execução, numa eloqüente prova de efetividade (...)

A estrada Fortaleza- Baturité

Resta salientar o que se fez na estrada Fortaleza-Baturité (Ce-1) Até agora a construção atingiu Acarape, levando novas esperanças às populações daquela zona, que se vinha ressentindo da falta de uma bôa rodovia que a ligasse à capital. Não é uma estrada qualquer; trata-se de uma rodovia de primeira classe, com 7 metros de largura e com varias e custosas obras d'arte. No próximo ano talvez a cidade de Baturité seja alcançada por essa nova via de comunicação.¹⁰⁴

O desejo de melhoria da população de uma “bôa rodovia” parecia enfim ser atendido. Além de facilitar a locomoção à capital, a estrada, segundo os dirigentes do D.A.E.R. apresentava-se como símbolo de progresso. De acordo com os

dirigentes, particularmente, ao dr. Roberto Nepomuceno, não têm faltado a necessária dedicação, aliada a uma elevada capacitação técnica e a uma inteligência vigorosa. Graças a isso, vai o DAER abrindo os caminhos do progresso, através de todo o Ceará.¹⁰⁵

A pessoa do engenheiro Roberto Nepomuceno destacava-se na matéria do jornal, por ter sido ele o diretor geral do D.A.E.R. Aparecendo, desta forma, como o responsável pelos “caminhos do progresso em todo o Ceará”. Se o progresso no rural era percebido simbolicamente através da construção da estrada, então estaria Raimundo Guerreiro no sentido contrário ao “progresso”?

De dentro de um pau-de-arara e seguindo na “contra-mão” desse possível progresso ele deixava para trás a pequena Pacoti: “sinceramente me deu até medo quando vi aquela arrumação. Aquele carro descendo com dificuldade, subindo com dificuldade a serra. Meu Deus do céu como é que pode?! A gente aqui em cima e esse carro nesse abismo danado.”¹⁰⁶ Para o jovem tudo era novidade!

Para o senhor Rebouças Macambira, em matéria enviada ao jornal Gazeta de Notícias no dia 1 de outubro de 1953, algumas edificações modificavam a paisagem de Pálmacia, o qual ele intitula de PRINCESA DA SERRA:

É muito difícil perceber a razão por que, devagar ou de repente, o progresso invade um lugar, e sangue novo e forte começa a estuar ardentemente em suas veias.(...) Subitamente estremece a virgem,

¹⁰⁴ Gazeta de Notícias. Ano XXVII, N 8374, 29 de novembro de 1953. Fortaleza-Ce,p. 5

¹⁰⁵ Idem.

¹⁰⁶ Raimundo Guerreiro

como se a tivesse tocado a misteriosa mão do Tempo, e se agita e freme em seu fogo despertar, cansada de tão longa hibernação.

Por mais que dessemos trato à imaginação, não pudemos explicar a causa de tão impetuoso surto. Talvez o tráfego mais intenso? Como então explicar que outros lugares, onde o tráfego se tornou igualmente mais intenso, não conseguiram progredir ou até regrediram irremediavelmente?

Talvez a criação da paróquia? Temos a impressão de que a paróquia é um efeito do nosso progresso e jamais a causa, como alguns certamente, pelo simples fato de terem surgido simultaneamente o progresso e a paróquia.(...).

Palmácea, quer, como princesa, o cortejo distrital de seus vassalos. Aquele que não lutar este ideal do nosso povo, e muito menos aquele que o prejudicar ou procurar fazê-lo, não pise a nossa terra, não profane com seus discursos e sua presença o nosso torrão natal.¹⁰⁷

Parecia haver um discurso sobre o desejo de progresso no rural. Sendo o espaço modificado a partir do desejo de alguns grupos. Como vimos no caso de Palmácia os políticos e a Igreja tinham grande poder de mobilização. Para Ana Fani isso ocorre, pois “a paisagem traz as marcas de momentos históricos diferentes produzidos pela articulação entre o novo e o velho.”¹⁰⁸ A autora nos induziu a pensar a cidade, como espaço de paisagens e temporalidades diferentes.

Raimundo Guerreiro embora não tivesse uma compreensão do que estava ocorrendo no campo político e econômico dos lugares por onde passou, como Palmácia. Observava atentamente as paisagens, foi “a primeira viagem que eu fiz pra cá, foi ai que me despertou toda curiosidade e eu vim achar mais bonito quando se aproximou de Maraguape, um terreno mais plano, aquela baixa.”¹⁰⁹ Ao chegar no bairro Parangaba, final da linha dos ônibus e outros transportes que vinham da serra, ele, a mãe e o irmão desceram do pau-de-arara e entraram num ônibus a caminho da casa da Zezumira.

Capítulo 2 – Fortaleza vista com os olhos do Guerreiro

Quando saltou na “cidade das praias” ficou deslumbrado quando viu o “movimento dos carros, aquelas casas que eu nunca tinha visto na serra, aqueles palacetes que não via em Pacoti. Achei a cidade tão bonita! Eu digo: aqui é mais fácil

¹⁰⁷ Gazeta de Notícias. ANO XXVII, N 8324, 1 de outubro de 1953, p. 3

¹⁰⁸ CARLOS, Ana Fani Alessandri. A Cidade. São Paulo: Contexto, 1999, p.50

¹⁰⁹ Raimundo Guerreiro, Fortaleza-Ce. Data:

arranjar um emprego melhor. É aqui que eu quero ficar!”¹¹⁰ Ainda alucinado com a nova paisagem o garoto recém chegado a capital encantou-se pela urbanidade.

No mesmo ano que ele chegava a Fortaleza, o Roteiro Rodoviário do Ceará em suas primeiras páginas, apresentava a capital da seguinte forma:

Fortaleza, Capital do Estado do Ceará, com uma população de 280,101 habitantes, é uma bela e florescente cidade(...).Cidade dotada de todo conforto moderno, é iluminada a luz elétrica, possui serviço de águas e esgoto e de telefones automáticos. As suas ruas, traçadas caprichosamente, numa regularidade de xadrez, oferece uma aspecto maravilhoso, mormente quando vista de avião. Sob o ponto de vista urbanístico, bem poucas cidades do Brasil, podem suplantá-la. Inúmeras praças arborizadas com fino gosto, contribuem para o embelezamento desta cidade. O progresso de Fortaleza é, por assim dizer, vertiginoso, o seu parque predial aumenta, dia a dia, e nas construções que surgem, nos recantos mais diversos desta ‘urbs’, nota-se o gosto cada vez mais apurado dos seus laborioso habitantes. De todos os logradouros desta cidade, um se sobressai pelo seu intenso movimento: é a PRAÇA DO FERREIRA, o coração da cidade. Localizadas nessa praça, testemunha de tantos acontecimentos históricos e políticos, se encontram grandes casas de modas, bars, cafés, farmácias e cinemas. Desse centro se irradiam inúmeras linhas de ônibus que servem aos distantes bairros da Capital. Sob o ponto de vista cultural é um centro adiantadíssimo.(...) preferindo-se, porém que o viajante, descubra com os seus próprios olhos, afeitos aos centros mais adiantados, as maravilhas, e os pontos pitorescos da Capital Cearense. ¹¹¹

O texto extenso e sedutor trazia em seu cunho uma fantástica e exemplar cidade, que dispunha de uma estrutura diferente de todos os outros municípios até então apresentados no Roteiro. Fortaleza destacava-se e diferenciava-se do restante do Ceará, por ser “adiantadíssima”. A presença de iluminação pública, saneamento, ruas traçadas obedecendo a uma regularidade em xadrez, hospitais, escolas e o centro comercial com casas de moda, bares, cafés, farmácias, cinemas, todos esses elementos urbanísticos, segundo o D.A.E.R., davam a cidade uma idéia de “progresso e modernidade”, em relação ao restante do estado. Da forma que Fortaleza foi descrita pelo roteiro parecia tratar-se de um lugar perfeito, sem pobres e problemas de ordem social e econômica, seja no campo do privado ou público. Uma cidade que convidava os viajantes a conhecê-la e usufruí-la.

¹¹⁰ Idem.

¹¹¹ Roteiro Rodoviário do Ceará de 1953,P.5

A cidade ideal do Roteiro Rodoviário colocou para debaixo do tapete a cidade real, com os problemas que estavam sobre ruas e avenidas, como os serviços de transporte coletivos que circulavam em Fortaleza que deixavam muito a desejar aos seus usuários, como mostrou o jornal O POVO do dia 5 de janeiro de 1954:

A cidade amanheceu com apenas 90 carros circulando – Caminhões fazem o transporte coletivo- Prejudicando o elemento feminino- Prosseguem os entendimentos

Ainda continua sem solução o impasse surgido com as empresas de transporte coletivo da cidade. Ontem à tarde, populares exaltados depredaram alguns ônibus, resultando em ferimentos leves de diversos passageiros. Dez caminhões da 10ª Região Militar, nove da Prefeitura e outros de particulares foram postos à disposição do público, para amenizar os efeitos da greve deflagrada nesta capital. O elemento feminino tem sido o mais prejudicado, pelos inconvenientes de viajar na carroceria dos caminhões, sobretudo se estes trafegam super lotados(...).¹¹²

A greve dos motoristas causou verdadeiro tumulto na cidade e mesmo que os militares e a Prefeitura tenham disponibilizado transportes isso não agradou aos usuários. No mesmo dia da referida matéria a reportagem do jornal procurou o Prefeito Paulo Cabral para saber quais seriam suas possíveis medidas para solucionar o problema. Sua secretária confirmou ao jornal que o Prefeito

ontem endereçou ofício aos empresários, intimando-os a sustentarem o aumento ilegalmente posto em vigor. Acrescentou o sr. Paulo Cabral que o empresário Otoch, cujos ônibus, estão em circulação, se ofereceu para servir de mediador, visando a encontrar uma solução satisfatória para o impasse.¹¹³

O caso foi analisado pelo Prefeito que propôs que todos os ônibus voltassem a circular com o preço antigo e em seguida levaria o caso para a Câmara Municipal para que ela como órgão competente examinasse para dar uma “justa” solução.

Sem que os empresários aceitem essa proposta, as linhas serão devidamente liberadas.

São as seguintes as empresas que, no dia seguinte de hoje estão em circulação: Iracema, que faz as linhas da Praia de Iracema. Náutico, Casa-de-Saúde São Raimundo, Prainha, Cais do Porto e Vila dos José e Carlito Pamplona; São Jorge que faz as linhas de Soares Moreno (via Central), Paula Pessoa (via Soares Moreno). Soares linhas de

¹¹² Jornal O Povo. Fortaleza, 5 de janeiro de 1954. Ano XXVI, p.8

¹¹³ Idem.

Jacarecanga, que faz as Moreno (via Paula Pessoa), Benfica (via Barão do Rio Branco e Tristão Gonçalves), Granja Paraíso, Justiniano de Serpa (vias Teresa Cristina e D. Jerônimo), D. Manuel (vias praça Cristo Redentor e Duque de Caxias) e Estrada de Ferro; Viação Iracema, que faz as linhas de Jóquei-Clube e Pan-Americano; Viação Cruzeiro LTDA. que faz a circulação Itaoca- Cocorote, devendo entrar em circulação, ainda hoje, a Viação Estrela do Norte. Essas empresas que estão circulando possuem, ao todo, cerca de noventa ônibus, circulando-se em mais de duzentos os carros das que estão fora de tráfego, no total de dezesseis empresas.¹¹⁴

Este caso não era um caso isolado os problemas com os serviços de transportes urbanos era algo antigo na cidade, “ainda em 1948, a Prefeitura de Fortaleza determinou a retirada dos trilhos de bondes das ruas.”¹¹⁵ Anos mais tarde como vimos na matéria do jornal o Povo os ônibus que substituíram os bondes não conseguiram atender de forma satisfatória aos cearenses, seja pelas más condições ou pelo aumento do preço das passagens considerados abusivos, o que conseqüentemente ocasionava quebra-quebra aos transportes como forma de mostrar aos empresários a insatisfação dos usuários.

Fortaleza era uma cidade plural, de belezas e encantos, mas não podemos deixarmos-nos fascinar pelas luzes e *glamour* e esquecer os conflitos nas ruas, os pobres e de todos os problemas ocasionados pela precariedade dos serviços públicos que eram oferecidos aos fortalezenses. Se olharmos a cidade somente do alto veremos apenas seu traçado propositalmente ordenado em xadrez, mas se aproximar-mos nossos olhares aos becos, ruelas e mocambos veremos outra Fortaleza, outras cidades dentro da cidade. Se as ruas foram palco de relações sociais e interesses não cabe pensarmos que existiram vencidos ou vendedores na luta por uma vivência na capital. O que existiu foram grupos sociais, como engenheiros, médicos, políticos ou comerciantes que a partir de um olhar sobre a cidade tentaram intervir nela na perspectiva de mudança para uma melhoria de vida na cidade. Mas, esses não era os únicos grupos existentes e os pobres também participaram dessa intervenção citadina.

A “cidade das praias” estava diante dos olhos de Guerreiro e o desejo do “novo” estava ali materializado na estrutura da *urbes*, que o alucinava pelo fluxo de pessoas, o traçado das ruas, os prédios, as praças, os comércio, os postes e os carros expelindo fumaça. Aspirando os ares da “moderna” capital ele tinha a ilusão de estar consumindo-a. Ele sentia que a cidade tinha algo lhe oferecer algo, mas o quê?

¹¹⁴ Idem.

¹¹⁵ JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza. São Paulo: Annablume, 2003, P.99

Marshall Berman ajuda-nos nesta compreensão ao falar da experiência com o moderno:

Existe um tipo de experiência vital - experiência de tempo e espaço, de si mesmo e de outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. Designarei esse conjunto de experiências como “modernidade”. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desumanidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx “tudo que é sólido se desmancha no ar.”¹¹⁶

A partir de uma leitura marxista, Marshall Berman nos aponta uma realidade vivida em Nova York nos séculos XIX e XX. Pensar o que era ser moderno em Fortaleza na década de 1950, não tem o mesmo significado no sentido experimental da sociedade cearense, tendo em vista que o espaço e a cultura eram outras. Porém, a experiência de viver aquela ambiência urbana, de presenciar o cotidiano da capital, nos possibilita relacionar o desejo pelo novo como uma aventura que transcende a territorialidade, seja em Nova York ou em Fortaleza. Arriscar vivenciar o novo era caminhar pelo desconhecido.

Nosso jovem viajante optou por arriscar-se nessa descoberta. O desejo de ser um “novo homem” moveu seus sonhos que foram projetados na transição de espaços, do rural ao urbano. Mas, para ser um novo homem foi preciso adquirir uma outra forma de vida que lhe possibilitasse um rompimento com o velho, o passado rural; para posteriormente lançar-se ao modo de vida moderno, que para ele estava na capital. Deslocar-se do rural ao urbano, consistiu numa viagem repleta de desejos e surpresas para Raimundo Guerreiro. O motivo de sua migração para capital cearense como sabemos não se deveu a fuga da seca como fizeram tantos flagelados que saíram do interior para buscar ajuda no urbano.

¹¹⁶ Berman, Marshall. Tudo que é sólido se desmancha no ar. A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.15

Fortaleza recebia diariamente um contingente de sujeitos que saiam do interior para capital, causando entre os anos de 1940 e 1950, um aumento repentino da população em Fortaleza, que “ atingiu o percentual de 62,9% e ampliou-se para 98,0% de 1950 e 1960, constituindo a maior taxa de crescimento das Capitais do Nordeste(...)”.¹¹⁷ Os dados nos levam a crer que a capital atraiu muitos sujeitos e a medida que a cidade de Fortaleza crescia de forma desordenada, os problemas de moradia tornavam-se visíveis. Os bairros passaram a ser ocupados por casebres, tão indesejados quanto os sujeitos que neles habitavam.

Guerreiro, a mãe e Romeu não ficaram em casebres ou casa de apoio, pois hospedaram-se na “casinha humilde” de Zezumira que ficava na rua Francisca Clotilde, sem número, no bairro Porangabussu, onde morava com o esposo, Rodrigues Barros, um trabalhador fabril e os filhos. Zezumira logo após seu casamento em Pacoti veio para Fortaleza, senão lhe falhe a memória foi precisamente no dia:

13 de dezembro de 1947. A Mazé tem 53,54. Tem 54 anos que eu moro em Fortaleza. Tive 11 filhos, morreram 3 e ficaram 7, né. Eram 10 homens. Criei meus filhos, pode falar nos filhos pode? Pode falar sobre isso? Pode falar sobre pobreza? Agora eu tive uma vida muito sofrida, passei tanta fome. Isso pode não ser dito, né? Passei muita necessidade. Pari 3 filhos sozinha e Deus, né, porque não tinha roupa para ir para maternidade. Tinha os filhos só mesmo, mas graças a Deus, tá tudo criado.¹¹⁸

De forma tímida ela revelou o quão a vida era difícil em Fortaleza, tendo em vista que a cidade não oferecia condições dignas para os pobres, como atendimento médico. Seu esposo exercia a função de mecânico na fábrica de tecidos Santa Cecília, a Cotonifício Leite Barbosa que era de propriedade da família Leite Barbosa. O salário que ele recebia não era suficiente para dar uma vida digna a família.

Além do trabalho fabril, Rodrigues, dedicava-se a vida religiosa, era integrante da União Espírita Cearense e envolvia-se com atividades beneficentes na cidade, juntamente com outros espíritas da doutrina de Allan Kardec. As atividades realizadas nos bairros buscavam auxiliar os pobres que residiam em Fortaleza. Uma das principais campanhas beneficentes do grupo foi a Campanha do Quilo, como informou o jornal espírita kardecista, A Voz do Alto, em outubro de 1954:

¹¹⁷ JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza. São Paulo: Annablume, 2003.p.

¹¹⁸ Zezumira, filha de Guerreira, 21/04/05, Fortaleza-Ce

PERFEITA ORGANIZAÇÃO E COMPLETA ASSISTÊNCIA AOS DESAFORTUNADOS

Convidados pela Comissão diretora da Campanha do Quilo visitamos a sua sede, e do que observamos ali existente, podemos afirmar ser uma das instituições mais oportunas e organizadas da capital.

Há uma interpretação errônea por parte das pessoas que manifestaram-se contra a mesma, pois que, possuindo um regimento objetivo, fornecendo a cada elemento a si filiado, um cartão de identificação(...)

E ouvimos de varias pessoas beneficiadas palavras de louvor á Campanha dizendo que têm sido atendidos co todo carinho e atenções, o que atesta a oportunidade com que foi instituída essa grande organização. Explicou-se um dos diretores que a Campanha mantém um corpo de visitantes que vão aos bairros pobres de Fortaleza e sem justificarem as causas de suas visitas, observam in loco os lares onde se acham pessoas doentes, famintas, nuas, descalças, e ao chegar á sede, apresentam um relatório verbal do que viram e em seguida, segue a turma do socorro, carregados de comida, roupas usadas, calçados, medicamentos, etc.(...)

Vale ressaltar ainda o caráter seletivo da Campanha pois que a mesma dispensam sua colaboração franca e desinteressada, com o objetivo único de prestar a CARIDADE, católicos, espíritas, ateus, etc, numa prova exuberante de respeito e tolerância pela crença de cada um. Bonito gesto que deveria ser imitado.(...)¹¹⁹

Como podemos perceber algumas instituições religiosas, tais como o Centro Espírita Cearense que promoviam campanhas beneficentes aos pobres em alguns bairros da cidade. Não podemos esquecer o interesse doutrinário em tais atitudes por parte da União Espírita, estes convidavam pessoas das mais diversas religiões e ateus para participar da campanha, tendo com essa atitude uma aproximação e até mesmo aceitação de algumas pessoas intolerantes ao espiritismo. Rapazes e moças, que participavam da Campanha do Quilo, visitavam as casas, o que nem sempre agradava aos moradores. Tendo o jornal a Voz do Alto retificado com a seguinte nota:

Pela presente informamos as autoridades e ao público em geral afim de evitar julgamentos apresentados oriundos da má fé de alguns irmãos, que a Campanha do Quilo no Ceará tem personalidade jurídica e social, proprias, não sendo ligada ou subordinada a qualquer outra Instituição, rasão porque reserva a si o direito de distribuir aquilo que o povo.¹²⁰

¹¹⁹ A Voz do Alto. Órgão da União Espírita Cearense. Ano VI- Fortaleza-Ce, outubro de 1954. N 6.p.4

¹²⁰ Idem.

Não há como medir a fé ou a boa intenção dos espíritas, mas o jornal como veículo de comunicação tem um interesse ideológico, mesmo que não fique explícito em seu conteúdo. Mesmo negando a ligação e subordinação as Instituições percebemos em contrapartida que havia no jornal, ao lado da nota acima, uma propaganda em letras destacadas em negrito e dentro de uma moldura a seguinte solicitação: “Srs. Comerciantes e Industriais anuncie em A VOZ DO ALTO e ganhe novos clientes. A VOZ DO ALTO é lida por cerca de 10.000 leitores.” Encontramos ainda no jornal propagandas dos produtos como: “Fridén Automatic Calculators – ‘A Calcularoda’ De Manoel Monteiro - limpa, conserta e reforma maquinas de escrever somar, calcular e de contabilidade; localizada na rua Major Facundo n. 391, em Fortaleza. E , Água Ingleza Leite de Bismuto – a mais afamada – Vanconcelos & Bezerra; localizada na rua Barão do Rio Branco, 1251 em Fortaleza”.¹²¹ Isso nos remete a pensar que o jornal embora de cunho religioso, também, oferecia outros serviços como quaisquer outro jornal.

Embora Guerreiro encontre Fortaleza com sérios problemas públicos em nenhum momento pensou em desistir de morar na “cidade das praias”. Os primeiros dias na cidade ficaram limitados ao espaço do bairro Porangabussu e a sociabilidade familiar. As poucas pessoas que conheceu foram os amigos de Rodrigues, homens já adultos. Seus horizontes ainda eram estreitos, movido pelo sentimento de descoberta o jovem em seu anonimato passou a caminhar sozinho pelas ruas de Fortaleza.

Eu não tinha tirado nem documento ainda. Comecei já a andar pelo centro da cidade. Andava só, andava á pé. Cada vez eu ficava mais encantado lembro onde é esse Passeio Público, eu vim de pé do Porangabussu praí. Eu não era nem registrado. Não tinha nada de construção, só tinha um matão bonito. Passava pelo centro aquelas lojas bonitas, Me encantei pela Fortaleza, não teve mais jeito deu voltar.¹²²

Em seu anonimato, o rosto sem nome registrado em cartório, era apenas a de um jovem migrante que faminto pelo novo colocava-se a observar. A cidade parecia um labirinto, com ruas e rostos desconhecidos. A “multidão” vista pelos olhos de Guerreiro era algo nunca visto na pequena Pacoti. “Assombrado” com aquela “ruma de gente” o garoto caminhava rumo ao mar. As praias mais próximas ao bairro Porangabuçu, onde

¹²¹ Idem.

¹²² Raimundo Guerreiro, Fortaleza-CE. Entrevista coletiva realizada no dia 29/07/2009.

estava residindo, eram as que estavam na extensão entre o Pirambú, Jacarecanga, Praia de Iracema até o Mucuripe.

A “cidade das praias” que Guerreiro tanto buscava não parecia ser tão bela nas páginas do jornal O Povo. Havia um paradoxo entre o que o garoto idealizava com o real. Segundo um operário residente no bairro Pirambú, que conversava com um amigo à porta da redação do jornal O Povo no dia 7 de janeiro de 1954, cujo assunto era o estrago que o mar causou à praia:

Se no meu bairro morassem em vez de gente pobre, milionários ou grãfinos como na Aldeota, a grita contra a falta de providências do Governo seria das maiores do mundo. E alguma cousa se faria, como aliás foi feito na praia de Iracema. A desgraça é que, na minha zona, só existem casebres, palhoças, habitações miseráveis.¹²³

A redação do jornal interpretou a inquietação do operário como sendo:

A mentalidade de hoje, infelizmente, é a de não se dar cabimento a palavras que tais, levando-as á conta de despeito, de demagogia barata, de impertinência comunista. No entanto, elas revelam uma grande verdade, uma dolorosa afirmação.

Pensando-se bem, o casebre merece, nos lugares distantes onde geralmente se enquista, como ninho de pássaro assustado pelo homem e pela civilização, respeito maior do que o devido ao bangalô, á edificação domiciliar de primeira classe.

Só o governo federal estaria em condições de iniciar e levar á frente o referido envocamento. E está muito longe de compreender a situação dos pobrezinhos de Pirambú. Só se o acossassem por todos os lados, o perseguissem com ardor. Mais isso é que não acontece. A inércia é que reina.¹²⁴

O porquê desta falta de atenção com os pobres seria uma pergunta pertinente. Um “tecto para o pobre é tudo na vida. Os seus pertences, abrigados debaixo de um telhado qualquer, representam um patrimônio, o resultado de uma amealhação heróica.”¹²⁵ O redator, não identificado, parecia deixar fluir em seu texto questionamentos de feição comunista, preocupando-se com os pobres e suas moradias, que há vários anos a fúria do mar vinha invadindo a praia e com isso destruindo os casebres. O jornal mesmo utilizando-se de artigos, títulos apelativos e fotografias em várias edições ainda não tinha alcançado, por meio da imprensa, chamar a atenção das “autoridades” para que solucionassem os problemas dos moradores do Pirambú.

¹²³ Jornal O Povo, 7 de janeiro de 1954, ANO XXVII, N 8019, p.3

¹²⁴ Idem.

¹²⁵ Idem.

Segundo Pádua Santiago, será a partir dos anos 1930, que moradores dos subúrbios como Alto Alegre, Barro Vermelho e Arraial Moura Brasil, passaram a migrar em direção ao Pirambú, “conhecido na época por Arpoadores, núcleo de pescadores.”¹²⁶

Sobre o Pirambú, o sapateiro José Maria Tabosa morador do bairro, desde a infância, recorda que a vida era muito difícil:

Meus pais vieram morar aqui na sete de setembro. Eu sou o quarto filho. Todos eles morreram de sofrimento. Dificuldade danada! Passando dificuldade, que meu pai era operário ganhando salário mínimo, a mamãe só vivia dentro de casa e a gente sofria muito. Tomava borra de café pra poder ter um cafezim. E eu era moleque de rua aqui no Pirambú. Pirambú não tinha muitas casas, tinha muito pouquinho mesmo. A gente contava as casas, talvez não tivesse umas 50 ou 100. Ela vinha da rua Francisco Sá até aqui a Jacinto de Matos, aqui já pra chegar na Marinha e ali foi toda minha molecagem.¹²⁷

A vida no bairro Pirambú apresentava sérios problemas, seja pelas condições de moradia ou pela própria fúria do mar que invadia a casa de muitos moradores. Recém chegado à capital Raimundo Guerreiro ainda não conseguia compreender as dificuldades que os pobres vivenciavam no urbano. Ele só conseguia ver beleza:

Fortaleza pra mim era aquele encanto! Eu me lembro que ia da praia do Jacarecanga, daquela igrejinha até o Mercado Central que era aquele galpão enorme onde tinha uma variedade enorme de lojinha, casa de merenda. Mas, os prédios eram bonitos, porque a burguesia nessa época morava no Centro da cidade, não era esses edifícios enormes não. A maioria desses prédios era pra ali na Imperador, Tristão Gonçalves.¹²⁸

¹²⁶ SANTIAGO, Pádua. A cidade como Utopia e a Favela como Espaço estratégico de inserção na cultura urbana. IN: Trajetos. Revista de História UFC. Fortaleza, v.1, n.2, 2002, P.127

¹²⁷ Entrevista realizada com o Sr. José Maria Tabosa no bairro Pirambú, Fortaleza-CE. Data: 24/04/2010

¹²⁸ Raimundo Guerreiro Entrevista coletiva realizada no dia 29/07/2009, a convite de Thaís Pereira Monteiro, uma das idealizadoras do projeto Narrativas em volta do Fogo do grupo Mediações dos Saberes, que ocorre mensalmente na praça Verde do Centro Cultural Dragão do Mar em Fortaleza. O interesse do projeto é dialogar com personagens que narram suas experiências de vida relacionadas a memória da cidade.

Nesse *flâneur*¹²⁹ pela “cidade(s) das praias” observamos como Fortaleza era plural. Os pobres não usufruíam dos espaços citadinos da mesma forma que outros sujeitos, que pertenciam a uma classe mais favorecida economicamente. Guerreiro acreditava participar de uma cidade moderna, onde na sua concepção estética e urbanística dos espaços, os símbolos dessa modernidade estavam materializado nos: prédios, luzes, monumentos e ornamentações. Mesmo consumindo a *urbes* apenas com o olhar, ele projetava nela seus sonhos e desejos. O encantamento aflora a partir do que foi observado e vivido, fazendo-o decidir que a capital seria seu novo lugar de morada.

Durante dias ocupava-se em caminhar do bairro Porangabussú ao Centro de Fortaleza. O jovem por gostar da capital decidiu pedir a mãe para ficar definitivamente com a irmã Zezumira e tentar outra experiência de vida, pois acreditava que teria mais oportunidade para estudar e trabalhar. Mas, a decisão de escolha não cabia ao jovem e sim a família. A decisão sobre a vida de Raimundo cabia sua a mãe, Zezumira e Rodrigues, que de alguma forma parecia exercer o papel do pai e tal figura masculina foi responsável por colaborar nas possibilidades de futuro para o jovem. A família operária diferente da família burguesa não tinha bens para deixar aos seus filhos, sendo uma garantia de sobrevivência deixar-lhes um ofício para ter um trabalho.

A decisão de ficar em Fortaleza era incerta. Enquanto Rodrigues tentava conseguir para o jovem um emprego na fábrica onde trabalhava. Ele fazia “bico”:

Eu ainda não tinha arrumado emprego e meu irmão trazia fruta que era: banana, laranja, era uma laranja azeda da serra. E eu levava aquele balaio de banana e vendia na calçada da Prefeitura. Nessa época era um prefeito povão, Acrísio Moreira da Rocha e ele deixava tudo correr solto. Era um cara do povão mesmo! Lembro que tava lá no Jardim América vendendo laranja, aí um sujeito disse: menino essas laranjas são doces? Rapaz sei não! Eu vou levar, mas senão for doce! Ele era fiscal.¹³⁰

¹²⁹ Apropriando-se da idéia de *flâneur* de Baudelaire, que embora retrate um outro período: 1821-1867. Pensamos apenas da idéias a qual ele se propõe que é a do observador das multidões. “A multidão é seu universo, como o ar é o dos pássaros, como a água, o dos peixes. Sua paixão e profissão é desposar a multidão. Para o perfeito *flâneur*, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugido e no infinito. Estar fora de casa, e contudo sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais(...). O amador da vida faz do mundo sua família com todas as belezas encontradas, encontráveis ou inencontráveis(...).”

VER: BAUDELAIRE, Charles. Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p.21

¹³⁰ Raimundo Guerreiro. Entrevista coletiva realizada no dia 29/07/2009, Narrativas em volta do Fogo.

Mesmo o Prefeito da época sendo considerado por ele “povão”. Havia em Fortaleza uma fiscalização municipal. E pelo visto, houve, naquela situação uma tentativa de subornar o jovem que trabalhava pelas ruas no bairro vendendo laranjas.

Passado os dias do resguardo da filha, Guerreira voltou para Pacoti com Romeu. Permitindo que Raimundo passasse mais alguns dias na capital. Acreditava que o filho pudesse mudar de opinião. Ao retornar para buscá-lo, Guerreiro se posicionou e insistiu para ficar definitivamente em Fortaleza. Guerreira acabou cedendo aos seus pedidos e ambos ficaram com Zezumira. Como a família era grande e a renda do operário Rodrigues Barros não era suficiente. Raimundo teria que ter uma renda para sustentar o irmão mais jovem e a mãe, pois a idade avançada de Guerreira impossibilitava-a de trabalhar. Rodrigues logo tratou de ajudá-los construindo um cômodo de taipa no quintal para eles morarem. E por intermédio de um amigo conseguiu na fábrica onde trabalhava um estágio no setor de tecelagem para o jovem Raimundo Guerreiro.

A fábrica de tecidos Santa Cecília ficava localizada na rua 15 de Novembro no bairro Montese. Sendo responsável por um grande número de empregos, além de provocar uma notável movimentação e modificação no espaço onde foi construída. Segundo, um dos mais antigos moradores do bairro, Sr. Nonato Ximenes, a fábrica foi construída no antigo bairro de nome Pirocaia¹³¹, ainda na década de 1940. Recorda que o lugar mais se assemelhava a área rural onde nasceu, Groaíras, localidade próxima a Sobral, região norte do estado do Ceará.

Sr. Ximenes chegou a Fortaleza quando foi convocado pelo Exército para apresentar-se a Força Expedicionária Brasileira - FEB - que estava recrutando soldados para a Segunda Guerra. Os soldados eram levados para um combate na região de Apeninos em Monte Castelo na Itália, contra uma tropa de soldados alemães.

A contra-gosto o jovem saiu de Groaíras rompendo com o trabalho de agricultor, com os amigos, com a família e a querida namorada Libânia. Na capital sua vida restringia-se as atividades militares no 23 BC- Batalhão de Caçadores, órgão subordinado a 10ª Região Militar.

Quando eu fui entrando no quartel um soldado olhou pra mim e disse: é mais um que vai servir de bucha de canhão. Eu fui pra Guerra fiquei

¹³¹ Segundo o memorialista Raimundo Nonato Ximenes: convencionei o dia 14 de abril de 1946 como data oficial da fundação do Montese, pois estou certo de que finquei aqui, nessa efeméride, um marco histórico que há de eternizar a lembrança da FEB. Ver: XIMENES, Raimundo Nonato. De Pirocaia a Montese: fragmentos históricos. Fortaleza, 2004, p.19

com uma saudade louca do sertão, mas tinha que ir. Se eu não viesse seria preso, crime de lesa a Pátria. O cara tinha que vir mesmo! Fortaleza era assim tão diferente, tudo diferente daquela convivência no interior. Então eu fiquei mais no quartel, saía muito pouco. Eles nos levavam para formatura, fazia acampamento fora. Eu fui aguardar embarque para Itália lá no Pirambú que era a Lagoa Seca, o depósito de munição era lá, o barril da pólvora. Tinha a também estrada de gado que servia de treinamento bélico para as tropas de Fortaleza.¹³²

Os lugares freqüentados pelo Sr. Raimundo Ximenes eram escolhidos pelos seus superiores do Exército, desta forma todas as suas atividades naquele período estavam relacionadas à vida militar. O soldado recém chegado a capital recorda que Fortaleza era uma cidade pequena e se

restringia ao quadrilátero: Dom Manuel, Imperador, Doutor João Moreira e Duque de Caxias era ali o Centro. Não tinha nada não, depois que foi crescendo. Os bairros Antônio Bezerra, São Gerardo, Otávio Bonfim, Jacarecanga foi um dos primeiro bairros, Aldeota nem se conhecia. Construíram o colégio militar, aquela escola preparatória que era naquele Cristo Redentor, depois foi crescendo. Acompanhei esse crescimento de Fortaleza todinho. Se tinha via de saída para a Parangaba que era distante demais e tinha para a Messejana que era pela Visconde de Rio Branco e se chamava Joaquim Távora o nome do bairro. Tinha a Praia de Iracema que tinha o Estoril que servia de cacino para os pracinhas americanos, os oficiais americanos. Tinha o Otávio Bonfim que era dos padres alemães e Alagadiço não tinha mais nada.¹³³

Depois de relembrar os bairros da cidade, o Sr. Ximenes relata sobre a existência dos cinemas do Centro da cidade (o Cine Moderno, o Magestic e o Rex). Porém, o que deveria ser uma boa recordação sobre os momentos de lazer, por alguns instantes o deixara em completo silêncio durante a entrevista. Estático, com o olhar lacrimoso e distante lembrou que a sala de cinema era utilizada para treinamentos dos soldados:

eles levavam a gente em marcha para assistir filme de guerra. A gente já ficava assim sei lá, a gente já perdia o medo de tudo, mas eu me lembro daquilo. Ave Maria, matar gente! Levavam a gente, enchiam o cinema de soldados lá no Moderno, no Magestic também. Não eram filmes da época. Eles traziam esses filmes especializados, dados com aquela história toda.¹³⁴

¹³² Raimundo Nonato Xiemenes, Fortaleza-Ce, 25/06/2008

¹³³ Raimundo Nonato Ximeens, Fortaleza-CE, setembro de 2006

¹³⁴ Raimundo Nonato Ximenes, Fortaleza-CE, 25/06/2008

Na sala escura dos cinemas, as imagens cinematográficas sobre a guerra e técnicas de combate tinham como objetivo treinar os soldados. Mais forte que as imagens sobre os horrores da guerra era a ideologia que os militares desejavam implantar com aqueles filmes. Sendo a principal delas o desprendimento com a vida afetiva. Tentavam “roubar as almas dos soldados”, pois na guerra o mais importante era o corpo para pegar em armas no confronto. “O instrutor dizia assim: vocês têm que se desligar de tudo. Saudade de noiva, de namorada coisa nenhuma! A defesa da Pátria está em primeiro lugar.”¹³⁵ Mesmo desligando-se no momento do treinamento, logo vinha a saudade do sertão. Saudoso e emocionado o soldado não conseguia esquecer a família, a bela namorada e de seu “lugarzinho”. Os treinamentos militares não foram capazes de cortar as raízes com a memória da vida que deixara na pequena Groaíras.

Depois do combate na Itália retornou sem nenhum ferimento para Fortaleza. Assim como outros soldados brasileiros foram tidos como verdadeiros “heróis” que venceram a guerra. Ao reencontrar a família e a noiva decidiu que casaria e retornaria para Fortaleza. Os recém casados foram orientados por um amigo do Sr. Ximenes de nome Prado. Ele que já residia na capital, logo conseguiu um terreno grande e de baixo custo no bairro Pirocaia.

Na época aqui era subúrbio, era só mato, tinha muitas lagoas, muitos riachos, os lençóis freáticos eram muito superficiais, no inverno só tinha lama, poça d’água e lagoa, o riacho que passava até aqui por trás da minha casa. Tinha vacaria, mas eram sítios abandonados, terrenos, as vacarias eram muito distantes uma da outra. Duas coisas no bairro, na região da Pirocaia, era Matador Modelo que foi inaugurado em 1926 e a fábrica Santa Cecília que eu não tenho data assim, mas foi antes da década de quarenta, que quando cheguei aqui ela já existia. Então era o limite dessa região da 15 de novembro até onde hoje é o Colégio Paulo VI que era o antigo Matador Modelo. Pois bem, não tinha nada, a gente vinha pra cá era a pé. Vinha pela João Pessoa que tinha umas caminhonetas que faziam os transportes de Fortaleza/Parangaba, ai a gente vinha pra cá, mas no inverno era atoleiro.¹³⁶

Ao narrar sobre o passado do bairro ele apontava com o indicador para a rua mostrando as transformações ocorridas. Dizendo: “ali antigamente era assim”, “ali tinha aquilo”, “hoje é assim” e nesses diálogos construímos um cenário, onde passado e presente tinham um curto espaço de tempo. A paisagem rural do bairro que levou

¹³⁵ Idem

¹³⁶ Entrevista com o SR. Ximenes, Fortaleza-CE, setembro de 2006

longos anos para ser modificada, na construção de sua narrativa não percebemos o tempo da mudança, mas os resultados dessas mudanças no espaço do bairro.

O tempo para o ex-combatente foi construído e associado a guerra, aos eventos pessoais, datas comemorativas, construções de edificações na rua e no bairro. A memória sobre Pirocaia como um bairro pouco habitado, de muitos terrenos e áreas aquosas ganhou outro caráter com a chegada da fábrica da Santa Cecília. O bairro ao longo dos anos passou por várias transformações, tais como a mudança de nome para Montese. Que segundo o ex-soldado foi uma homenagem a brigada que combateu na Itália. Tendo eles durante a guerra passado pela cidade italiana, Montese.

Pirocaia aos poucos ganhou novos aspectos, onde a sonoridade das aves e vacas foram aos poucos sendo suprimidas pelo apito da fábrica. Aumentou o fluxo de pessoas que saíam e entravam na fábrica. Os trabalhadores vinham de outros bairros, a pé ou de bicicleta, geralmente em grupos, e naquele trânsito constante movimentavam o bairro os três turnos. Os terrenos cobertos de mato e com grandes árvores já começavam a apresentar a presença de pequenas casas humildes nas proximidades da fábrica.

Carlos Viana em sua pesquisa sobre a industrialização no Ceará aponta-nos que a partir de 1941, o mesmo proprietário da fábrica de Aracati, a Cotonifício Santa Teresa, começou a construir uma outra fábrica em Fortaleza, a Santa Cecília.

Cabe lembrar que, por volta de 1941, Maximiano Leite Barbosa Filho ao ingressar como sócio nesta sociedade, sucede o tio, Miguel Leite Barbosa, como sócio majoritário da mesma. Dele, sabe-se que era sócio do pai, em 1920, na firma Leite Barbosa e Cia., que atuava na importação e venda em grosso de tecidos em Fortaleza.”¹³⁷

Naquele momento Fortaleza buscava atender aos interesses de venda do mercado externo e se tornar uma capital com potencial industrial. “A produção cearense de tecidos de algodão, igualmente a do resto do Brasil, atinge durante a década de quarenta, níveis até então nunca alcançados, que tem seus pontos máximos nos dois anos que antecedem ao último da Segunda Guerra, principalmente, no ano de 1944.”¹³⁸

Para atender a demanda de mercado seria necessário produzir mais e com isso obter mais lucro. E é a partir dessa lógica de mercado que a fábrica Santa Cecília oferece emprego aos flagelados da seca, aos desempregados, analfabetos, mulheres e

¹³⁷ Viana, Carlos. P. 232-239

¹³⁸ Idem

jovens que buscavam ali melhores condições de vida. Essa mão de obra barata e desqualificada formava o perfil desses trabalhadores.

2.1 - Tecendo sonhos na fábrica e fora dela

Ao nascer do sol o bairro Montese recebia trabalhadores de outros bairros que caminhavam ou pedalavam em sentido a rua 15 de Novembro. Operários conversavam, riam alto, outros ofegantes e ainda cansados do dia anterior caminhavam calados.

Rodrigues trabalhava na Santa Cecília como mecânico. Seu trajeto do bairro Porangabussu ao Montese era feito a pé, com algumas horas de caminhada dentre ruas cobertas de mato. No caminho encontrava colegas que iam formando grupos até a porta da fábrica. Sendo essa ambiência fabril das ruas e da fábrica seu espaço social, logo tratou de conseguir com um amigo um estágio de aprendiz para Raimundo Guerreiro. “E o Rodrigão conseguiu esse emprego.” A proposta foi de que o jovem trabalharia meio expediente exercendo sua função de aprendiz de tecelão e o outro expediente seria complementado com os estudos teóricos e profissionalizantes no SENAI.

Em 1954, Raimundo Guerreiro sai de casa no mesmo horário que Rodrigues para se apresentar pela primeira vez ao novo emprego no Cotonifício Leite Barbosa, mais conhecido como fábrica de tecidos Santa Cecília. Estava diante de uma burocracia até então desconhecida, levando em mãos seu documento de identidade com uma foto preto e branco. Quando morava em Pacoti viveu durante anos sem documento de registro e os contratos de trabalho eram todos “feitos de boca”. Não havendo necessidade de assinar nenhum papel, nem mesmo uma ordem de pagamento.

Na fábrica havia o registro dos empregados que eram encaminhados aos setores a partir das necessidades e divisão de trabalho. O controle era feito pelo setor administrativo que tinha o quadro de seus funcionários. Os trabalhadores da tecelagem não tinham contato com os funcionários do setor administrativo, que segundo ele era feita pelos irmãos:

Audísio Cigefredo Pinheiro e Edmilson Cigefredo Pinheiro, mas o presidente era o Audísio. Agora era gerenciada por italiano, era Dante Bunorane, cabra muito rígido. O diretor industrial era italiano, o chefe de manutenção era um italiano, era o Bonete. Tinha vários italianos administrando essa empresa, que era uma das maiores

empresas da época. Empregava quase três mil operários, me recordo bem disso, indústria de peso. Era a principal na época.

A Santa Cecília funcionava os três turnos e a cada turno homens, mulheres e jovens aglomeravam-se numa longa fila na porta de entrada. Com um cartão de identificação nas mãos os trabalhadores esperavam para registrar numa máquina o horário de entrada no trabalho. A máquina ficava no lado esquerdo da porta de entrada, fazendo com que a fila chegasse a contornar uma parte da lateral do muro da fábrica. Geralmente os trabalhadores dividiam as filas por gênero, mas, às vezes, misturavam-se e nesse momento de espera aproveitavam para conversar e rir de coisas triviais. Após passar o cartão, passavam também pelos olhares atentos do contramestre, só após esta vistoria abriam-se os portões largos da fábrica para que eles(as) pudessem adentrar.

Raimundo Guerreiro esperava inquieto na fila o momento de entrar e descobrir o que havia dentro da fábrica: “até então eu não conhecia, a gente fica assim, se sente até importante, sabe. No meu caso, eu entrei numa fábrica, tô trabalhando! ganhando esse dinheiro!” No primeiro dia de trabalho o jovem deparou-se com um imenso galpão, com máquinas e pessoas que movimentavam a fábrica com suor e uma sonoridade que vinha do manuseio dos teares e da fundição. Recorda que tinha:

uma ruma de máquina, aquele galpão enorme, uma ruma de gente ali, tudo nas suas atividades, coisa que eu nunca tinha visto, que nessa época trabalhava ali mais de três mil operários, ou, mais de três mil. Tinha muitos jovens, a maioria do interior. Pessoas vindas desses municípios mais perto que hoje a gente chama de metropolitana. A maioria desse pessoal era de: Maranguape, Maracanau, Itaitinga, Cascavel, São Gonçalo, a maioria desse pessoal era dessa periferia que a gente pode dizer hoje.¹³⁹

Muitos operários vieram do interior do Ceará e de suas respectivas atividades rurais para trabalhar na Santa Cecília tiveram que se adaptar ao sistema da fábrica¹⁴⁰. Sendo ela toda organizada para atender unicamente aos interesses do patrão.

¹³⁹ Raimundo Guerreiro. Local: Fortaleza-Ce, 2004

¹⁴⁰ “Os interesses do capitalismo exigiam que operário só pudesse escolher entre submeter-se ao patrão, ou não trabalhar: o sistema de fábrica não lhe deixou outra saída.” Porém, estamos nos referindo a fábrica Santa Cecília no início da década de 1950. Mesmo, os trabalhadores submetendo-se ao sistema de fábrica não implica dizer que estes aceitaram tudo que era imposto pelo patrão e contramestre. Ao logo deste capítulo iremos perceber como eles burlavam regras e faziam paralisações para reivindicar melhorias no ambiente de trabalho. Sobre isso ver: MARGLIN, Stephen A. Origem e funções do parcelamento das tarefas. Para que servem os patrões? IN: GORZ, André(org.). Divisão social do trabalho e modo de produção capitalista, Lisboa. Escorpião, 1976.p.67

Era um negócio animado, eu gostava. Era aquela coisa organizada, eu achava, até me admirava logo que eu entrei. No fim da semana o cara vinha com aquele envelope. Tinha coisa que na serra não era assim, na época que eu trabalhava não era assim. Aquilo tudo coletivo mesmo, eu ficava admirado! Era o pagamento tudo organizado, tinha certas coisas era diferente aquilo, não tinha conhecido antes.¹⁴¹

Muitos que vieram do meio rural, neste período, em muitos casos não retornavam ao seus lugares de origem, somente no fim de semana pra casa para visitar a família. Na capital estes jovens trabalhadores moravam

o que na época a gente chamava república, se ajuntava quatro, cinco, seis e alugava um cômodo, uma casa e passava a semana e no final de semana no fim da tarde saíam iam pros seus municípios. Tinha muitos que faziam assim. Vieram só, não tinham família aqui e na época moravam no que a gente chama de república. Era uma casa com vários rapazim.¹⁴²

De forma precária e muitas vezes sem muita higiene esses jovens trabalhadores se aglomeravam em pequenas casas ou cômodos. Preferindo as moradias próximas a fábrica para diminuir o tempo de caminhada até o local de trabalho. O sacrifício de viver de forma precária em Fortaleza era justificado pelo medo de regressar ao rural e conseqüentemente sofrer novamente com a seca.

Por mais que a imprensa local tentasse causar expectativas positivas à sociedade cearense sobre alertas positivas de mudanças climáticas no Ceará, os sujeitos que vinham para capital mostravam o reflexo do conflito do homem com a natureza em busca de água e comida. Nos primeiros dias do ano de 1954, a capa do jornal O Povo trazia a seguinte notícia: Mudança do tempo de ontem para hoje e prenuncio animadores do inverno de 1954.

CHUVAS ABUNDANTES NO INTERIOR

Tudo indica que teremos um bom inverno neste ano de 1954. Confirmando os prognósticos do maior meteorologista brasileiro, o grande cientista Sampaio Ferraz, que nos garante boas chuvas, no Ceará, no ano em curso vimos, de ontem para hoje, uma grande mudança no tempo. Relâmpagos elevaram o céu, ontem, à noite, desde cedo em todos as direções, como se de repente, tivéssemos mergulhado em plena estação invernal.

Essa impressão ainda mais se acentuou, quando, pela madrugada de hoje, uma chuvinha benfazeja e pronunciadora de outras maiores veio

¹⁴¹ Raimundo Guerreiro. Fortaleza-CE, 2004

¹⁴² Idem.

diminuir o calor quase asfixiante que se vinha respirando em Fortaleza desde há alguns dias.¹⁴³

O meteorologista Sampaio Ferraz tentava comprovar cientificamente possibilidades que houvesse chuvas abundantes. Causando na sociedade uma esperança de bom inverno. Enquanto os cearenses, principalmente os sertanejos aguardavam as chuvas, os trabalhadores da Santa Cecília seguiam sua rotina sol a sol na fábrica.

A fábrica representava para Guerreiro uma possibilidade de permanência em Fortaleza. A mudança de espaços – rural/urbano – implicava no momento de transição de uma outra forma de vida, onde modificou sua rotina e rede de sociabilidades no espaço de trabalho e fora dele. Pensava assim:

consegui esse emprego na Santa Cecília e fui trabalhar exatamente no setor de tecelagem e fiquei nesse setor por quase um ano. Comecei como aprendiz, auxiliar e em seguida já passei a efetivo na máquina; operando com três teares, tecelagem. E depois de algum tempo consegui uma vaga, que é onde eu iria ter oportunidade de desenvolver uma profissão. Como de fato fui para oficina, lotado lá nesse setor de fundição, quando comecei a desenvolver essa nova profissão na qual trabalhei mais de doze anos, aí na Santa Cecília e saí.¹⁴⁴

No processo de transição e aprendizagem, o modo de produção, as técnicas de utilização dos teares, o incentivo a uma maior produção de tecidos, tinha como objetivo orientar, disciplinar e criar nos jovens tecelões uma expectativa de melhor salário e de um melhor cargo na fábrica. Porém, “no capitalismo, é raro que um operário chegue até a contramestre; nem falemos de suas oportunidades de chegar a chefe ou a Diretoria Geral”¹⁴⁵. Era preciso estimular a produção para obter melhor e maior desempenho dos trabalhadores, tais resultados só eram alcançados quando se criava falsas expectativas de dias melhores na fábrica.

Para muitos era o primeiro emprego, estavam em processo de aprendizagem e precisavam mostrar bom desempenho. A facilidade no manuseio das máquinas e o tempo dedicado as horas de produção eram fundamentais para atingir a meta que o patrão estipulava. Guerreiro estava em processo de aprendizagem e dedicava-se para tornar-se um tecelão profissional trabalhando:

¹⁴³ Jornal O Povo, Ano XXVI, N8018, Fortaleza, 6 de janeiro de 1954, p.1

¹⁴⁴ Idem.

¹⁴⁵ Marglin, op.cit. p. 43

três semanas com o operário efetivo daqueles teares, daquela máquina. A gente passava auxiliando aquele operário que era pra gente aprender desenvolver o conhecimento, todo aquele manejo da máquina, aquela troca da lançadeira, aquele fio quando quebra. Tudo aquilo a gente tinha que desenvolver, aprender pra ocupar efetivamente aquelas máquinas. Ocupar a função de tecelão.¹⁴⁶

Em pouco tempo o aprendiz aprendeu a habilidade de manusear o tear como um tecelão mais velho. Em apenas três semanas ele operava

aquelas máquinas tranquilamente, já com segurança, não tinha mais problema. Só não produzia assim igual a um tecelão mais antigo, porque de qualquer maneira era um aprendiz ainda, tinha me tornado um tecelão a pouco tempo. Mas, logo a gente vai atingindo aquela meta, produzindo aquilo que no caso o patrão exige. Eu logo tive essa meta de um tecelão já antigo, já hábil naquilo, Logo, logo desenvolvi isso, cabra novo, aquela mente aberta, rapidamente pega.¹⁴⁷

O tempo de aprendizagem foi o processo de introdução dos jovens ao comportamento estabelecido pelas normas da fábrica. No sistema fabril, tempo significa tempo de produção e conseqüentemente mais lucro ao patrão. Em contraposição, o ócio poderia trazer uma possível indisciplina aos jovens operários, portanto mantê-los ocupados criava um forte elo com o trabalho.

A dedicação e compromisso com o trabalho poderiam garanti-los um cargo melhor na fábrica, por mais que isso nem sempre tivesse condições práticas de ocorrer, porém, era necessário induzir os jovens a tal pensamento para conseguir deles uma maior e melhor produção. Embora, Guerreiro viesse do meio rural, onde tivera outras experiências de trabalho, acreditava que a sagacidade da juventude, aos poucos, se adaptariam ao sistema de fábrica.

A fábrica era dividida por setores, havia a fundição, a tecelagem e a oficina mecânica, onde as máquinas eram consertadas. Tendo Raimundo Guerreiro iniciado

exatamente no setor de tecelagem e fiquei nesse setor por quase um ano. Comecei como aprendiz, auxiliar e em seguida já passei a efetivo na máquina, operando com três teares. Na época teares ingleses, uns teares antigos. A gente não tinha condição de atender mais de três teares, então operava com três. Mas, a gente tinha setor que chamava de setor com teares automáticos, que o operário operava

¹⁴⁶ Raimundo Guerreiro. Local: Data:

¹⁴⁷ Raimundo Guerreiro. Fortaleza-CE, data: 04/01/04

com oito teares, uns teares mais modernos. A maioria dos tecelões não tinham condições de operar mais de três teares.¹⁴⁸

Sobre a presença de teares antigos e modernos na fábrica, podemos relacionar um desejo de modernização das fábricas no Ceará. Onde, segundo Carlos Viana, a CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina, em 1951 foi apresentada uma pesquisa onde

tal estudo classificou como “velhos” a quase totalidade dos teares (95%) e dos fusos (91%) em operação no Brasil, porém apesar disso, a baixa produtividade das fiações e tecelagens brasileiras foi atribuída antes a um generalizado mau uso do equipamento, originado por uma organização administrativa pouco eficiente, do que a idade do mesmo.¹⁴⁹

Mas, o fator principal, talvez, deveu-se ao proprietário do Cotonifício Leite Barbosa, Maximiano Leite Barbosa Filho, que em 1941, entrou em sociedade e logo após seu ingresso sucedeu como sócio majoritário o seu tio, Miguel Leite Barbosa. “Dele sabe-se que era sócio do pai, em 1920, na firma Leite Barbosa e Cia., que atuava na importação e venda em grosso de tecidos em Fortaleza”¹⁵⁰. Onde ao longo dos anos trabalhou, também, em outros setores como representante comercial, dentre eles: “GLOSSOP e Cia. (RJ) – Engenheiros e importadores. Especialistas e fornecedores de maquinismos e acessórios para fábrica de fiação e tecelagem. A casa mais antiga do Brasil no gênero”.¹⁵¹

Compreendemos que na década de 1950, segundo o que foi relatado por Guerreiro, a presença de teares manuais e automáticos representava uma demanda de mercado. Além do interesse de modernizar a fábrica com máquinas automáticas. Sendo a família Leite Barbosa conhecedora deste mercado de equipamentos e fabricação de tecidos no Ceará. Para atender as necessidades de mercado foi necessário equipar a fábrica com teares automáticos, pois a produção de tecidos era superior no tear manual. Os patrões não se preocupavam em oferecer condições aos operários para manusear mais que três teares. Como os operários não conseguiram se adaptar ao manuseio de mais máquinas, insatisfeitos decidiram se agrupar e

¹⁴⁸ Idem.

¹⁴⁹ VIANA, Carlos Negreiro. A industrialização de Algodão do Ceará (1881-1973). Uma experiência de industrialização fora do Centro- sul. Dissertação apresentada ao curso de mestrado em Economia da Universidade de Brasília. Para obtenção do grau de Mestre em Economia, p.217

¹⁵⁰ Op.cit.,p.239

¹⁵¹ Idem

na época houve até paralisação por setor, porque quando eles montaram esses teares que é uma correria pra ter que atender todos aqueles teares. Com três teares a gente já tinha problema, imagina seis?!Ai o operário resistiu aquilo e eu me lembro que houve paralisação na fábrica. Não tinha condições de atender toda aquela máquina. Mas, com o tempo o patrão dobra, porque despedia e empregava outro, até conseguir dobrar mesmo e os operários tiveram que se submeter a trabalhar mesmo com seis, oito teares. Agora nesses mais antigos não tinha como. Eram máquinas velhas, superadas mesmo e a gente não podia atender mais do que três teares.

A insatisfação dos operários, levá-los a luta, recorda Guerreiro. Mas, o patrão sempre tinha estratégias de manipulação. Ele determinava uma ordem na fábrica e esta tinha que ser efetivada, como era o caso da produção que ele determinava a cada setor,

ele estipulava: se atingir x de metros de tecido, então, tem esse salário a mais. Era assim uma espécie de trabalho sobre produção que é uma bruta exploração do capitalista em cima do operário, tem que se jogar para produzir mais que era pra ganhar aquele quinhãozinho a mais. Na realidade quem ganha muito com isso é o patrão, o operário muito pouco, mas mesmo assim me senti entusiasmado.¹⁵²

Mesmo sabendo do real interesse do patrão, o jovem tecelão, sentia-se importante, pois “sabia que ia ganhar aquele dinheiro a mais. Então a gente se interessava mesmo, jogava toda fora que tinha nisso aí que é uma lógica da burguesia, do capitalismo. É exatamente isso aí explorar o máximo possível o trabalho do operário’”¹⁵³. A venda da sua mão de obra, o esforço para atender uma maior produção eram estimulados com um “quinhãozinho a mais”, que ganharia atendendo a uma maior produção de tecidos do que era estipulado a cada operário. O jovem tecelão necessitando de mais dinheiro no final do mês, então submetia-se ao trabalho.

Guerreiro quando iniciou como aprendiz de tecelão acreditava que trabalharia um turno e o outro turno estudaria no SENAI. O acordo com a fábrica havia sido de

trabalhar só três dias por semana ou só meio expediente, como em muitos casos era assim, meio expediente na empresa e meio no SENAI ou em outra escola qualquer, mas conversa! A lei existe só no papel, a gente tinha era que prestar mesmo o horário integral e a semana completa de segunda a sábado, a realidade é essa.¹⁵⁴

¹⁵² Raimundo Guerreiro. Fortaleza-Ce, 2004

¹⁵³ Idem.

¹⁵⁴ Idem.

Os sonhos de melhoria de vida aos poucos foi sendo desconstruídos pela desilusão diante da experiência fabril e do SENAI, que seria a instituição escolar onde aprenderia a teoria e na fábrica Santa Cecília colocaria em prática seu conhecimento. Nesses espaços de aprendizagem, disciplina e ordenamento dos jovens operários dedicavam seu tempo. A fábrica além de empregar os jovens que em sua maioria vinham do interior do Ceará, exercia, também, seu papel social quando acolhia e ocupava-os com trabalho.

As instituições de ensino profissionalizante, que tinham ligação direta com as fábricas, indústrias e comércios, como o SENAI, SESI, SESC e SENAC atendiam no Brasil vários jovens que desejavam obter uma profissão. Em 1953, Osvaldo Aranha se posicionou na Câmara dos Deputados no Rio de Janeiro levando por escrito respostas aos questionamentos feitos por Raimundo Padilha e Bilac Pinto. Além do questionamento da função social de tais instituições de ensino profissionalizantes, também foi requerido a prestação de contas das mesmas:

SESI, SENAI, SESC E SENAC DEVEM PRESTAR CONTAS

Importante pronunciamento de Osv. Aranha a esse respeito
Rio,2 (Gazeta) Falando ontem na Câmara dos Deputados, aonde levou um longo relatório de 55 páginas em resposta às perguntas que lhe fizeram os srs. Raimundo Padilha e Bilac Pinto, o ministro da Fazenda declarou sob demoradas palmas do plenário - a certa altura da sua oração.

Quanto às entidades para-fiscais, como o SESI e o SENAI, SESC e SENAC, não as julgo indispensáveis, salvo quando à missão educadora e de assistência das mesmas, uma vez que a defesa das classes prescinde de órgãos que vivem à custa da cobrança de tributos, no uso do poder financeiro que constitui manifestação privativa do estado, na sua condição de ente soberano de direito público. Assim sendo, não apenas sou favorável à prestação de contas dessas entidades, como parece fora de dúvida que suas contribuições devem figurar no orçamento Geral.

O ministro intercalou essa importante afirmação na resposta oferecida aos quesitos formulados pelo sr. Bilac Pinto. Mas a sua exposição iniciou-se com a resposta aos quesitos apresentados pelo Sr. Raimundo Padilha.¹⁵⁵

As coisas não ocorreram como Guerreiro imaginava. A atividade que deveria ter sido exercida apenas meio expediente ocorreu em tempo integral. Chegou a se cadastrar no SENAI, mas não conseguiu vaga para assistir as aulas. Portanto, ficou apenas com o trabalho na tecelagem durante dois turnos, exercendo a mesma atividade que um tecelão

¹⁵⁵ Gazeta de Notícias. ANO XXVII, N8325, 3 de outubro de 1953.p. 1-4

adulto, porém recebendo salário de aprendiz. Havia várias irregularidades e estas foram percebidas por Guerreiro logo nos primeiros anos de fábrica.

O sistema de fábrica, que exigia do trabalhador total dedicação para atender as ordens estipuladas a partir dos interesses do patrão. Guerreiro ingressou no sistema de fábrica com

[...] mais ou menos dezesseis anos, ainda de menor e tinha na lei que o menor só teria que prestar três dias de trabalho na empresa e três dias ele teria que estudar, aprender uma profissão, mas no meu caso eu não tive essa chance, pois não tinha vaga, né. Na época eu prestava era a semana todinha de trabalho ganhando meio salário.¹⁵⁶

Ao ser Guerreiro inserido na fábrica, inicialmente só conseguia perceber o desejo de melhoria de vida e alegrava-se por ter conseguido um trabalho de aprendiz na tecelagem, além dos estudos no SENAI. Logo as estratégias de exploração da fábrica foram percebidas quando teve que trabalhar tempo integral.

Não conseguindo vaga para estudar no SENAI, Guerreiro ainda tentou matricular-se nas Escolas Reunidas Gonçalves Lêdo,

que chamavam de escola dos Merceeiros. Procurei vaga, mas não consegui vaga, era muito limitado. Praticamente não existia ensino à noite. O dia era ocupado de sete, seis da manhã e ia até cinco ou seis da tarde. A fábrica funcionava à noite. Tinha turnos, a fiação era assim: seis as duas, das catorze as vinte e duas, vinte duas a três da manhã, na tecelagem era a mesma coisa na máquina direto, só parava domingo pela manhã o último turno. O turno que tinha entrado dez da noite de sábado, as seis da manhã de domingo, era assim direto.¹⁵⁷

Mesmo sem conseguir estudar Raimundo não pensava em sair da fábrica. Submetia-se a exaustivas horas de trabalho na fábrica, mas não queria retornar a Pacoti: “E que futuro tinha lá? Trabalhar nos cafezais, no canavial? Fora isso não tinha outra coisa. Trabalhava muito de servente de pedreiro”. Preferindo trabalhar como um tecelão adulto, dois turnos e fazendo hora extra.

2.2 - Havia tempo para ler?

“O livro isola, a palavra falada agrupa. O livro leva ao ‘ponto de vista’, a uma atitude crítica, a palavra falada implica uma participação emotiva.”¹⁵⁸

¹⁵⁶ Raimundo Guerreiro, Fortaleza –CE, 2004

¹⁵⁷ Idem.

¹⁵⁸ Eclea Bosi, p.45

Os livros, a leitura, a escrita eram práticas distantes da realidade dos trabalhadores fabris. O conhecimento letrado não se fazia presente entre a maioria desses indivíduos, porém, o conhecimento adquirido pela experiência de vida tinha grande relevância dentre, pois os valores passados a partir de tais vivências nos apontam peculiaridades deste universo iletrado da fábrica Santa Cecília.

A linguagem falada, os gestos, o choro, o riso, a fadiga, as brigas, os lamentos do cotidiano eram manifestações geralmente inquietantes devido ao trabalho exaustivo na fábrica. Essa linguagem muitas vezes corporal estava além da fala. Desta forma, as informações, pensamentos e cultura operária não podem ser compreendidos como elementos de expressão inferior.

Na fábrica Santa Cecília poucos tiveram condições de ter contato com o universo da leitura ou escrita. O tecelão Raimundo Guerreiro recorda que:

[...] muitos sabiam ler, mas tinha muitos analfabetos. Tinha muitos na minha época analfabetos mesmo, não sabiam nem ler e nem escrever, analfabetos! A maioria vinha desses municípiuzim, que não sabiam nada. Não tinham escola, não tinham freqüentado nada, aqueles meninos lá do campo, lá da roça mesmo, naquela época era muito difícil essa situação.

159

Na fábrica o que importava era o trabalho. Para os jovens cearenses que se deslocaram do rural para tornarem-se trabalhadores fabris o universo letrado estava muito distante de ser uma realidade. Michelle Perrot aponta que os jovens operários “não se beneficiam, como os jovens burgueses, desse tempo de latência e de formação que possibilita uma sociedade adequada e eventualmente uma expressão autônoma.”¹⁶⁰ O conhecimento letrado não fazia parte do universo dos trabalhadores, as informações prioritariamente eram passadas oralmente.

E nesse universo de iletrados, os que sabiam ler ou escrever, destacavam-se dos demais. Sendo incontestável que tais elementos apresentam-se como um caráter de diferenciação entre os demais do grupo. Mesmo os que foram alfabetizados apresentavam dificuldades nas práticas de leitura e principalmente em escrever. As mãos calejadas pelas máquinas exigiam do corpo uma flexibilidade e adaptação para

¹⁵⁹ Raimundo Guerreiro, Fortaleza Ce, 2004

¹⁶⁰ PERROT, p.84

pegar no lápis e traçar letras tremulas no papel. Escrever não era uma atividade fácil para homens que estavam acostumados ao trabalho pesado.

O tempo do trabalhador era controlado pelo tempo de trabalho na fábrica, o que não o permitia se dedicar aos estudos. Os que conseguiam se dedicar a leitura eram minoria, tidos como autodidatas. Raimundo Guerreiro estava nesse perfil, pois mesmo sabendo o básico do conhecimento que obtivera na escola e com as aulas com a professora Virginia foram suficientes para dar ao jovem uma autonomia de ler seus livros desejados e escrever seus pensamentos.

O autodidatismo dentro e fora da fábrica pode ser percebido como uma prática de esforço dos trabalhadores. Para estes a leitura e escrita eram elementos importantes, porém, nem sempre no findar do expediente o corpo cansado conseguia debruçar-se em horas de leitura. Fora da fábrica o tempo livre geralmente era utilizado para o descanso, ou o lazer, já que o trabalho mecanizado, repetitivo e disciplinado da fábrica exigia o esforço físico deles. Desta forma, nem sempre sentiam-se aguçadas pela leitura.

A historiadora Adelaide Gonçalves compreende que em “alguns a evocação das primeiras leituras e quase sempre associada às dificuldades do meio e as extensas jornadas de trabalho. Lia-se à noite, após um dia de intensa labuta ou se tentava driblar a fiscalização dos patrões, gerentes e contramestres.”¹⁶¹ Dentro da fábrica havia uma cobrança e controle pelos contramestres italianos. Estes proibiam conversas e quaisquer tipos de leitura para evitar uma distração do trabalhador no manuseio da máquina. Podendo danificar os tecidos ou a própria máquina. Guerreiro, que era autodidata levava revistinhas para o trabalho, baixando a cabeça tentava ler discretamente para não ser percebido pelo contramestre.

2.3 - A vida do trabalhador dentro e fora do espaço da fábrica

Podemos acreditar que falar de fábrica é pensar principalmente em exploração e controle de mão de obra. Mas, “não há compreensão possível do espaço e do tempo do trabalhador manual se a fadiga não estiver presente e a fome e a sede que dela nascem. E as alegrias que advêm desta participação no mundo através do suor e da fadiga(...)”¹⁶² A vida do trabalhador não estava restrita ao espaço do trabalho. A vida do

¹⁶¹ GONÇALVES, Adelaide. Trabalhador lê?. In: Revista de Ciências Sociais, v.34, N 1, 2003. p.63

¹⁶² BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**: leituras de operárias. Petrópolis: Vozes, 1986. p.26

trabalhador fabril tinha sua extensão fora das paredes da fábrica. O universo do trabalhador também se manifestava no riso, no namoro, no lazer, nos desejos e sonhos concretizados ou frustrados.

A vida fabril permitia-o participar do consumo da vida urbana da capital. Sendo possível sair do bairro e transitar por outros bairros da cidade. Sobrava pouco dinheiro para participar do lazer, pois o salário recebido pelo trabalho na fábrica era compartilhado com a família.

Durante os dias da semana seu tempo era dedicado ao trabalho. E suas atividades pessoais ficavam muito restritas. No trajeto da casa no bairro Porangabussu para a fábrica no Montese, Raimundo Guerreiro conhecia algumas pessoas que tornavam pelos minutos de conversa a rotina menos tediosa. Geralmente eram trabalhadores que seguiam o mesmo caminho até chegar a fábrica. Os novos amigos faziam ampliar a rede de sociabilidade do jovem que até então estava restrita ao círculo familiar e de alguns moradores da rua Francisca Clotilde.

O garoto que na época tinha por volta dos dezoito anos de idade, tinha interesse em trabalhar, ter seu dinheiro e gastá-lo em passeios com os amigos. A curiosidade para a vida afetiva, também, foi despertada nesse mesmo período. Desinibido lembra que logo começou a fazer amizade na fábrica,

a ganhar o dinheiro, já ia pro cinema no final de semana com uma namoradinha da fábrica mesmo, tecelã. Tinha uma que trabalha na fiação, tinha uma que se chamava Sônia, a outra era assim só aquela paquera de rapaz. A Sônia foi a primeira namorada, tinha mais ou menos minha idade.¹⁶³

A primeira namorada conheceu-a entre troca de olhares na fila de espera para entrar na fábrica:

Era mais no intervalo, na saída! Na saída formava aquelas filas de marcar o ponto, então aquela fila de mulher (risos). As filas eram separadas, mas às vezes misturava, quem chegava na fila ficava pra marcar o ponto. Aquela coisa de rapaz jovem, aquele toque, aquele olhar. Essa menina morava até perto daquele canal, ali do Porangabussu, tinha outra que morava na casa da Vila. Foram as primeiras que fui conhecendo, era assim.¹⁶⁴

¹⁶³ Raimundo Guerreiro, Fortaleza-CE, 2007

¹⁶⁴ Idem.

Entre gargalhadas tímidas Raimundo relembra as paqueras que aconteciam no trabalho. A puberdade dos jovens era despertada pelo perfume adocicado da garotas com sorrisos e olhares tímidos, que na porta de entrada para marcar o ponto deixavam o dia dos rapazes mais animados. O tempo de espera das moças e rapazes era, também, o tempo para as descobertas das conversas juvenis dos tecelões e da troca de afetos. Poucos eram os momentos que os trabalhadores tinham para se conhecer, pois dentro da fábrica os mestres estavam sempre atentos para que o trabalho não fosse interrompido com conversinhas e gargalhadas.

Mas não era a juventude e os trabalhadores adultos que compunham o quadro de empregados da fábrica Santa Cecília. Era comum a presença de crianças nos setores de fiação e tecelagem da fábrica. Para Guerreiro era surpreendente a quantidade de meninas com idade inferior a sua:

a maioria eram mulheres. Aonde tinha muita mocinha menor de 13 e 14 anos já prestando este trabalho ganhando meio salário, era lei, a lei assegurava isso ai que o patrão pagaria meio salário aquele operário. Muita, muita, muita menininha mesmo trabalhando na empresa. Predominava o trabalho da mulher lá na indústria.¹⁶⁵

A habilidade manual pode ser uma justificativa do patrão para empregar tantas meninas na fábrica. Mas, era o baixo salário que respondia a presença dessas meninas, chegando a ser um salário inferior aos dos garotos que exerciam o mesmo trabalho.

Durante a semana os jovens tinham que se dedicar ao trabalho fabril, poucos estudavam ou tinham outras atividades, pois ficavam confinados durante dois ou três turnos. Os finais de semana pareciam ser o momento da liberdade. Alguns aproveitavam para o descanso, outros aproveitavam para ficar em casa com a família, ou, para os que tinham religião participavam dos cultos religiosos. O lazer era a principal opção dos garotos, que nos terrenos desocupados improvisavam traves e com os amigos jogavam partidas de futebol, alguns reuniam-se nas calçadas para conversas com amigos. Os casais de namorados iam para as praças ou cinemas da cidade.

Guerreiro que na época namorava Sônia levava-a para assistir filmes nos cinemas da cidade. Era uma verdadeira atração para os jovens os cines que existiam nos bairros. Iam de bicicleta, a pé, solitários ou em grupos, mas faziam o possível para

¹⁶⁵ Idem.

acompanhar as histórias dos atores prediletos. Havia vários cines na cidade, no final da década de cinquenta :

na época nem sonhava em televisão, era o cinema, né. Aqui tinha logo ali do lado da assistência tinha o Arassanga, tinha Magestic, Montec na Praça do Ferreira. Tinha o Cine Rex na general Sampaio antes de chegar na Praça José de Alencar, né. Tinha o Toassu era uma empresa ligada a esse negócio de pescador, que ficava ali na Visconde do Rio Branco e por aí vai. Agora tinha sido inaugurado, não, ia inaugurar o cine São Luiz, por que nessa época o mais moderno no Centro da Cidade era o Cine Moderno. O São Luis tava pra ser inaugurado foi em 58. Aí nessa época eu já fazia tempo que tava na tecelagem, já tinha melhorado até assim a situação de salário, o meio profissional, já mais amadurecido, né. Nessa época eu já tinha sido transferido para fundição.¹⁶⁶

As telas de cinema seduziam os jovens. Como nessa época Raimundo Guerreiro havia sido transferido para o setor de fundição na fábrica, o salário era um pouco melhor, podendo ir com mais frequência aos cinemas e acompanhar os filmes que eram passados em série:

tinha uns filmes nacionais que eu gostava de assistir. Eu lembro que tinha um seriado , eu me lembro o nome, lembro do nome do autor, chamava Bob Estelio, o seriado não recordo o nome. A maioria era norte americano, mas já tinha alguns nacionais, da Atlântica, na época já tinha. Naquela época aquele rapaz já falecido, deixa eu ver se lembro: Oscarito! Lembro demais dos filmes com ele. Aquele outro velho, não recordo agora. Sei que tinha Oscarito, tinha aquela menina famosa na época: Adelaide Chioso. Tô com a cabeça falha, mas era fã das artistas da época, da Atlântica.¹⁶⁷

Sair do espaço da fábrica e sentir-se humano, participar dos acontecimentos de sua época e poder criar e recriar dentro de si vários personagens. Projetavam alegria na vida do trabalhador como um filme era projetado na tela de cinema.

Para compreender o universo da classe trabalhadora era preciso perceber unicamente o sistema de produção, mas a vida diária dos trabalhadores, pois era a vida social e econômica que causava uma inquietação diante da situação. Falar desses sujeitos sem falar da fome, da miséria, do cansaço, da exploração e do sofrimento é impossível. Mas, tais vidas não eram constituídas unicamente de martírio; havia o lazer, a moda, o namoro, a religião, e a partir dessa conjuntura é que compreendemos o universo do trabalhador fabril.

¹⁶⁶ Idem.

¹⁶⁷ Idem.

2.4 – “Foi exatamente aí onde eu vim desenvolver o que hoje eu chamo de consciência de classe, né.”

A fábrica Santa Cecília era um espaço de sociabilidades entre mestres e operários. O cotidiano fabril mesmo com sua rotina de produção e atividades não estava livre de conflitos. Logo, em meados da década de cinqüenta, primeiros anos de funcionamento da fábrica os trabalhadores já começaram a sentir algumas irregularidades e explorações os quais eram submetidos. As necessidades cotidianas e a lutas só tiveram expressão e visibilidade quando provocaram relações de conflito com aqueles que eram tidos como superiores, no caso os patrões e contra-mestres. Para Sérgio Leite “as formas de resistência operária não se fazem em sindicatos, mas se aprendem na própria fábrica.”¹⁶⁸ Um exemplo claro para tal afirmativa foi a percepção, inquietação e atuação dos funcionários da fábrica em relação as irregularidades no ambiente de trabalho. Na produção, o patrão, segundo Raimundo Guerreiro, exigia que o tecelão tivesse total responsabilidade pelo tecido produzido:

Digamos que nesses teares se a gente não tivesse muito cuidado o tecido saia falhado e era uma preocupação, porque a gente tinha que pagar. O pior era isso: a gente não ficava com o produto; mas pagava por ter produzido aquele tecido com falha, que a culpa não era da gente. A culpa era lá de quem preparou aquele rolo de algodão, da própria máquina que não tinha um dispositivo que parasse quando aquela máquina que falhou. A gente tinha com o olho observar quando aquele tecido tava falhando, que geralmente era o rolo de fio. As peças de fio que quebravam, porque esse tear antigo, ele não parava. Diferente do tear automático que quando quebrava um fio a máquina dava o sinal.¹⁶⁹

A situação colocava os trabalhadores em constante atenção e tensão. Pois, para indignação dos trabalhadores quando chegava o dia de receber o salário eram surpreendidos pelo patrão que os punia pela falha no tecido, “ algumas vezes aconteceu de ser descontado no salário aquele metro, dois metros ou aquele centímetro de tecido que deu falha.” Quando era identificado uma falha no rolo, o operário acionava o contra-mestre para trocar o rolo, ou chamava um técnico para verificar a máquinas, mas

¹⁶⁸ LOPES, José Sergio Leite. Cultura e Identidade Operária. Aspectos da cultura da classe trabalhadora. p.54

¹⁶⁹ Raimundo Guerreiro, Fortaleza-Ce, 2004

quando o tecelão não observava direito e se por desventura o tecido saísse com falha, então o operário tinha que pagar, sendo já descontado em seu salário.

Mas, a culpa era da máquina ou do trabalhador? Inconformados, trabalhadores se reuniram e tentaram fazer um “movimento” contra este tipo de “exploração”. Tiveram que ameaçar uma paralisação e exigir que o rolo fosse avaliado antes de ir para tecelagem para evitar as falhas no tecido. A revolta que brota nos homens de mãos calejadas e exauridos de horas de trabalho advém da necessidade que os mesmos passavam na fábrica e fora dela. Os trabalhadores através da experiência de vida adquirem algum tipo de consciência, mesmo que não seja uma consciência que advém de orientações de Partido Político ou Instituições. Assim a luta surge a partir dos interesses e necessidades, compartilhados ou individuais, dos trabalhadores fabris.

Raimundo Guerreiro e outros trabalhadores se reuniam e até organizavam paralisações, tudo mediante a pulsão do momento. A consciência de classe ainda não pode ser percebida neste momento, visto que não tinham a devida compreensão do poder de luta e idealização de homens e mulheres que eram fundamentais na participação da vida economia, social e política no ambiente de trabalho e para a cidade de Fortaleza.

Posteriormente, após alguns anos de fábrica é que Raimundo Guerreiro, adquire uma consciência política que advém de orientações partidárias. A partir deste caso específico podemos compreender como um sujeito que não tinha uma formação política mais elaborada pode a partir do cotidiano fabril, das mobilizações e do contato com militantes partidários de esquerda ter uma nova visão sobre seu papel quanto trabalhador e sujeito que tem uma mobilidade social. Sabendo da importância da Fábrica Santa Cecília para a indústria cearense, ele assegura-nos que :

Era uma grande empresa e também uma empresa de muita luta dos operários. Foi exatamente aí onde eu vim desenvolver o que hoje eu chamo de consciência de classe, né. É onde o operário desenvolve a sua consciência de classe é exatamente aí ligado a produção naquele trabalho do dia-a-dia e debaixo daquela exploração que os capitalistas, a burguesia, impõe ao operário.

Ao revelar a situação dos trabalhadores e nos revela compreender a verdadeira intenção do patrão, que era de explorar aquela mão de obra fabril. Tal consciência, a qual o próprio Raimundo Guerreiro classifica como uma “consciência de classe”, só foi

possível ao longo de suas atividades cotidianas na fábrica, sua forma de pensar foi aos poucos modificada a partir de tais experiências. E.P. Thompson entende por classe:

um fenômeno histórico, que unifica uma serie de acontecimentos dispares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno histórico. Não vejo a classe como uma “estrutura”, nem mesmo como uma categoria, mas como uma “categoria”, mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas.¹⁷⁰

Thompson nos ajuda pensar esses trabalhadores como um processo de construção, portanto, “não podemos entender a classe a menos que a vejamos como uma formação social e cultural, surgindo de processos que só podem ser estudados quando eles mesmos operam durante um considerável período histórico.”¹⁷¹ Para compreender o universo do trabalho fabril é preciso analisar a vida dos trabalhadores além das paredes da fábrica, pois falar desses sujeitos sem falar da fome, da miséria, do cansaço, da exploração e do sofrimento é impossível. Não era possível dissociar o sofrimento, pois o trabalhador que sentia fome no espaço da fábrica, também havia deixado mulher e filhos na mesma condição em casa; mas, tais vidas não eram constituídas unicamente de martírio. Havia o lazer, a moda, o namoro, a religião, e a partir dessa conjuntura é que compreendemos o universo do trabalhador.

Guerreiro ao falar nas entrevistas sobre sua situação na fábrica, ou fora dela, quando menciona alguma situação que compreende como exploração, os olhos saltam de indignação, as mãos gesticulam como se estivesse em um discurso e a voz ganha um timbre mais forte. Ao falar do passado sempre menciona e explica a exploração que trabalhadores fabris e pobres sofriam em Fortaleza e os jargões dos militantes de esquerda de sua época aparecem em seus depoimentos, isso nos possibilita compreender a memória do passado, do presente e até pensamentos hipotéticos sobre o futuro que está interligado a experiência de vida que tivera anteriormente. A experiência do trabalho fabril foi retomada, apresentando-se como marco principal para uma serie de outras atividades que foram desencadeadas.

¹⁷⁰ THOMPSON, E.P. A Formação da classe operária Inglesa. RJ: Paz e Terra, 1987. p.

¹⁷¹ THOMPSON, Edwar P. A formação da classe operaria inglesa. IN: árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987,p.12

3° CAPÍTULO – DESENCANTAMENTO DE UM GUERREIRO: DO PESSIMISMO À FÉ DE QUE “OS SONHOS NÃO ENVELHECEM”

3.1- 1964- “Dentro da lei e da ordem”

O ano de 1964 foi marcado por grandes mudanças no plano econômico, político e social do país. Onde as proporções da tomada do poder pelos Militares foram sentidas em escala nacional após o Golpe de 64.

Com relação a economia o país parecia buscar avanços no setor industrial. Esforços de gestões anteriores, como a de Juscelino Kubitschek (1956-1961), onde houve um estímulo à “entrada de capitais estrangeiros, impulsionaram a produção automobilística, seguida de perto pela de eletrodomésticos.”¹⁷² Havia no setor investimento de capital internacional e nacional.

No Nordeste, o Ceará mesmo estando “atrasado” no processo de industrialização, com relação a outras cidades, vinha desde o início da década anterior, tentando desenvolver-se. A criação do Banco do Nordeste em 1954 pode ser vista como um começo, para posteriormente gerar em Fortaleza um pólo industrial que fosse significativo para a economia cearense, o que demonstra um “avanço” para uma “modernidade”, diferente daquela sociedade ainda atrelada a uma economia agrícola e pastoral, em torno da política dos coronéis. A “modernidade” a qual nos referimos neste momento traz como símbolo de “progresso” para sociedade fortalezense a indústria. Porém, seria necessário que houvesse uma infra-estrutura capaz de atender ao mercado de produção e exportação. O pequeno grupo de novos industriais tinha como principal interesse fazer da capital o centro comercial e político do Ceará. E nesses discursos de “progresso” e “modernidade” foi que Fortaleza buscou no maquinário industrial uma visibilidade, a nível de Nordeste e Brasil, de cidade que caminhava para o “futuro”.

Fortaleza tinha Virgílio Távora à frente do Governo do Estado. Na sua primeira administração, 1962-1966, temos uma significativa realização que foi trazer a energia de Paulo Afonso na Bahia, para o Ceará, o que possibilitaria uma estrutura para o

¹⁷²MENDONÇA, Sonia Regina de. FONTES, Maria Virginia. **História do Brasil Recente 1964-1992**. 4ªEd. Revista Atualizada. Editora Ática, 1996. p.9

desenvolvimento industrial. Mas, o movimento político de 1964, ainda era nebuloso para Virgílio. Porém, nos anos seguintes veremos como os militares e os empresários se relacionavam para essa possível “modernidade” cearense.

Após as festividades do novo ano de 1964 assistimos na manhã do dia 2 de janeiro, a visita do Governador do Ceará, Virgílio Távora, ao Rio de Janeiro, o que mostra-nos sua relação como as Forças Armadas. O encontro contou com a presença de Oficiais do Exército, da Marinha e da Aeronáutica que estavam representando as Forças Armadas de Fortaleza, tais representantes estiveram no Palácio da Luz para cumprimentar o Governador pela passagem do Ano Novo. À frente tiveram como representante o General Almério Castro Neves, comandante da Décima Região Militar, que saudou o Governador pronunciando-se: “É preciso que todos saibam que as Forças Responsáveis estão unidas pela democracia.” O discurso na íntegra foi divulgado pelo jornal Gazeta de Notícias do dia 3 de janeiro:

“Exmo. Sr. Cel. Virgílio Távora – Governador do Estado do Ceará – Está aqui a Guarnição federal de Fortaleza, representada pelos seus oficiais, mais graduados, de Mar, Aeronáutica e Exército, para apresentar a V. Excia os cumprimentos pela passagem de ano e os votos de felicidades para 1964. Decidiram os companheiros de Mar e Aeronáutica que o mais velho e mais graduado fosse o intérprete de todos[...]Vivemos em uma época em que é necessário, de vez em quando, dar uma demonstração ostensiva do bom entendimento existente entre as autoridades, militares e civis. Não é bastante sermos unidos; é preciso que todos saibam. Dessa forma, teremos melhores condições para que qualquer problema que surja seja mais facilmente resolvido, dentro da lei e da ordem.”¹⁷³

O discurso de ordem do General Neves prossegue com intenções claras do posicionamento das Forças Armadas de Fortaleza em relação às medidas ideológicas dos militares diante de quaisquer oposições as “leis e ordem” nacional:

“Agitações, reivindicações, etc., são acontecimentos normais em um país que viva em regime democrático. Elas só não existem nos países totalitários. Nos países democráticos, elas são uma consequência da própria liberdade que o regime assegura, particularmente do direito de livre manifestação do pensamento, ou seja, da liberdade de palavra. Devem ser respeitados portanto, enquanto se mantiverem dentro da lei e da ordem. No Ceará, segundo uma expressão já de uso corrente, HÁ GOVERNO” e a nossa união é uma garantia para que, sem prejuízo para a liberdade de ninguém este Estado continue a ser a ilha de tranquilidade que é. Era isso Exmo.

¹⁷³ Jornal Gazeta de Notícias. ANO XXXVII, 3 de janeiro de 1964, N 10.603, p. 5

Sr. Governador, que nós queríamos dizer a V. Excia de forma ostensiva, clara e destacada, e por isso, pedimos uma audiência especial para nós, das Forças Armadas sediadas no Ceará.”¹⁷⁴

A fala foi finalizada com os votos de felicidades ao Governador, sua esposa, a Primeira Dama do Estado, Dona Luíza, e toda sua família. Cordialidades a parte, a fala do General Neves deixou claro o posicionamento das Forças Armadas em relação ao Governador do Estado e ao bem-estar ao povo cearense. Apresentando o Estado do Ceará como um lugar “seguro” e livre de “agitações e reivindicações”, o General garantiu que a Marinha, Aeronáutica e Exército estavam cumprindo seu papel, solicitando ainda naquele momento um outro encontro para uma audiência particular com Virgílio Távora, possivelmente para abordar assuntos internos.

A Fortaleza do discurso do General Neves estava longe de ser uma cidade tranqüila. A cidade multifacetada, ora apresentava-se, ora camuflava-se entre bairros, ruas, becos, vielas, casas e casebres. Seja nos espaços públicos ou privados a cidade era resultado de seus conflitos e relações multiformes. A cidade real e a ideal muitas vezes aparecia desfigurada quando estampada nas colunas dos jornais da época. Apresentando-se diferente do discurso de ordem dos militares, como vimos na fala do General Almério Castro Neves.

Fortaleza no plano político estava atrelada a política dos Militares. No plano econômico deveria galgar numa direção de destaque com relação ao restante do Ceará. Juazeiro do Norte e Sobral ainda era responsável por uma economia pautada no modelo rural de administração, política e econômica. Se o rural era verde, então o cinza das fábricas e indústrias certamente trariam para Fortaleza a imagem do almejado “progresso”, tornando-a o centro das atenções do Estado.

Os investimentos dos empresários, os incentivos de órgãos como a SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) e o Banco do Nordeste fortaleceriam o processo de industrialização na capital, que precisava de energia, transportes e capital para iniciar o que viria a ser depois o pólo industrial no município de Maracanaú.

Em Fortaleza temos fábricas como a Santa Cecília que era significativa para a economia local. A fábrica buscava atender essa demanda pelo desenvolvimento comprando novas máquinas, que eram mecanizadas e vinha de outros países. Gerando além de comércio externo pela venda de tecidos, um comércio novo que era o de

¹⁷⁴ Idem

melhoramento da produção da fábrica, segundo uma compreensão da época, pois estava substituindo mão-de-obra humana, que era suscetível de falhas. E a máquina mecânica era mais precisa e exigia menos funcionários no seu manuseio.

Em material elaborado pelo Banco do Nordeste do Brasil, sobre a perspectiva de desenvolvimento do Nordeste para os anos 80, temos o seguinte panorama da indústria na região de 1949 a 1967:

O produto real do setor manufatureiro cresceu ao nível de 5% ao ano, entre 1949 e 1959, e 3,7% ao ano entre 1959 e 1967.

A par dessa redução da taxa de crescimento, a indústria apresentou resultados pouco favoráveis do ponto de vista de absorção de mão-de-obra, no período 1949/1959.

Isso é consequência, principalmente, da baixa taxa de crescimento das indústrias tradicionais, que ainda têm um peso muito grande na formação do valor de transformação industrial e na geração de emprego industrial.

Assim, as indústrias têxtil, de vestuário e calçados que, em 1967, eram responsáveis por 22,1% da transformação industrial e 28,9% do emprego industrial, cresceram apenas 1,7% a.a. no período 1949/59 e 1,5% a.a. no período 59/67.¹⁷⁵

Os dados apresentam que o Nordeste não obteve avanços significativos de crescimento industrial. Dentro deste quadro como Fortaleza conseguiria espaço para ser um pólo industrial e crescer no setor têxtil?

Jonas Carlos da Silva¹⁷⁶, empresário, criador da Loteria Estadual do Ceará, 1948, e deputado cearense durante 20 anos na Câmara Federal elaborou no início da década de 1960, material em formato de livro, intitulado: Roteiro de uma Nova Estrutura. Consistia num apanhado de matérias de jornais, cartas e outros documentos, sendo a maioria sem datas, ordem cronológica e descrição da matriz das informações. Porém,

¹⁷⁵ HOLANDA, Antonio Nilson Craveiro. O Desenvolvimento do Nordeste, desempenho recente e perspectiva para 1980. Fortaleza: Banco do Brasil, 1974. p.18-19

¹⁷⁶ Jonas Carlos da Silva apresenta-se na contra-capa de seu Roteiro da seguinte forma:

“No setor privado, somos Agricultor e Comerciante, no campo político, trabalhista de origem e por convicção. O nosso trabalhismo não visa a interesse pessoal algum, nem de grupos internacionais, sejam de esquerda ou de direita, portanto trocamos uns pelos outros e não queremos volta. O nosso trabalhismo também não é de centro, posição cômoda dos oportunistas. O nosso trabalhismo é de luta em prol da emancipação política, econômica e social de nosso povo, pois no trabalhador, desde os de mãos calejadas ao intelectual, está a sólida infraestrutura desta política. O nosso trabalhismo olha sempre para frente, porque tem idéias próprias, capazes de mudar essa estrutura arcaica e viciada, que está intoxicando o organismo de nossa Pátria, para uma estrutura que irrigará todas as células orgânicas do país, dentro de um processo verdadeiramente democrático. Rua Edgar Borges, XV – Ed. Beliza - 1º andar- apto. 2, Fortaleza-CE”

Ver: SILVA, Jonas da. Roteiro de uma nova estrutura. Fortaleza: Composto e impresso no jornal A Fortaleza, 1965

Obs: Este material foi encontrado na casa do operário e simpatizante do Partido Comunista, Rodrigues Barros.

fica explícito seu interesse ideológico de “avanço” para o país, além de demonstrar explicitamente seu apoio aos Militares.

Acreditando no “trabalhismo”¹⁷⁷ ele considera possível uma mudança na “estrutura arcaica” do país. Ao referir-se especificamente aos problemas relacionados ao Nordeste ele aponta-nos em seu Roteiro de uma Nova Estrutura, no subtítulo: Operação Nordeste, críticas a estrutura política do país. Sendo o texto de Jonas Carlos sua matéria de jornal que foi divulgada no Jornal Gazeta de Notícias no dia 3 de março de 1959¹⁷⁸.

Em forma de denuncia o empresário e político questiona o leitor:

Diante do que vamos relatar, o leitor poderá observar que a chamada Operação Nordeste não passará de uma redundância de um dos maiores sumidouros do dinheiro do Brasil, ‘DNOCS’, e do atrofiado Banco do Nordeste; instituições essas que foram criadas, uma para resolver o problema das secas e a outra para fomentar a produção através do crédito.¹⁷⁹

Persistindo na crítica ele diz: “agora, perguntamos: o DNOCS já resolveu os referidos problemas e o Banco do Nordeste, o do crédito? A resposta, impreterivelmente, será esta: não.”¹⁸⁰ Sobre as instituições acima, ele afirma que: “estamos seguramente informado de que o Banco do Nordeste, desde outubro do ano próximo passado, reduziu suas operações, porque o Poder Público não paga as cotas de que é devedor.”¹⁸¹ Acreditando que o problema não se refere propriamente ao Nordeste, mas a forma que o país vem sendo Brasil administrado.

Sabemos que o meio rural e a indústria são setores diferentes, porém o segundo necessita do primeiro. Para Jonas Carlos tinha que haver uma mudança em todo

¹⁷⁷ “ O tema do trabalhismo está ligado diretamente à análise de uma formação específica do Estado brasileiro e de suas estruturas Estado brasileiro e de suas estruturas de relacionamento com a sociedade civil, entre elas os sindicatos. O tema do trabalhismo está ligado diretamente à análise de um tipo específico de Estado, o chamado ‘Estado de compromisso’. O maior símbolo da democracia trabalhista brasileira é o próprio PTB, fundado em 1945, que estabelecia como metas a obtenção e ampliação dos direitos trabalhistas, garantia de emprego, adoção de política de qualificação do trabalhador, extinção do latifúndio improdutivo e incentivo ao cooperativismo econômico(...)”

Ver: FERREIRA, Jorge.(org). O populismo e sua história – debate e crítica. Rio de Janeiro:Civilização brasileira,2001,p.154.In:http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010444782001000200012&script=sci_arttext

¹⁷⁸ Jornal Gazeta de Notícias, Fortaleza-CE, ANO XXXII, N. 9.207. p3

¹⁷⁹ Idem. P. 40

¹⁸⁰ Idem.

¹⁸¹ Idem.

território nacional, na estrutura, cuja principal medida seria resolver o social, atendendo principalmente:

a produção dos gêneros de primeira necessidade, operação essa que deve ser feitas através dos Municípios, de acordo com sua produtividade. Sem essa imediata ação constante e permanente, a indústria nascerá morta e o problema social jamais será resolvido, porque, quanto mais fome, mais difícil será a sua solução. Absolutamente, não mais estamos nos oferecendo, o que temos, porém, é autoridade para criticar o referido assunto, portanto sabemos como se produz tirando do solo e da indústria [...] Deus permita que mintamos, mas, com a prática e a experiência que possuímos, asseguramos ao nosso povo que a Operação Nordeste não passará de mais uma instituição marca DNOCS e Banco do Nordeste.”¹⁸²

Grupos e instituições organizavam-se para um possível investimento financeiro que acarretaria em mudanças significativas para capital cearense. Como foi o caso do setor têxtil. Onde a partir de 64, o Governo vigente reestruturou tal setor através “basicamente, do BNDES- Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – (com seus programas e subsidiárias) – e do CDI – Conselho de Desenvolvimento Industrial.”¹⁸³

Mesmo com esse impulso na indústria têxtil de algodão no Ceará, lembrado-se que haviam fábricas em Sobral, Fortaleza e região metropolitana que eram significativas para a economia local. Se havia essa tentativa de melhorar tal setor, não podemos simplesmente esquivar os olhares do social, ou melhor, da mão-de-obra. Se para Jonas Carlos a produção dos itens de primeiras necessidades deveria ser primordial, então o pão não pode faltar à mesa do povo.

Mas, justamente nas páginas seguintes do mesmo jornal temos a notícia que em Fortaleza o pão ficaria mais caro a partir do dia 3 de março, de acordo com a COAP:

Entra em vigor o novo tabelamento da COAP – povo pode colaborar para que seja evitada a fraude no preço e no peso – outros detalhes Entrará em vigor, hoje, o novo tabelamento do pão vendido em Fortaleza. Como se recordam os leitores em virtude do aumento sofrido (no âmbito nacional) pela farinha de trigo, resolveu a Comissão de Abastecimento e Preços conceder a majoração do preço dos produtos das panificadoras, sendo o mais atingido o pão. A partir de hoje um quilo deste produto custará, nas padarias, Cr 25 e nas mercearias e domicílios, Cr\$ 27. Os pães (unidades) pesarão 200

¹⁸² Op. Cit, p.42

¹⁸³ VIANA, Carlos Negreiros. A industrialização de algodão do Ceará (1881- 1973) Uma experiência de industrialização fora do Centro Sul. Brasília: UNB, 1988.p.221.

gramas, sendo, portanto, necessários cinco para completar um quilo. Nas panificadoras, um pão custará Cr\$5, enquanto nas residências e nas mercearias ninguém pagará mais de Cr\$ 5,40. [...] ¹⁸⁴

Como faltar pão na mesa dos fortalezenses? O aumento desse alimento fundamental e, culturalmente diário na mesa de diversas classes sociais era justificado pela COAP como a ajuste de preço devido ao preso da farinha de trigo. Claro que os mais afetados seriam os pobres.

Dentre os grupos que estimavam uma política voltada para indústria. A realidade física e social na capital há alguns anos contrastava com o tão sonhado “progresso” de Fortaleza.

Percorrendo as páginas do jornal Gazeta de Notícias de 3 de janeiro de 1964, temos um conflito de ordem pública que teve início quando o Prefeito Murilo Borges ordenou o impedimento da construção de mais mocambos no Lagamar, sendo enviado ao local a Guarda Municipal, responsável pela desocupação dos terrenos, os mesmos justificavam a demolição das moradias dos pobres defendendo-se que estavam ali apenas “obedecendo ordens do Prefeito”. Ao local seguiram uma patrulha de Guardas Municipais que estavam orientados a demolir

vários casebres de operários, localizados nas proximidades do terreno do Sr. Pedro Alcântara, ao longo do Lagamar. A reportagem de GN compareceu ao local e constatou que nada menos de 20 barracas foram demolidas pela Polícia Municipal que, inclusive, usou da violência para desalojar mulheres e crianças das casas que foram postas ao chão. ¹⁸⁵

Ao tomar conhecimento do ocorrido o “sr. José Severino, Presidente da Associação Beneficente dos Moradores do Lagamar, reuniu várias famílias e dirigiu-se ao Palácio do Governo, onde foi atendido pelo Governador Virgílio Távora”¹⁸⁶ para discutir sobre a atitude tomada pela administração municipal de Fortaleza. Após a conversa, em ânimos exaltados pelo descaso com os pobres, os apelos foram atendidos e foi enviado ao local policiais do município que impediram que continuassem a destruição de mais mocambos. Muitas famílias ficaram desabrigadas e o poder público temia desagradáveis consequências pelo ocorrido. Mas, para onde iriam aquelas famílias

¹⁸⁴ Jornal Gazeta de Notícias, Fortaleza-CE, ANO XXXII, N. 9.207. p.8

¹⁸⁵ GAZETA DE NOTÍCIAS, 03 de janeiro de 1964. ANO XXXVII, N 10603. p.5

¹⁸⁶ Idem

desabrigadas? O chefe de gabinete do Sr. Murilo Borges pronunciando-se sobre o ocorrido enviou ao jornal Gazeta de Notícias o seguinte comunicado:

Existe, em Fortaleza, um grupo explorador de mocambos que, de ontem para hoje, iniciou, no local, a construção de mais de 10 taperas. Como os casebres estavam sendo erigidos em área muito próxima à avenida Luciano Carneiro, o Prefeito determinou, então, a Guarda municipal que demolisse apenas aquelas casas que se encontravam em construção, justamente para não prejudicar as dezenas de famílias pobres que, há vários anos, residem ali. (...) O que ocorre na realidade, e que esse grupo de exploradores de mocambos, quer, sob qualquer pretexto, transformar toda aquela área da cidade em um verdadeiro mundo de casebres, o que não será permitido pelo Governo municipal, já que este está interessado é na campanha de extinção ao mocambo e não em permitir que nova rede de taperas venha a surgir em plena área central da cidade.¹⁸⁷

Os conflitos entre o poder público e os moradores dos mocambos nos leva a pensar a cidade como um espaço demarcado por fronteiras não geográficas, mas sociais. O lugar dos pobres parecia ser delimitado e demarcado por uma sociedade que se sentia incomodada com os maltrapilhos; e seus maus modos, mau cheiro, desordem e miséria que tornava feia a paisagem urbana. Como medida higienista e de ordenamento geográfico retiravam da área central os pobres. A Prefeitura encarregava os Guardas Municipais de demolir casebres que viessem a ocupar a área central, expulsando e impedindo que pobres e desordeiros viessem a ocupar, habitar ou projetar suas moradias em bairros mais próximos ao centro da cidade.

Fortaleza para alcançar os ares de “modernidade” não poderia permitir a presença de pobres, mocambos e kiosques nas ruas do Centro, talvez, isso justifique todas essas ações aqui citadas pelo jornal GN. Além desta situação incomoda, ao poder público e os moradores das áreas mais centrais da cidade, havia os “desocupados” que freqüentemente estavam nas ruas e praças prejudicando uma moral e conduta de comportamento da época. Como denuncia o Gazeta de Notícias do dia 7 de janeiro, na coluna A VERDADE É ESTA:

Futebol nas praças

Praça publica não foi feita para partidas de futebol. Acontece, todavia, que a maioria das praças de Fortaleza estão transformadas em verdadeiros estádios, com a meninada e a rapaziada (desocupada jogando «peladas»), ameaçando os transeuntes e roubando a paz dos

¹⁸⁷ Idem

que , à tardinha, procuram estes recantos agradáveis para espairecer um pouco, esquecendo as agruras de um dia cheinho de suor e luta pelo pão de cada dia.(...) Registramos o fato a título de colaboração com as autoridades municipais que já deviam ter-se lembrado das praças, todas, quase tôdas mesmo esquecidas e mal cuidadas.¹⁸⁸

A cidade deve ser compreendida como um espaço de desejos e mudanças para seus moradores. E eram nos bairros, ruas e espaços públicos que percebíamos a materialização do modo de participação de cada um, o que implicou em conflitos, reivindicações e até mesmo violência física com os que se opunham aos moldes e morais da época. A paisagem da cidade, segundo o jornal *Gazeta de Notícias*, apresentava-nos o retrato de uma Fortaleza fragmentada, de uma cidade dentro de cidades, de labirintos que muitas vezes escondia seus personagens mais insignificantes em esquinas, becos, vilas e ruelas; os quais só eram percebidos quando transgrediam as regras ou ousavam visitar espaços freqüentados pela burguesia.

O *Gazeta de Notícias* com a coluna *A VERDADE É ESTA* parecia revelar uma cidade de conflitos, sendo o jornal um forte veículo de comunicação na época.

Ainda nos primeiros dias do ano a cidade, segundo os editores responsáveis pelo jornal, presenciava conflitos entre os donos de empresas de ônibus e usuário. A situação era antiga na capital, seja pelas condições precárias dos transportes ou pelo aumento das passagens. No dia 12 de janeiro, na rua Professor Costa Mendes, no bairro Montese, tivemos a ação dos usuários que considerando abusivo o aumento das passagens construíram barricadas em boa parte do trecho da rua o que acabou obrigando “os donos de empresas de ônibus recuar, caindo, conseqüentemente, o aumento das passagens.”¹⁸⁹ A opinião pública, segundo os redatores, acusava a “má” administração do prefeito.

Na medida que Raimundo Guerreiro vivia, também, percebia o que o cercava. E quase uma década depois de migrar para capital os problemas relacionados aos serviços de transporte ainda não havia sido solucionado. Recordar-se que quando morava no bairro Porangabussu ia para o “Beco do segundo”, atual Avenida João Pessoa, para presenciar o movimento dos carros, onde geralmente circulavam *jeep's* ou as “caminhonetas Parangaba”, uma espécie de micro-ônibus, que circulava pelo bairro do mesmo nome, Parangaba. No Centro da cidade era possível ver outros tipos de automóveis, o *cadillac*, “rabo de peixe” que vinha dos Estados Unidos. Esses veículos,

¹⁸⁸ Op. cit. 7 de janeiro de 1964, ANO XXXVII, N.10606. p.3

¹⁸⁹ Jornal *Gazeta de Notícias*. 12 de janeiro de 1964. ANO XXXVII, N. 10611, p.3

privados ou coletivos, demonstravam o crescimento populacional, o que exigia pela má infraestrutura de alguns bairros uma maior necessidade de locomoção. Principalmente nos períodos de chuva.

Além dos problemas de má administração da Prefeitura, as chuvas, algo de ordem natural, piorava a situação dos fortalezenses, cujos resultados eram sentidos e visíveis nas ruas. As fortes chuvas que desabavam desmanchavam o calçamento e as águas que ficaram represadas eram focos de doenças e muriçocas. O Jornal Gazeta alertava que a lagoa da rua Costa Mendes, no bairro Montese,

merece uma providência especial do Sr. Murilo Borges, sob pena de agravar-se o problema, aumentando, logicamente, o desgaste daquele que, na campanha eleitoral muito prometeu e mereceu a confiança e boa fé do povo da capital. O problema é de fácil solução e, do mesmo quilate, outros existem e precisam de ação do prefeito, e de sua equipe de trabalho.¹⁹⁰

O Prefeito não se pronunciou ao jornal e a cobrança de cumprimento das promessas feitas aos fortalezenses em sua campanha eleitoral ficou na expectativa daqueles que mais sofriam com o descaso público, os moradores.

O descaso público não causava surpresa a senhora Zezumira Barros, que morava no bairro Porangabussu desde o início da década de 1950. Ao lembrar da antiga situação de moradia no bairro resmunga: “se eu for contar o que eu sei de Porangabuçu, rum

...!” Para ela os pobres sempre foram esquecidos pelos governantes, tanto que: “não tinha nada aqui no bairro, aqui era só lama, barro, areia. Não tinha uma pedra de calçamento, não tinha uma luz, nada! Se contava as casinhas tudo de taipa, uma aqui e outra acolá, tudo no escuro. Todo mundo era na lamparina!”¹⁹¹ E com os filhos pequenos era impossível sair de casa em dias de chuva e à noite o escuro do bairro deixava os moradores temerosos.

A moradora recorda que o único lugar realmente iluminado na capital era a Praça do Ferreira. Era “cheio de bambu. Botavam o querosene e acabar do mesmo bambu fino fazia o pavil e quando era de noite acendia. Por que a praça do Ferreira tem o nome de praça do Ferreira? Porque ali tudo tinha, faziam chave, martelo tudo era feito ali.”¹⁹² Devido a dificuldade de se locomover a pé, como os filhos pequenos, até a Praça

¹⁹⁰ Idem.

¹⁹¹ Entrevista realizada com: Zezumira Barros. Fortaleza –CE. 28/07/05

¹⁹² Idem.

dona Zezumira quase sempre ficava limitada a rua onde morava. Num suspiro profundo ela diz: “foi uma luta tão grande!”

A vida de Zezumira era o retrato da vida de uma família, cujo “chefe do lar” era operário da Cotonifício Leite Barbosa, a fábrica Santa Cecília. O salário do marido, Rodrigues Barros, era a única remuneração da casa. Para auxiliá-lo com as despesas, ela teve a iniciativa de vender carvão, que: “custava 500,00 réis a lata. Todo dia vendia carvão, pois todo mundo só cozinhava com carvão. Só ganhava o carvão do vendedor que morava na Gamilera, no bairro Bela Vista.” Ele deixava o carvão de consumo e venda, depois marcava o dia para receber o dinheiro. Como forma de pagamento Zezumira recebia um saco de carvão, o que lhe garantia o uso necessário para a semana. Além dos serviços domésticos e dos cuidados com os filhos, ela lavava roupa “para fora”, aonde aquelas famílias de melhores condições no bairro pagavam-na pelo serviço. E era desta forma que ela participava da vida econômica da casa.

O que Zezumira recebia dos “serviços” comprava alimento na “quitandazinha do seu Severiano, na buodega do seu Antonio da Núbia”. Comprava fiado e anotava numa caderneta, que ela pagava de oito em oito dias. As comprar eram feitas quando saía o salário do marido, mas quando a fábrica atrasava, então tinha que comprar “só de poquim”. Era só “500 réis de açúcar, 500 réis de feijão, 500 réis de toicim”. E dessa maneira a família de doze pessoas “passava o mês”.

A vida para a família operária não consistia apenas em sofrer. Os trabalhadores também tinham lazer, embora peculiar para a classe.

Mesmo diante das necessidades cotidianas alguns trabalhadores preparavam-se e participavam das festas carnavalescas. E o momento na fábrica Santa Cecília era de preparação para a maior festa brasileira, o carnaval. Em coluna no jornal Gazeta de Notícias, 5 de janeiro, convidava-se os cearenses para o “2º grito de carnaval no Clube Cotonifício” que ficava na proximidade da fábrica, no bairro Montese:

Hoje, como foi anunciado, no Cotonifício Leite Barbosa, haverá o segundo grito de carnaval de 1964. Por ocasião da festa será homenageado o Sr. Raimundo Bezerra, Presidente daquela agremiação, e que está, nesta data, completando mais uma primavera. Como ponto alto da noite, o conjunto contratado deverá executar uma valsa que será dançada pelo presidente e Srta. Elsa Muntezuma, convidada especial.¹⁹³

¹⁹³ Jornal Gazeta de Notícias, 5 de janeiro de 1964., Ano XXXVII, N. 10.605, Idem, p. 07

Nessas festas realizadas no Clube Cotonifício poucos eram os funcionários dos setores de fiação, tecelagem e fundição que realmente freqüentavam os bailes. Pois, exigia deles vestimentas apropriadas e dinheiro para participar de todos os rituais da festividade. Zezumira não participava das festas do Clube Cotonifício brinca: “eu só tinha duas roupas para vestir, uma estava no corpo e a outra no varal.” Ironicamente a esposa do trabalhador têxtil não tinha vestimentas suficientes.

No período do carnaval a maioria dos trabalhadores da fábrica se divertiam no bairro Montese ou em bairros vizinhos, onde havia bares e choupanas com música e bebida. Nas proximidades da fábrica haviam alguns bares que eram freqüentados pelos trabalhadores após o expediente. Raimundo Guerreiro considera que os bares eram um espaço de lazer:

A maioria dos operários bebiam. Interessante isso é um lazer para aqueles operários sabe. É muito comum, ainda hoje é assim. Naquela época era todo dia ao sair da fábrica, tinha aquele ponto de encontro. Tinha o barzinho do Zé Bezerra. A mercearia do Walter, o pessoal vivia muito lá e tinha um butecozim mesmo informal, aquela lona, assim tipo aquela coberta e se bebia ali mesmo à noite. Pra você ter uma idéia os amigos convida e é uma convivência. Aquilo era um lazer, uma distração, era uma maneira de desafogar até aquele sufoco daqueles dias de trabalho. A gente só fazia isso no término do expediente, isso era depois de 6h da noite, que era o horário que a gente saía. A gente entrava 7h e saía as 11. Voltava uma e ia até seis da tarde.¹⁹⁴

Não podemos negar que a bebida estava presente na vida dos operários. O lazer no bairro Montese para os homens praticamente se limitava aos bares ou a uma partida de futebol com os amigos em algum terreno “desocupado”.

Era assim o futebol, então por traz da fábrica Santa Cecília tinha um campo de futebol, tinha o fornecimento dos operários né? Nessa época ainda existia o sapo. Quer era um sistema de alimentação, uma cozinha industrial mantida pelo Governo Federal e servia a refeição nas indústrias. Então a gente fazia a refeição da fábrica, na sua maioria fazia a refeição no SESI que ficava ao lado da fábrica, ou melhor, por trás. Então o lazer que tinha era o futebol, com toda aquela área verde. A gente assistia alguma coisa, tinha teatro. Se fazia muito isso, eu me lembro até da época que teve uma passagem gosada. Que era quando o pessoal fazia teatrozinho lá na época da Paixão de Cristo. Aquele que empurra a coroa no Cristo tinha tomado ‘umas’ e lá para as tantas o Nascimento colocou a coroa com um

¹⁹⁴ Entrevistado: Raimundo Guerreiro. Fortaleza-Ce, 29/07/2005

pouco de força e isso não tava na peça e o Nonato disse porquê?
(gargalhadas).¹⁹⁵

Como mostra-nos Raimundo Guerreiro em suas lembranças sobre o lazer. Os trabalhadores da fábrica Santa Cecília como percebemos tinham suas vidas condicionadas a este espaço. Seja dentro da fábrica, no SESI que era um órgão ligado a FIEC - Federação da Indústria e Comércio, assim como o SENAI, SESC e SENAC, ou fora da fábrica; o bairro e parte de suas atividades pareciam movimentar-se de forma cíclica como os ponteiros de um relógio. Relógio este que a fábrica buscava introjetar simbolicamente dentro de cada funcionário. Como vimos alguns moradores no entorno da fábrica, principalmente nas vilas, eram funcionários da fábrica. Então as atividades oferecidas de lazer nas proximidades da rua 15 de Novembro eram no entorno da fábrica Santa Cecília.

Tivemos como exemplo o futebol dentro do SESI, que tinha além da atividade física oferecida aos funcionários, tinha o “sapo”, que era uma alimentação oferecida aos mesmos. O teatro para trabalhar as habilidades artísticas, que teve como tema a representação religiosa da Paixão de Cristo. Havia um controle sutil do lazer dos operários, mas mesmo assim alguns ainda burlavam ingerindo bebida alcoólica.

A bebida obviamente causava alguns problemas no ambiente de trabalho da fábrica Santa Cecília, já que havia uma disciplina nos horários e na produção. Alguns trabalhadores se excediam e chegavam ainda alcoolizados para trabalhar. A bebida muitas vezes “enganava o estômago” daqueles que não tinham como levar comida para fábrica. Desta forma, muitos faziam isso quase que diariamente.

Quem trabalhava nas caldeiras recebia da fábrica um litro de leite, alguns mandavam para os filhos. Mas, alguns trocavam nos bares o leite por bebida. Mas, isso acontecia quando “o caba era viciado”. Quando o mestre ou contramestre observava alguém nessas condições saía por justa causa. Tendo isso ocorrido poucas vezes, por tal motivo. O leite era para ser bebido pelos operários das caldeiras na própria fábrica, porém ocorreu “uma vez na portaria do caba proibir os miseráveis de mandar o leite para os filhos.” O porteiro exaltado gritou: “o leite é pra tomar lá, não é pra mandar pra filho não!”. Chegou a acontecer com um operário, o “Seu João”, que não bebia e tentou mandar o leite para os filhos em casa e o porteiro não deixou, segundo Guerreiro explicava que “era uma carência em casa!”

¹⁹⁵ Idem.

Talvez, por orientação dos contramestres, os operários foram proibidos de sair com o leite da fábrica. Para evitar o comércio e os acidentes que eram recorrentes.

Raimundo Guerreiro recorda que era justamente nas caldeiras, o pior setor da fábrica, que os trabalhadores levavam bebida:

Não é que eles levavam, eles entocava que você nem sabia, nem sentia se chegasse perto deles. Tanto que tinha um que era madeira como diabo, ele gostava de usar um pedaço de papel na boca, aquele papel grosso de embrulho tinha um cheiro. Eles levava era um que a gente chamava de burrim. É um vidrim pequeno que dava para meter na cintura e passar por aquela portaria.¹⁹⁶

Os acidentes eram comuns em vários setores da fábrica. Algumas funções exigiam uma atenção especial e o álcool desorientava-os. Os acidentes no trabalho ocorriam da seguinte forma:

o tear antigo trazido da Inglaterra, que aqui eles chamavam de flate, então esse tear quando estragava uma peça que tinha na mesa do tear. Ele era danado pra jogar lá aquela peça. Às vezes acontecia de atingir o operário. Chegava aquele acidente assim aquele pessoal da oficina. Uma fardo daquele né? Às vezes deslocava ô! O caba não agüentava subir aquele quadro. Acontecia acidente no esmeril, acontecia muito, o esmeril era danado pra acontecer acidente.¹⁹⁷

Prejuízo para a produção da fábrica e para o operário, que muitas vezes ao sair com lesões sérias do acidente, tinha mais dificuldade de ser aceito para trabalhar em outra fábrica da cidade, caso fosse demitido. Os direitos trabalhistas geralmente lhes eram negados, até porque pela falta de conhecimento os desconhecia.

Historicamente as conquistas dos trabalhadores fabris no ambiente de trabalho e os direitos trabalhistas foram sendo construídos “na luta”, como costuma frisar Raimundo Guerreiro. E nos primeiros anos de fábrica o maquinário era muito diferente:

Hoje é tudo moderno, hoje ninguém ia precisar do papoco, né?! Na época ainda era lenha, então o caba que tinha que passar o dia todim metendo lenha numa copa de forno daquela. Então ele tinha que tomar muito liquido, tinha umas que tomava era cachacinha. Tinha previsto na Legislação assegurar o soldador, o foguista, que era o que trabalhava na caldeira, pra pintor, pras profissões assim num sabe? A empresa era obrigada por lei a fornecer um litro de leite pra aqueles operários que trabalhavam naquele setor.¹⁹⁸

¹⁹⁶ Idem.

¹⁹⁷ Idem.

¹⁹⁸ Entrevista com: Raimundo Guerreiro. Fortaleza-CE, 29/07/2005.

Raimundo Guerreiro mostra-se informado sobre os direitos trabalhistas, explicitando quais os setores que eram assegurados pela Legislação Brasileira. Devemos reforçar que nem todos na fábrica eram alfabetizados e certamente não sabiam de todos os direitos que lhes amparavam.

Mas, todos tinham por obrigação pagar o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Fortaleza. Como mostra o Edital sobre o recolhimento do Imposto Sindical publicado no Gazeta de Notícias, em 5 de março de 1959:

Pelo presente Edital ficam notificados os Srs. Empregados da Indústria de Fiação e Tecelagem de Fortaleza, para descontarem na folha de pagamento de seus empregados, relativa a mês de março corrente, o Imposto Sindical, devido por esse à este Sindicato:

O Imposto Sindical é devido por todos aqueles que pertencem à categoria profissional, associado ou não e corresponde a um dia de salário qualquer que seja a forma de remuneração e o seu recolhimento deverá dar-se durante o mês de abril no Banco do Brasil S.A.

O empregador que deixar de descontar o Imposto Sindical será passível de multa de Cr\$10.00 a Cr\$ 10.000,00 nos termos do art. 508 da Consolidação das Leis do Trabalho e o seu recolhimento após o mês de abril, será acrescido de multa de 10%(dez por cento).

Os Srs. Empregadores ficam também notificados para o cumprimento do disposto dos art. 601 e 602 parágrafo único, da mesma consolidação.

As guias de recolhimento do Imposto Sindical encontram-se a disposição dos interessados na sede deste Sindicato, na rua Agapito dos Santos,734,onde serão prestadas as informações desejadas.

Fortaleza, 04 de março de 1959

Raimundo Lopes Gondim – Presidente

Onde há uma nova situação de fábrica, cidade, relações do guerreiro(moral,lazer)

O que foi que mudou?No lazer, no maquinário,na industria,etc

Ver na literatura o que mudou...

O que foi mudando na fábrica...sudene...

Uma coisa que em salta os olhos é o espanto que Guerreiro mostra sobre 1964....(para começar o cap.)

Uma mocinha de nome Socorro havia chegado á cavalo de Camocim para morar morava com a família no Porangabussu. Raimundo Guerreiro simpatizou a bela mocinha e ficava “só de butuca” passeando de bicicleta para vê-la e não demorou muito para eles começarem um namoro. A moça era do agrado de Dona Guerreira, que “aculvitava” o relacionamento. Ainda bem jovens os dois “se juntaram” e foram morar no bairro Montese numa casinha alugada que ficava próxima a fábrica, facilitando assim a vida do casal. Depois o jovem marido conseguiu “juntar um dinheirinho” e comprar um “terreninho”, onde aos poucos foram construindo a casa onde vivem até hoje, na rua Livino de Carvalho, ao lado do trilho, numa rua sem saída. Socorro, sua esposa, relata que o bairro logo que chegaram era:

só o terreno, esse mato ai era uma lagoa, só o sapo que cantava, num tinha calcamento, num tinha energia, era só areia. Um mato tão alto que cobria o trem, que quando o trem passava a gente só via a cabecinha do trem. Era só nós aqui. Era muriçoca no meio da canela, a gente de noite passava e a bicha fazia tuc,tuc, tudo cheia de sangue. Era horrível e ninguém conseguia dormi de noite.¹⁹⁹

???

Durante as décadas de 1960 e 70, Fortaleza estava sobre o domínio dos militares. E os militantes de esquerda procuravam mobilizar as massas para combater o Regime Militar. Uma das estratégias utilizadas pelos integrantes de partidos de esquerda era abordar trabalhadores na porta da fábrica Santa Cecília e convidavam-os para participar de reuniões. Dentre esses militantes estava Mário Albuquerque, que tinha possivelmente 18anos de idade. Estudante do Colégio Capistrano de Abreu em Fortaleza, no ano de 1965 foi eleito diretor do grêmio estudantil. Suas atividades estudantis tinham um cunho político, cuja atuação começou no ainda no Cesc - Centro dos Estudantes Secundaristas do Ceará. Onde em agosto do mesmo ano, realiza-se, o IV Congresso no auditório do antigo Departamento Estadual de Estradas e Rodagens - D.A.E.R. Sendo na ocasião Mário Albuquerque eleito secretário-geral do Cesc²⁰⁰. O jovem vinha de uma orientação de luta estudantil. Mas, é nas ruas da cidade de Fortaleza que sua militância ganha um aspecto mais forte na luta contra o Regime Militar.

¹⁹⁹ Entrevista realizada com: Socorro Arruda. Fortaleza- CE. Data da entrevista: 29/07/05

²⁰⁰ VER: livro do papito

Na porta da fábrica Santa Cecília, Mário Albuquerque, assim como outros jovens tentavam ganhar a atenção dos trabalhadores fabris, pois o desejo era unir forças entre estudantes e trabalhadores. Em uma bicicleta vermelha o jovem de corpo magro distribuía panfletos. Certo dia:

6 horas da manhã na troca de turno passei na bicicleta e soltei o guidom no que eu soltei a bicicleta me esborrachei no chão. Eu estava armado! Os operários me pegaram botaram e disseram corre que os cabras vão chegar aí!

????

Outro jovem que ingressou para o movimento de esquerda era Zito, que na época era estudante do Colégio São João, que pertencia ao Odilon Braveza, “um cara conservador e a favor dos golpistas.” O prédio ficava na Avenida Santos Dummont, Aldeota, que posteriormente foi demolido e construíram o supermercado “Pão de Açúcar”. Zito que estudava num colégio da “Aldeotinha”, como diziam, tinha mobilidade social, gostava de jogar vôlei, chegou a ser integrante da seleção brasileira de vôlei; gostava de festas, de música, de teatro e trabalhava com o pai. Estudava de manhã e à tarde trabalhava na cooperativa União Familiar de Consumo e Crédito de Fortaleza Limitada, na rua Pedro Pereira, 237 no Centro da Cidade. Seu primeiro emprego foi na cooperativa, por volta de “1966 ou 67, quando tinha 19 ou 20anos.” O jovem de classe média ainda tinha orientação católica:

No meu colégio tinha uns remanescente da JEC – Juventude Estudantil Católica, alguns já estavam na JUC - Juventude Universitária Católica. Tinham um ou dois remanescente que tinham contato com o do partido comunista. Eu tinha um tio que era da direção Nacional do Partidão, do PCB, França. Era de São Paulo e da minha família, minha mãe, Mariá, e alguns outros membros da família tinham horror esse negócio de comunista, tinham um medo danado de comunistas. Ser comunista era sempre um perigo. Era uma pessoa que tinha um monte de idéias esquisitas, perigosa e que queria mudar o mundo todinho e ninguém sabia pra onde²⁰¹

Os estudantes “depois do golpe de 64, os estudantes foram o setor que foi menos perseguido pelo golpe, pelo governo militar e foi o que pode de qualquer maneira expressar o descontentamento popular.”²⁰²

²⁰¹ Entrevistado: Zito. 20 de agosto de 2009. Fortaleza- Ce

²⁰² Idem.

Numa dessas ocasiões tomaram conhecimento da atuação de Raimundo Guerreiro na fábrica. Vale ressaltar que a esquerda não foi responsável pela atuação dos trabalhadores na fábrica, pois estes já se manifestavam a partir da necessidade cotidiana. A esquerda de mobilizava para agrupar e orientar o maior número de operários possíveis nas fábricas para combater uma política militar no país e principalmente no Ceará.

Em... na porta da fábrica Santa Cecílialhe convida para uma reunião do partido comunista.

As leituras marxistas , sobre exploração e revoluções fizeram com que Guerreiro se identifica-se com que ali estava sendo discutido.

Da mesma forma que havia uma campanha entre os militantes de esquerda para uma adesão de trabalhadores e estudantes ao Movimento, também havia em Fortaleza medidas educativas de combate aos comunistas na porta das escolas e em algumas instituições. Como a cartilha: Como ser advertido contra a trama comunista²⁰³, elaborada pelo Ministério do Interior, Banco do Nordeste e Assessoria de Segurança e Informações. A cartilha em formato de revista, com vinte e uma páginas e consta depoimentos da década de 1970, extraídos do jornal O GLOBO. Os depoentes compõem o cenário de um grupo de intelectuais que se envolveram e/ou eram filiados ao Partido Comunista. Inicialmente tem-se os depoimentos extraídos do jornal e posteriormente relatos de arrependimento e desconstrução de uma falsa consciência lhes apresentada pelos militantes do partido.

Frases e palavras de efeito traçam a estrutura da cartilha:

1-Estudante adverte contra trama comunista. Segue os tópicos: consciência, aliciamento, arrependimento, mentiras, simulação, pernicioso, consequências, artifícios, desumanas, outra fase, sectários, coragem.

2-Advogado rompe com PC e diz que o comunismo é totalitário

3-Integra da carta do professor que abandonou o PC. Segue os tópicos: advertência, a contestação, a juventude, confissão, duas realidades, tática, soluções, liberdade.

²⁰³ Esse material pertencia possivelmente a Rodrigues Barros ou Raimundo Guerreiro.

De acordo com a cartilha, vejamos o relato de um jovem sobre a sua experiência negativa com o Partido Comunista:

Quem dirige esta declaração, o faz consciente, como mensagem de alerta, principalmente a juventude brasileira, para que não seja surpreendida pelos que intitulo ‘defensores das liberdades democráticas e dos interesses de sua pátria, contra a ingerência estrangeira e bravos lutadores, em favor dos oprimidos contra os opressores’, pois não são outros senão os propagandistas do Partido Comunista e doutrinadores do marxismo-leninismo.(...). Consciência: Na solidão da prisão eu, Carlos Guimarães, processado pelo crime de reorganização do Partido Comunista Brasileiro, fazendo um exame de consciência, libertei-me da covardia que assedia minha alma, encorajado pelo dever de dar uma satisfação a sociedade, que hoje, talvez, me condena, escrevo esta declaração, não no sentido de justificar os meus atos, mas de alertar para que outras pessoas, em especial a juventude desta pátria que amo, não sejam envolvidas, como eu o fui. (...) ²⁰⁴

O que era ser comunista? Para muitos não havia uma compreensão no sentido literal, mas havia entre alguns jovens que estavam atrelados a discussões de cunho político e aos grupos militantes de esquerda discursos que levavam a crer que nem todo modo de pensar ou agir, restringia-se a ser um comunista. Mas, quaisquer sujeito que transgredisse as leis era tido como tal. Como exemplo temos o Sr. Teixeira que ainda em 1931 foi preso “como chefe comunista no Rio de Janeiro. Aconteceu que eu tinha apenas o curso primário; quando cheguei lá eles me perguntaram: o senhor é chefe comunista aqui no Rio?” Atordoadado com a pergunta respondeu:

o que é eu sou? Porque ficou assim cheio de comunistas. Eu digo: mas, eu não conheço essa palavra! Eu não conhecia a palavra comunista, então o sujeito ficou (pausa) era o Salgado Filho, o chefe de polícia. Ele é que ficou desorientado, mas como eu estava preso, fiquei preso. Em 1931, foi minha primeira prisão. Fui mandado apresentar a uma Companhia lá, chamada Companhia de Estabelecimento e fiquei lá até setembro. A minha primeira prisão lá vi muita gente carregada nos braços da polícia, todo arrebatado, mas essa era minha primeira prisão, eu não fiquei. Pois bem, quando sai da prisão fui as livrarias, fui a uma e comprei cinco livros sobre comunismo, inclusive o resumo do Capital de Karl Marx. Lembro desse porque os outros eram livros socialistas, eu não sabia o que era. Acabei de ler os livros e tive a convicção que eu estava certo.

Zezumira temia a morte do marido metalúrgico.

Porque apanharam muito aquelas pessoas. Um colega dele foi preso e com pouco tempo acharam o pobre morto. Parece que era João

²⁰⁴ Cartilha.p.01

Pereira o nome dele, o pobrezinho era bem pobrezinho. Ele era auxiliar de torneiro mecânico, trabalhava com o Rodrigo. A maior riqueza que esse homem deixou foi um pote, uma cabra e cinco filhos. E muito triste né mulher um negócio desse.

Os policiais chegaram a casa do João à noite e “eles botavam nesse homem um negócio aqui nos queixos dele e acochavam, botou aqui na cabeça e acochou os parafusos e quando ele disse já saiu arrastando os pés, o neto dele disse.” Rodrigo ao saber da notícia da morte do amigo metalúrgico “saiu louco com medo de morrer, viu o amigo morrer trabalhara no mesmo torno, morrer assim, né.”

Teve tanto livro enterrado lá em casa: folheto, aqueles “reivins” que escrevia nas paredes também. Enterrou tudinho pros homem não ver. Não podia continuar, se ele fosse continuar ele perderia o emprego no DNER. Preferiu parar, por que quem ia dar de comer aos filhos dele?

Durante alguns anos Rodrigues trabalhou na fábrica Santa Cecília, como mecânico na oficina. Ele e Raimundo Guerreiro mantinham-se informados e atuantes no que se dizia de interesse dos trabalhadores em Fortaleza.

Zezumira temia a perseguição e morte do marido. Nos poucos momentos de conversa que tinha com ele implorava-o: “pelo amor de Deus se desgrude desse negócio, porque ninguém não tem condições de continuar. Andou muita gente atrás dele lá em casa, mas ninguém sabia se era pra prender ou se não era.” Nesse período qualquer pessoa diferente a porta da casa era motivo de desconfiança. E a atividade de Rodrigo e principalmente de Guerreiro e outros colegas do partido eram nas ruas da cidade. Eles “escrevia nos muros, botava folheto. Ai meu Deus! Pelo amor de Deus isso ai é vida? Era chamando pra reunião, por combater a ditadura né! Mas, nunca conseguiu. Quem é que vai perder seus filhos e seu canto por causa de um negócio desse?” Nesse período a vida individual era projetada para o público. A casa e os filhos passaram a ser a rua e o povo brasileiros, todos filhos de uma mesma Nação. A vida era posta em risco, devido o confronto com os militares, mas o que estava em questão era a liberdade do povo das “mãos” dos militares. Tanto que

O Rodrigo tinha muito medo que fosse preso. Eu dizia: Rodrigo, você não tem fé em Deus? Tire isso da sua cabeça, pelo amor de Deus. Chorava agarrado comigo: Zezumira eu vou me separar de você! Não, não vai porque seu colega não vai lhe condenar, lhe decretar, porque ele já saiu sem fala. Como é que ele ia falar?²⁰⁵

²⁰⁵ Idem.

Não tinha quem tirasse aquela tinta que escreviam lá no Pirambú. Dentro de uma lata de querosene, levava dentro de uma lata de carvão, como se fosse carvão. Era no Centro Espírita, eles se juntavam que era pra despistar, porque se dissesse que era a sede do Partido Comunista eles iam ser presos. Eles iam para o Centro Espírita, La quando não tinha reunião eles faziam reunião cedo e quando terminava entregavam a chave para eles, Ai era bolo pra ninguém desmanchar mais

CONCLUSÃO

Lembro que meu primeiro contato com as máquinas foi através da minha mãe, Socorro. Zelosa comprava tecidos no centro de Fortaleza e ao pé da máquina de costura, com agulhas, linhas e tesouras vestia filhos e esposo. Eu gostava do barulho da máquina que adentrava o silêncio da noite. O som, o movimento das mãos e dos pés, um jeito exigente de cortar, costurar e observar o acabamento. E ao fim de dias de trabalho a obra de arte: a roupa. Com retalhos, agulha e linha eu repetia o movimento aprendido e apreendido pelo olhar. Vestia minhas bonecas de remendos e achava-as lindas. Acho que foi o desejo ainda não alcançado de saber fazer como minha admirável costureira domiciliar que minhas lembranças do barulho da máquina de costura me fizeram saltar para dentro de uma fábrica de tecidos.

As mãos que me guiaram para dentro da fábrica Santa Cecília não eram femininas e delicadas. Foram as mãos enrugadas e calejadas de anos de trabalho e luta dentro e fora dela do “velho Guerreiro”. Em vários momentos das entrevistas em suas narrativas ele falava do barulho da fábrica, que vinha dos teares antigos e das máquinas mecânicas de tecer e fiar tecidos, claro que o barulho era de proporções por mim não alcançadas, mas sabia que de alguma forma aquela sonoridade relatada me parecia familiar.

E foi costurando as memórias, com os retalhos amarelados dos documentos escritos e fragmentos das narrativas dos entrevistados que tentei fazer uma colcha permeada de passado. Os recortes poderiam ser outros, talvez, as linhas precisassem ser mais fortes para amarrar os retalhos das histórias. Os acabamentos não ficaram perfeitos, mesmo aos olhares atentos. Como foi difícil tecer como uma artesã que faz da matéria prima o produto final! A “colcha de retalhos” produzida aos olhares atentos de

Doutores tentou mostrar para a História do Trabalho no Ceará o colorido e movimento do passado o qual nos propusemos analisar.

O mundo do trabalho percebido a partir da experiência de vida de Raimundo Guerreiro em Pacoti e Fortaleza nos possibilitou compreender como um homem comum viveu no rural e no urbano nos anos que marcaram um período histórico relevante para a História local, tais como as secas da década de 1950, o processo de incentivos para “o progresso” de Fortaleza, a Ditadura Militar e os Movimentos Sociais e Políticos urbanos.

Este trabalho que teve como interesse trabalhar na perspectiva micro-histórica. Onde de acordo com Ronaldo Vainfas “há pouquíssimos livros na pesquisa histórica brasileira que se poderiam classificar como obras de micro-história, embora muitos façam incursões de tipo microanalítico em trabalhos de história cultural.”²⁰⁶

BIBLIOGRAFIA:

ALBERTI, Verena. Ouvir Contar: textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ARIES, Philippe. História Social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTG, 1981. p. 228

ARON, Jean- Claude. Os jovens na escola: alunos de colégios e liceus na França e na Europa (fim do séc. XVIII- fim do séc. XIX). In__*História dos jovens* (org. Giovanni Levi e Jean-Claude Schmit. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.p.138

BAUDELAIRE, Charles. Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996

BOURDIEU, Pierre. Espaço Social e Gênese das “Classes”. In__. *O poder Simbólico*, 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.p.139

BOSI, Ecléa. Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias. Petrópolis: Vozes, 1986

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

²⁰⁶ Ronaldo V, P. 162

CERTEAU, Michel de . *A invenção do cotidiano: 2.morar, cozinhar*. Petropolis, RJ: Vozes,1996.

CHARTIER, Roger. A Cultura Escrita na perspectiva de longa duração. In:__. *Cultura Escrita, Literatura e História: Conversas de Rodger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jésus Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.p.20

DECCA, de Edgar. O nascimento das fábricas. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996

FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e História Social: Historiografia e pesquisa. IN: Projeto História: n.10, São Paulo: PUC, 1993. pp73-90

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes : o cotidiano e idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GON, Maria da Glória. Teorias dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Ed. Loyola,1997

GONÇALVES, Adelaide.Trabalhador lê?.In: Revista de Ciências Sociais,v.34,N 1,2003

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota.Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza. São Paulo: Annablume, 2003

MARGLIN, Stephen A. Origem e funções do parcelamento das tarefas: para que servem os padrões? IN: André Goz(org.). *Divisão Social do Trabalho e Modo de Produção Capitalista*. Lisboa: Escorpião, 1976. p.39-77

MONTENEGRO, Abelardo F.Os Partidos Políticos do Ceará. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará, 1980. p.120

NOGUEIRA, Maria Alice e NOGUEIRA,Cláudio M. Martins.Bourdieu & a educação. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006

OCHOA, Maria Glória Wormald. As origens do movimento sindical de trabalhadores rurais no Ceará 1954-1964. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará / Stylus Comunicações, 1989.p.80

POLLAK, Michel. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro.“O que faz a história oral diferente”. IN: **Projeto História:** Revista do Programa de Estudos Pós- Graduados em História: São Paulo-SP,1981

PORTO, Marcio de Souza. Dom Delgado na Igreja de seu tempo (1963-1969). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará/Departamento de História/Programa de Pós-Graduação em História,2007.p.67-68

RIBEIRO, Francisco Moreira. De cidade a Metrópole (1945-1992). In SOUSA, Simone de *et all. Fortaleza. A Gestão da Cidade* (Uma História Político-Administrativa). Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza/NUDOCUFC, 1995, p.73

RIOS, Kênia Sousa. A vida contada, na escrita da História e em outras letras. IN: Em Tempo: História, Memória, Educação. RIOS, Kênia Sousa e Filho, João Ernani Furtado(org.). Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Companhia das Letras: Belo Horizonte, UFMG, 2007. p.10

THOMPSON, E.P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

THOMPSON, E.P. *A Formação da classe operária Inglesa*. RJ: Paz e Terra, 1987

VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história: micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002

VIANA, Carlos Negreiros. *A Industrialização de Algodão do Ceará (1881- 1973)*. Uma experiência de Industrialização fora do centro-sul. Dissertação de Mestrado em Economia da Universidade de Brasília, UNB. 1988